

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Mel Yan Muccillo Gonçalves
(Melina Muccillo Gonçalves)

CALEIDOSCORPE em espelhos d'água:
entre *INFORMAÇÕES* e *INCORPORAÇÕES* em fluxo

Florianópolis

2023

Mel Yan Muccillo Gonçalves
(Melina Muccillo Gonçalves)

CALEIDOSCORPE em espelhos d'água:
entre *INFORMAÇÕES* e *INCORPORAÇÕES* em fluxo

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas.
Orientadora: Ariana Sousa de Moraes Sarmento

Florianópolis

2023

Gonçalves, Melina Muccillo

Caleidoscorpe em espelhos d'água : entre informações e incorporações em fluxo / Melina Muccillo Gonçalves ; orientadora, Ariana Sousa de Moraes Sarmiento, 2023.

94 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Corpo. 3. Educação. 4. Cartografia. 5. Linguagem corporal. I. Sarmiento, Ariana Sousa de Moraes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Mel Yan Muccillo Gonçalves

(Melina Muccillo Gonçalves)

CALEIDOSCORPE em espelhos d'água:
entre *INFORMAÇÕES* e *INCORPORAÇÕES* em fluxo

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Florianópolis, 01 de dezembro de 2023.

Prof. Daniela Cristina de Toni, Dr. Biologia Animal
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento, Ms.^a em Educação.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Danieli Alves Pereira Marques, Dr.^a em Educação Física
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Simone dos Santos Ribeiro, Ms.^a em Educação Científica e Tecnológica.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado as minhas raízes familiares, minha rede de pessoas-afetos-amigues, às professoras que me inspiraram a seguir em processos formativos, aos seres não-humanos que me acompanham, aos nossos gestos-eco, às culturas ancestrais que fecundam as linguagens corporais no mundo, ao brotar da dança em nós, às alunas, alunos e alunes que me acompanharam no fazer-se profe., às crianças-sementes e aos possíveis solos férteis que estas palavras venham germinar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família de educadores. Ao meu pai Alfeu que me deu apoio afetivo e financeiro para que eu insistisse nos processos formativos da graduação, e a inspiração pelo exercício de professor-sujeito-político e sua constante mirada aos horizontes de um mundo mais justo. A minha irmã Michele que me ensinou a ler as horas no relógio (tarefa difícil para outra criança), fazia com que eu fizesse tarefas de aula através da brincadeira e estava comigo, desde muito antes de eu entrar na faculdade, nos primeiros desejos e lampejos lúdicos de pesquisar linguagens corporais nas Ciências Biológicas. A minha mãe Nina que me iniciou no caminho da dança, pouco tempo depois que aprendi a caminhar, aguentou a minha vontade de docência precoce, quando tentava participar da gestão das aulas de balé e me inspirou também investindo na prática da linguagem da dança, com os seus alunos, nos processos de alfabetização, em seu último ano de professora em escola pública. À Ana Clara, sua leveza e afeto que sempre me contagiam e alentam, assim como a inspiração dos seus dedos falantes-dançantes presentes neste trabalho.

Agradeço as minhas amigas-irmãs amadas Miriam, Sofia, Luiz, Danielle, e outras, que têm sido minha família nestes últimos anos, nesta ilha da fantasia.

Agradeço as parcerias dos aprendizados das artes da cena: o grupo da peça “Até Então Era um Risco”, Jeraldi, Madu, Jerusa, Rafa, Luiz, Pami, outras pessoas passantes e em especial as diretoras Bárbara e Marcela, proponentes de uma jornada de criação bonita e politicamente potente. Agradeço a todas, todes e todos do Grupo de Extensão e Pesquisa Compondo Gestos da UFSC.

Agradeço às professoras e professores que me inspiraram durante a graduação, seguraram minha mão antes que eu escorregasse tantas vezes pra fora da universidade, desde a minha primeira tentativa na UFRGS, acompanharam as minhas descobertas e paixões pela arte da docência: Gema Conte Piccinini, Heloisa Junqueira, Paulo Brack, Andrea Marrero e Davi Codes. E em especial a professora Danieli Marques que mediou o meu segundo e definitivo reencontro com a dança e a descoberta da TKV, além de muitas inspirações através de seu olhar afetivo e seu exercício docente como professora, educadora, orientadora das pesquisas do movimento, nos últimos anos do meu percurso de graduação, sendo uma referência também na ética das relações nas ciências das artes docentes.

Agradeço a Sala Verde da UFSC e a CGA, onde estagiei e participei de projetos de extensão.

Agradeço a Ceila Portilho Maciel, por ter sido consultora do meu projeto de TCC e contribuído de forma sensível e potencializadora nos primeiros passos desse percurso. E também agradeço a Simone dos Santos Ribeiro por ter carinhosamente aceitado o convite para banca de avaliação deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora de TCC, Ariana, pela paciência, parceria, trocas e todas as orientações neste longo percurso de pesquisa. Foi muito importante ter esse olhar sensível, de uma admirável educadora, com os meus processos com a escrita, a leitura e tudo mais. Com sorte ainda encontrei com uma educadora da área das Ciências Biológicas que também compartilha das pulsões e preocupações com as necessidades e atenção ao corpo e suas linguagens.

"As pontes construídas em meio à turbulência dos saberes podem e devem representar uma chave que não ameaça, mas, ao contrário, é capaz de nos aproximar daquilo que nos vincula a outros sistemas inteligentes da natureza, apostando na negação da hegemonia epistemológica e dos dualismos corpo/mente e natureza/cultura. A partir daí, será finalmente possível reconhecer a diversidade de estados corporais, mas sem jamais purgá-los do fluxo inestancável." (GREINER, 2005)

RESUMO

Esta pesquisa cartográfica tece caminhos de minhas percepções, perspectivas e vivências enquanto investigo as possibilidades de relações do eu – corpo, em movimento. E como essas relações podem reverberar em processos educativos. Estes caminhos se encontraram com corporalidades, espacialidades, saberes, subjetividades, educação, pesquisa, epistemologias e identidades. E foram narrados de diferentes formas: com histórias, imagens e uma escrita que se propôs a movimentar-se com a pesquisa. Traçando percursos de um rio que ora dança em meio às ciências da natureza, ora em meio a declives e contornos de espaços formativos ou relativamente não-formativos, e que vão compondo corpos. Move-se para o lado das artes do corpo, aproximando-se de “outras” perspectivas e concepções não eurocentradas sobre o corpo, o corpo em movimento, a dança, mas que, intermitentemente, rema em direção à educação, às possibilidades de reinvenção dos modos de pesquisar e aprender, na investida de abrir caminhos epistemológicos que valorizem a diferença e a diversidade de corpos, linguagens, seres e saberes, no pensar educação em ciências. Ou minimamente, abrir pequenas frestas em barragens coloniais monoculturais incorporadas no fazer pesquisa acadêmica e/ou no fazer-se sujeito professor-cientista-artista em formação contínua, diluindo fronteiras disciplinares, diminuindo hierarquias de linguagens, criando outras linguagens com histórias e imagens construídas com e a partir de um corpo em pesquisa. Mirando na necessidade de criarmos coletivamente outras ficções políticas para semear outros mundos, tecidos por uma rede de sentidos, de afetos, de pontos de contato, que se movimentam de forma consciente, presentes.

Palavras-chave: Corpo. Educação. Cartografia. Linguagem oral, Linguagem corporal.

ABSTRACT

This cartographic research weaves paths of my perceptions, perspectives, and experiences as I explore the possibilities of relationships between the self - body, in movement. And how these relationships can reverberate in educational processes. These paths encountered corporalities, spatialities, knowledge, subjectivities, education, research, epistemologies, and identities. They were narrated in different forms: through stories, images, and a writing that aimed to move along the research. Tracing routes of a river that sometimes dances amidst environmental sciences, sometimes amidst slopes and contours of formative or relatively non-formative spaces, and that compose bodies. It moves towards the arts of the body, approaching "other" perspectives and non-Eurocentric conceptions of the body, the body in motion, dance, but intermittently rows towards education, towards the possibilities of reinventing ways of researching and learning, in the endeavor to open epistemological paths that value the difference and diversity of bodies, languages, beings, and knowledge, in thinking about science education. Or at the very least, opening small cracks in colonial monocultural dams incorporated into academic research and/or in becoming a teacher-scientist-artist in continuous formation, dissolving disciplinary boundaries, reducing languages' hierarchies, creating other languages with stories and images built with and from a body in research. Aiming at the need to collectively create other political fictions, in order to sow other worlds, woven by a network of meanings, affections, points of contact, moving consciously, present.

Keywords: Body. Education. Cartography. Oral language, Body language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Colagem digital. Corpe Escrita.....	17
Figura 2. Colagem digital. <i>Lifes</i> no mundo, e o mundo nas <i>lives</i> e <i>likes</i>	20
Figura 3. Desenho digital. Perspectivas “das metodologias”.....	36
Figura 4. Desenho digital. Perspectivas de Relações.....	38
Figura 5. Fotografia. Cena do corpo velado.....	46
Figura 6. Desenho e aquarela. Dicotomias da colonialidade.....	54
Figura 7. Questionamentos de Mafalda.....	56
Figura 8. Desenho digital. Caleidoscópio Polissemântico.....	58
Figura 9. Colagem digital. Meus Lestes – em Arambaré, POA e Floripa.....	60
Figura 10. Fotografia. Um barco naufragado. Fronteiras diluídas. Território entrelaçado.....	63
Figura 11. Colagem digital. Ayawasca em Mim e pinheiros exóticos também.....	69
Figura 12. Desenho digital. Brotar-se de sentidos.....	72
Figura 13. Fotografia e colagem. Poesia Exusíaca.....	75
Figura 14. Colagem digital. Corpe Onça.....	83

SUMÁRIO

1 CORPES INTRODUTÓRIOS.....	15
1.1 CORPES NASCENTES (I).....	15
1.1.1 <i>Um convite para dançar</i>	15
1.1.2 <i>Do processo de escrita</i>	16
1.2 CORPES NASCENTES (II).....	19
1.2.1 <i>Atravessamentos de escrita e não escrita durante a quarentena</i>	19
1.2.2 <i>Passeando pelo Foco</i>	20
1.3 CORPES NASCENTES (III) – REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	23
1.3.1 <i>Por onde Dança minha Canoa?</i>	23
1.4 CORPES RESSURGENTES – MOTIVAÇÕES, INSPIRAÇÕES E JUSTIFICATIVAS.....	25
1.4.1 <i>Outras identidades e lugares de fala</i>	25
1.4.2 <i>Meus Voos por Janelas da Distração</i>	27
1.4.3 <i>Corpes Neurodivergentes</i>	29
1.4.4 <i>Potência Performativa</i>	31
1.4.5 <i>O lugar do mito, a criação de mundos e as possibilidades pedagógicas</i>	33
2 CORPE DA METODOLOGIA EM PERSPECTIVA CALEIDOSCÓRICA.....	36
2.1 METODOLOGIA DE PESQUISA: UMA CARTOGRAFIA EM TERRITÓRIO DAS RELAÇÕES CORPES, ESPAÇOS E SABERES.....	37
2.1.1 <i>“Corpeágua” de “Pesquisadoraprendiz”</i>	39
2.1.2 <i>Geografia do Rio</i>	39
2.1.3 <i>Ser Rio, ou Água, e ou “Rioágua”: Cartografando Caminhos Rizomáticos</i>	39
2.2 METODOLOGIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS E A METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA ESCRITA.....	41
2.2.1 <i>Escola Vianna é um leito de um rio: o corpo em relação e em fluxo de pesquisa</i>	41
2.2.2 <i>Pesquisa Somática Performativa como modo de experiência estética da escrita</i>	42
3 CORPE PRESENÇA.....	43
3.1 HABITAR-SE CORPE E ESPAÇO: QUALIDADE DE PRESENÇA.....	43
3.1.1 <i>As pontes do Corpomídia</i>	44
3.2 MORRI MUITAS VEZES NAQUELES ENCONTROS.....	45
3.3 ESTÍMULOS À PRESENÇA POR VIAS DE LINGUAGEM, PROFESSORAS COMO PROVOCADORAS DE PONTES POSSÍVEIS.....	47
4 CORPE IDENTIDADES E LINGUAGEM.....	49
4.1 BARRAGENS NOS CAMINHOS: EXTERNAS, INSCRITAS E INCORPORADAS.....	49
4.2 CRIAR POROS ATRAVÉS DA ESCRITA.....	51
4.3 UM GESTO-ECO, UM TESOURO NAUFRAGADO.....	55
4.3.1 <i>Ambientes escritocêntricos?</i>	55

4.3.2	<i>Dislexia, potências e limites dados com o texto ou dados pelo contexto?</i>	57
5	CORPE ESPAÇO E AMBIENTE	59
5.1	DE FRENTE PARA O LESTE.....	59
5.2	TERRITÓRIO ENTRELAÇADO.....	61
5.2.1	<i>Desacomodar</i>	65
6	CORPE SABERES	65
6.1	SABERES ACADÊMICOS DA BIOLOGIA EMERGIDOS EM UMA CORPORALIDADE AQUÁTICA.....	65
6.2	O QUE PODE UM DEDO EM DANÇA?.....	67
6.3	O LABIRINTO DA LINGUAGEM: CRUZANDO CAMINHOS MOSAICOFLUIDOS.....	73
7	CORPES AFLUENTES	77
7.1	“OUTRAS” PERSPECTIVAS DE DANÇA, CORPOE INVESTIGAÇÃO.....	77
7.1.1	<i>Jeroky: “outra dança”</i>	78
7.1.2	<i>O corpo água, onça, fumaça: “outros corpos”</i>	80
7.1.3	<i>Aprendendo a Andar com as Onças: “outras maneiras de pesquisar”</i>	83
7.2	UM “CORPO MORTO” NA ESCOLA: EPISTEMICÍDIOS.....	84
8	CORPE DELTABETIZADO: FAZER PESQUISA, LER A PESQUISA, TECER REFLEXÕES	86
8.1	O QUE SE FEZ E O QUE SE ESPERA?.....	86
8.2	REFLEXÕES DO PROCESSO: QUAL IMAGEM TEMPORÁRIA HÁ NO CALEIDOSCORPE DESTE TEXTO?.....	87
8.2.1	<i>Desafios de tessitura de conceitos e diálogos de diferentes matrizes</i>	88
8.3	POR ÚLTIMO, UMA RETOMADA E/OU OUTRA COMPOSIÇÃO.....	89

1 CORPES INTRODUTÓRIOS

1.1 CORPES NASCENTES (I)

1.1.1 Um convite para dançar

Assim como brotam as nascentes e crescem os rios, com as nuances e imprevistos do relevo. Numa dança geomorfológica. Vou fazendo meu caminho ao passar. Fazer-se broto, movimentar-se por caminhos de territórios entrelaçados, entre labirintos, poros, barragens, ecos de si. Andar com as onças, vestir-se de água, desviar-se das mortes, “morrer bem morrido”, cruzar as esquinas, pedir licença, criar fissuras, meter o pé na porta, experimentar, pesquisar, pesquisar-se. Fazer-se broto flexível. Corpar. Dançar.

Ser pesquisador e objeto pesquisado fez com que eu vasculhasse cantos da minha existência e trouxesse a minha escrita e pesquisa, dobras e entrelaçamentos que eu mesmo¹ só consigo compreender e organizar na medida em que caminho, escrevo, corporifico. Num tempo com dobras e curvas, que pensa o fim, escreve o começo, ou ao contrário, pensa nos ancestrais, lembra do futuro, organiza o passado e, por vezes, esquece-se deles.

Nestas dobras de mim, nas nuances do relevo de ambiente e nos entrelaçamentos disso tudo estão minhas experiências com aprendizagens, com percepções corporais e de mundos, estão aspectos culturais que constroem e desconstroem identidades, corporalidades, estão questões de gênero (não binário), heranças culturais, epistemologias, contextos sociais e políticos etc. Esses aspectos resultam em volume, forma de movimento, vazão, de meus cursos d’água e curso de graduação; meus processos e trajetos, meus processos de pesquisa de TCC.

Dessa forma, ao longo do percurso, entendi que minha proposta de escrita e de pesquisa passam pelo que Jaider Esbell nomeou como performance decolonial. O artista Jaider Esbell, ao encorajar sujeitos em processo de afirmação de identidade, fala que: “Rastrear suas raízes mais profundas é um exercício que se faz quando se decide pela hora de enfrentar de fato as camadas de soterramento que a tentativa de apagamento depositou sobre os corpos coletivos” (MAKUXI, 2020). Jaider diz que a afirmação de uma performance decolonial prescinde que estejamos conscientes de que nossa forma de desenvolver as nossas relações sociais e políticas são pautadas em valores que antecedem o estabelecimento do

¹ Ao longo do texto, utilizarei marcações linguísticas de gêneros binários e gêneros não binários. Utilizo flexões verbais, pronomes e artigos referidos a minha pessoa como forma de visibilizar a minha não identificação com gêneros binários. Porém, sem compromisso em seguir compulsoriamente uma identidade fixa e sim uma possibilidade de transitoriedade, alterno entre terminações binárias e não binárias. Utilizo estas flexões também quando me refiro a outras pessoas com identidade não binária.

Estado. E assim, “certamente teremos embates constantes com a questão legal [...] quando não criminalizados e punidos” (MAKUXI, 2020).

Ao investigar “outras”² maneiras de se relacionar com os saberes, os espaços, o corpo, a subjetividade, encontrei um embate político. Que, por vezes, torna o caminho uma batalha que exige disciplina e resistência para ter atitudes de rupturas.

Estes fenômenos de resistência são como olhos d’água, que, como bem mostra a geologia, são pontos de erupção de algo muito mais completo e complexo, fazendo parte de uma intrincada rede que se forma e se mantém muito mais abaixo ficando, portanto, protegido da ação aniquiladora, vindo uma hora a irromper à superfície. A ideia de uma infiltração em uma estrutura aparentemente sólida é como as performances decolonias se consolidam. (MAKUXI, 2020).

1.1.2 Do processo de escrita

Iniciei meu projeto de pesquisa de TCC fazendo reflexões e relatos com algumas recordações do início do meu percurso escolar e processos pedagógicos com saberes escolares e não escolares. Depois, aos poucos, minha pesquisa foi dançando, traçando formas. Conteí experiências mais recentes com o grupo de dança-teatro, vivências em aulas, com as medicinas da floresta, fazendo um leque maior de relações. Experimentando e organizando meus focos, fui entendendo o que eu estava pesquisando na medida em que ia realizando, lendo, escrevendo, me movendo entre as artes do corpo e da escrita.

Construí relatos e registros com minhas experiências e percepções de meu eu (corpe) em relações. Revisitando muitas memórias, pude perceber e refletir sobre diferentes relações possíveis de serem entrelaçadas ao corpo: saberes, espaços, linguagem, presença e identidades. A partir dessas memórias, compus ensaios experimentando formas de estudar essas relações. Estes ensaios estão em coloração marrom.

Há momentos que observo minha “não expressão” corporal e estabeleço diferentes relações. Algumas vezes, a “não expressão” tem a ver com as construções monoculturais de gênero na subjetividade; outras com regras de comportamento em vigor na sociedade ocidental e eurocentrada que vivemos, ou com o tipo de epistemologia proposta numa atividade acadêmica ou escolar, por exemplo. Houve instantes em que, através dos

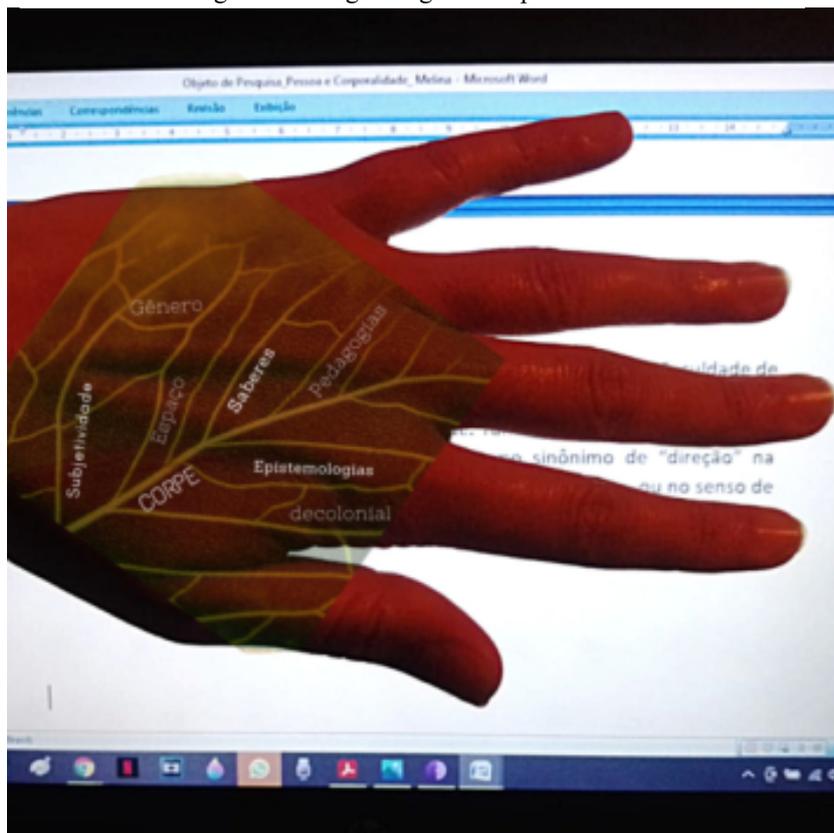
2 Quando digo “outras” minha linguagem já está tomada por estratégias linguísticas coloniais. Pois neste “outras” há um ponto de referência. Este ponto de referência é aquele que se pretende ser o centro e ser universalizante. Tudo que fugir desse centro é “outro”, e precisa de “parênteses” para ser nomeado. Essas “outras” maneiras de se relacionar com saberes, corpos, espacialidades, possuem origens diversas e estão em um “balaio de gatos”, muitas vezes, escondidas. Como estratégia de “fuga/enfrentamento” (ginga), eu utilizei ao longo do texto as aspas com as palavras “outros” e “outras” para lembrar e marcar este lugar referencial de “outro” que só é “outro” em relação a um referencial que se pretende à centralidade hegemônica.

movimentos corporais, encontrei com entendimentos sobre assuntos que, por via corporal, acabaram tomando outras proporções no meu percurso. Porém, estes movimentos puderam ser proporcionados devido a algumas qualidades características do ambiente em que eu me encontrava.

Penso que o emaranhado de relações que fui traçando, seja uma forma organizativa, talvez um pouco incomum, de propor olhares sistêmicos que, organizados de determinada forma, estejam ligados como uma teia rizomática, tanto na temática e quanto na metodologia desta pesquisa.

Por isso, mesmo que, em alguns momentos de leitura inicial do texto, este emaranhado de ideias pareça coisas de mais para um TCC e ou traçarem linhas por caminhos que parecem perdidos, isso tudo tem um sentido que, durante a leitura tende a ir se assentando. (Figura 1)

Figura 1. Colagem digital. Corpe Escrita.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao longo desse processo de composição e pesquisa, a própria escrita do TCC também expressa esses movimentos, transfigurações, tensões, barragens e emoções que atravessam o corpe da pesquisadora. Compondo assim o que chamei de “escrita

preferomática”, inspirado na “pesquisa somática performativa”, na qual discorro um pouco na parte em que falo sobre as metodologias.

Não escrevi de forma linear. Escrevi introduções, justificativas, reflexões, conclusões, de forma intermitente e traçando rotas na medida em que avanço nas temáticas. Escrevi reflexões e relatos de um passado distante, infância, passado mais próximo de dez anos atrás, e muito próximos, de dois anos atrás. Escrevi também sobre o agora, sobre o pesquisar, o escrever. Escrevi também sonhos e desejos futuros. Porém, tentei organizar de forma que leitores possam encontrar-se, aproximando diálogo de concepções de padrões convencionais de TCC e, portanto, caminhos já conhecidos, e as particularidades desse percurso de pesquisa.

Nesse percurso, há uma certa mistura de formatos. Essa mistura tem a ver com as minhas formas de construção de conhecimento, escrita, pensamento, linguagem, ligadas a neurodivergência³, as quais diferem, em alguns momentos, do atual padrão de apresentação de pesquisa.

Penso que para a maioria das pessoas neurodivergentes não é fácil adaptar-se a padrões fixos. No meu caso, segundo meus diagnósticos, sou Disléxica, TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), Altas Habilidades. Características que além de me gerarem dificuldades em algumas áreas, também possuem habilidades (ou diversidade) de construção linguística e de subjetividades, de percepções diferenciadas e múltiplos olhares, por exemplo.

E por se tratar de corpo, neste emaranhado em que a escrita do trabalho se desenvolve, há também Indisciplina⁴. Gênero fluido sujando as regras gramaticais vigentes da atualidade, visto que minha escrita performática também faz parte do modo de fazer pesquisa (pesquisa somática performativa). E, por fim, há um trânsito entre diferentes áreas de conhecimento que me nutriram ao longo do percurso, as quais eu penso terem também influenciado no meu modo de escrita, mesmo que eu não perceba ou não saiba identificar e discorrer sobre isso no texto: biologia, educação, artes cênicas e antropologia.

3 Entendendo a neurodivergência como um perfil neurológico considerado fora do padrão, que se apresenta como uma divergência cognitiva ou transtorno psicológico nas atuais classificações e entendimentos dos estudos de saúde mental.

4 Termo proposto por algumas autoras que defendem a insuficiência da “colagem” de conhecimentos disciplinares. Segundo Christine Greiner a indisciplina caracteriza o corpo e para tratar do corpo é necessário mais que trans e interdisciplinariedade. (GREINER, 2005).

1.2 ____ CORPES NASCENTES (II)

1.2.1 Atravessamentos de escrita e não escrita durante a quarentena

Eu recém tinha começado a escrita desse TCC, quando o mundo foi tomado pela Pandemia de Covid-19. Estava no primeiro semestre de escrita quando as aulas foram interrompidas e eu estava de mudança.

Realizar a pesquisa de meu TCC na quarentena, no início, naquele momento, foi assim: sem vontade e inspirações para ler e escrever, um mundo de coisas a me preocupar que vão muito além da minha pesquisa, uma mudança, um filho enteadado e todo um universo em torno das necessidades de uma criança, uma pandemia, sustento, alento de meus entes queridos (que ficaram meio soltos no meio disso). Como recomeçar? Como continuar?

Logo no início da pandemia vi um monte de “*Lives*” sendo anunciadas, mas, com a recente vida de mãe⁵, eu não tinha tempo de assistir nada. Vi a vida entrando nos fios e nuvens de dados, assistindo uma espécie de maravilhamento da sociedade com o início de uma nova era de TI (Tecnologia da Informação). Vi um exacerbado processo de aumento de espetáculos, em *lives*, “mais que massivos”. Algo que me pareceu mais um grande anestésico diante do terror de uma pandemia, com tantas mortes e dificuldades, num país em (des)governo, sob a presidência de um governo negacionista e fascista. Eu não entendia como todo mundo podia estar sentado assistindo “*lives*” enquanto o mundo pegava fogo.

Enfim, até que assisti minha primeira *live* de pandemia. Uma apresentação do *Cirque Du Soleil*. Então uma imagem traduziu boa parte do que eu sentia naquele momento. Era uma pessoa pegando fogo, sem se dar conta, enquanto lia o seu jornal. Aquele jornal que o personagem lia, para mim, era aquela enxurrada de *lives* que eu tanto estranhava. Fiz uma colagem com esta imagem (Figura 2):

⁵ Nome que mistura “mãe” e “pai”, na (re)invenção da “linguagem não binária”.

Figura 2. Colagem digital. *Lives* no mundo, e o mundo nas *lives* e *likes*



Fonte: Elaborada pelo autor.

Passei alguns meses de “corpo parado”, sem movimentos criativos, nem exercícios e indo o mínimo possível até a feira ou a padaria. Com muitos pensamentos de preocupação e medo do vírus Sars-coV-2, da possibilidade de adoecer de covid-19 e do contexto político do meu país. Tive inúmeras crises de pânico e ansiedade. Foi muito difícil voltar a pesquisar e escrever sobre o corpo sem estar de fato me movimentando.

Ao longo desse tempo, assisti um bocado de *lives*. Voltei a estudar de forma remota e, entre paradas e movimentos da pesquisa de TCC, voltei a me movimentar nas disciplinas de Artes Cênicas da UFSC. Assim, voltei a escrever meu TCC.

Depois disso, ainda tiveram mais vezes em que eu parava com as atividades físicas e simultaneamente parava com a pesquisa de TCC, ou continuava com uma dificuldade aumentada. Esse processo me fez afirmar ainda mais a necessidade de olhar para as epistemologias de corpos moventes e as motivações pessoais de realizar esta pesquisa.

1.2.2 Passeando pelo Foco

No meio de tudo isso, neste período de pandemia, eu me perdi. Depois de alguns dias sem “meu Leste” (ponto de referência), assisti um trecho de um vídeo, li um trecho de um artigo e lembrei: no início o que eu queria era dar aulas de biologia numa dinâmica de corpos

moventes. Aulas de ciências sem cadeiras enfileiradas e inertes. Mas antes disso, me perguntei: como poderia EU estudar Ciências Biológicas com meu corpo em movimento? Em que momentos sinto/percebo meu corpo em movimento? Como tais movimentos, muitas vezes, vivenciados em espaços não escolares influenciam na construção de minha ideia de corpo e multiplicam os corpos possíveis na Educação em Ciências?

Imaginar-me investigando isso, me fez pensar nas limitações que me atravessavam. Encontrei com vários atravessamentos que já estavam ali atravancando o caminho desde meu projeto de TCC, antes da quarentena. A diferença que eu sentia de disponibilidade do corpo na UFSC e na UDESC, a opressão de gênero que reverbera na minha expressão corporal, padrões gerais de normatividade de minhas expressões etc.

Então, comecei a escrever sobre memórias de percepções de corpo, com todos os atravessamentos que foram possíveis dar-me conta.

Quando me perguntei sobre “como poderia EU estudar Ciências Biológicas com meu corpo em movimento?” eu sabia que não tinha a intenção de fazer uma coreografia mimetizando a célula ou os processos fisiológicos. Ainda que essa estratégia pudesse ser também interessante e um possível caminho de pesquisa, não era nesse sentido que eu gostaria de remar. Minhas intenções de pesquisa são em torno de corporificar a educação, é sobre vivenciar os saberes pelas entranhas, e misturar-me com o espaço, escorregar e compor junto ao ambiente, como processo, mesmo quando a temática seja sobre o Complexo de Goldi.

É sobre desfazer-se da inércia fragmentadora, fruto da herança do carregamento colonial (RUFINO, 2019, p.9), que recai sobre corpos e subjetividades, em quase todas as áreas de conhecimentos, em todos os espaços, inclusive os espaços educacionais.

Através da linguagem típica em terreiros de cultura de matriz africana, na capoeira e outras manifestações culturais afro-brasileiras, Rufino traz a ideia de carregamento colonial como sendo obra e herança colonial, a má sorte e o assombro propagado e mantido pelo espectro de violência do colonialismo; a condição da América Latina submetida às raízes mais profundas do sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno eurocentrado e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do **ser, saber e poder**.

A “colonização do ser, saber e poder” é um entendimento, o qual se apoia Rufino, trazido por Aníbal Quijano, sociólogo peruano, que analisou historicamente o capitalismo e sua base colonialista, e apontou estas categorias para discernir os enjambres do sistema de pensamento ocidental europeu.

Esta leitura de processo tem sido importante em estudos que visam romper com as amarras coloniais, pois facilita a identificação, a visibilidade, do eurocentrismo, e a reflexão crítica para a superação da colonialidade, nos estudos decoloniais.

Em algumas linhas de pesquisa de ensino científico e tecnológico estes estudos têm sido uma ferramenta para criar alternativas de transpor a universalidade imposta pela colonialidade do saber, dentre estas está a não-neutralidade e a inclusão da subjetividade na produção, circulação e apropriação social de saberes. Junto ao entendimento de que a problemática que envolve as relações com o conhecimento e sua circulação passa pela linguagem (VON LINSINGEN; CASSIANI, 2010).

Gosto da definição que traz Luiz Rufino quando aproxima o conceito de colonialidade para perto da ideia de “carrego colonial”. Pois junto à ideia de algo que assombra, Rufino atrela também com isso a ideia de “descarrego”, de “despacho do assombro”. A possibilidade de livrar-se do “carrego”, da má sorte de “assombro colonial”.

Por outro viés, Aimé Césaire (2020) contempla os modos de imposição da colonialidade sobre a América Latina e a África dissecando os conceitos duais que criam oposições justificativas para as guerras contra os povos, o apagamento das culturas, o epistemicídio e o racismo epistemológico. As relações fabricadas na indústria binária da Guerra Santa colocam a civilização ao lado do cristianismo e o “selvagem” ao lado do paganismo. Constantemente se reatualizando, a justificativa civilizatória de expansão tecnológica e de um conceito único de humanidade é continuamente dada como mote para a expansão dos mercados, da exploração do trabalho e junto a ela a investida de apagamento epistemológico.

As religiões de matriz europeia embasaram por séculos os discursos racistas, como separar quem tem alma e quem supostamente não teria alma, que sustentaram o discurso de dominação e exploração dos povos africanos e indígenas, nos continentes América e África. Entendo que do mesmo modo, atualmente a produção científica, muitas vezes, se utiliza dos discursos que deslegitimam os conhecimentos dessas populações, desde suas bases, até nos seus modos de produção. O apagamento dos saberes, o epistemicídio e o racismo epistemológico são atualmente o que outrora foi, pela perspectiva religiosa, o “apagamento das almas”.

Penso que, decorrente desses processos colonizadores epistemicidas, não percebemos, na maior parte das disciplinas escolares, o quanto o corpo e as linguagens

corporais estão imbricadas nos processos educativos. Pois, com o apagamento da produção de saberes via linguagens orais e corporais, se processa também a “desaprendizagem” das escutas e das leituras das grafias processadas pelo corpo. Portanto, favorece-se, ainda mais, a invisibilidade das corporalidades e das linguagens corporais.

Me inquieto com tal problemática e busco no percurso da pesquisa combater tais apagamentos. Mas, por onde começar esta investigação? Quais caminhos me conduziram neste percurso de pesquisa? De quê base de conhecimentos eu me acento para trilhar ou abrir caminhos? Onde encontrar conceitos para recompor-me da inércia fragmentadora? Como costurar dualidades? Onde “pipocar” em manifestações coexistentes e sobrepor camadas das artes, ciências biológicas, e educação?

De qual corpo, de qual dança, em quais conceitos, técnicas, concepções eu estou me ancorando, descobrindo, perpassando, para “despachar esse carregó”? Senti a necessidade então de fluir entre “outras” concepções de corpo e de processo de construção saberes, outros modos de fazer pesquisa. Senti a necessidade de buscar referências em epistemologias de etnias e povos que se aproximassem deste “fazer pesquisa” que eu estava buscando. Além das referências no campo da dança e das artes cênicas, já bem localizadas no território dos corpos moventes.

1.3 CORPES NASCENTES (III) – REFERENCIAIS TEÓRICOS

1.3.1 Por onde Dança minha Canoa?

Ao iniciar minha pesquisa de TCC, parti então dos estudos sobre o corpo. Assim, me matriculei em duas disciplinas do curso de Antropologia, “Pessoa e Corporalidade” e “Rito e Performance”. E depois nas disciplinas do curso de Artes Cênicas de “Saberes do corpo”, “Espacialidade dos corpos” e “Dança”. Estes rizomas antropológicos, de olhares para outras etnias e culturas, me fizeram questionar uma base de concepções sobre o corpo, a dança, o “ser pessoa”. Paralelo a isso, as disciplinas das Artes Cênicas, evocaram questões que me provocaram a diluir fronteiras entre dança e vida, corpo e mente, técnica e criação, entre outras; e me conduziram por caminhos de uma pesquisa criativa das artes do corpo, de construção de um corpo investigador em movimento, disponibilizando meu corpo a se mover pelas artes da escrita e da pesquisa das potencialidades do corpo em movimento.

Ao longo dessa pesquisa foi indispensável contemplar e se nutrir de epistemologias que contêm em seu cerne o corpo movente e suas relações. E nutrir-se destas epistemologias, em suas inteirezas, também através das práticas corporais. E de práticas e técnicas que

priorizem a pesquisa, a criação, a percepção, não a cópia de movimentos e formas. Como é a Técnica Klauss Vianna, que estudei nas disciplinas das Artes Cênicas da UFSC.

Nessa dança de disciplinas e áreas de conhecimento, que foi se construindo junto ao percurso de pesquisa, encontrei com perspectivas sobre o corpo, corpos que transitam e se transformam em outros, o Perspectivismo Ameríndio, como chamou Viveiros de Castro em suas sínteses e “traduções”. Nessa concepção o fundamento do conceito de “ser”, de “pessoa”, não está amparado na materialidade, na fisicalidade imutável, mas nas relações. Isso modifica completamente todos os outros conceitos que se desdobram a partir da “pessoa”: corpo, expressão, nome, identidade, existência, individualidade, formas de se relacionar com os diversos aspectos da vida, formas de se relacionar com a construção de saberes etc. E nesse sentido, encontrei também com a tese de João Paulo Lima Barreto (2021) sobre teorias de corpo e conhecimento dos indígenas do Alto Rio Negro. Tal trabalho me apresentou outros entendimentos possíveis sobre corpo que também me aproximaram de outras referências de dança, como “Jeroky” dos povos Guaranis.

Estas noções foram importantes para que eu tecesse reflexões sobre minhas vivências a partir de outros pressupostos teóricos, divergentes das matrizes de conhecimentos coloniais europeias. E assim, contribuíram para que eu encontrasse respaldo para trazer percepções que eu havia escrito em outros textos, mas que, no entanto, me sentia muito inseguro de trazê-las ao público no TCC. Como, por exemplo, os ensaios: “andar com as onças”, “corpe anfíbio”, “o que pode um dedo em dança”. O exercício de romper com as amarras coloniais, muitas vezes um embate (nas palavras de Jaider), requer “ajudas” e construções coletivas.

Um processo de pesquisa, na área das Ciências Biológicas, pautado nas experiências e concepções de corpo e seus desdobramentos, dialogando com outras áreas e outras matrizes de conhecimento, e visualizando a possibilidade de docência de ciências através de práticas corporais constituem “outros” tipos de epistemologias. Por isso, põem em jogo alguns desafios: as hierarquias de linguagens, corporal, escrita, oral e as diferenças entre linguagens e metodologias característicos do sistema de fragmentação das áreas de conhecimento; o diálogo intercultural com ética de cuidado (de não apropriação, descontextualização ou não referência das culturas de matriz não-européia).

Nesse trajeto, as sabedorias escorrem por declives de um percurso construído ao longo do fazer, reinventivo, autoinventivo. No entanto, não estou aqui a “inventar a roda”, me

debruço sob as corredeiras de sabedorias que há tempos dançam e correm entre as pedras e barragens coloniais do caminho. Com o intuito de evocá-las e incorporá-las, temporariamente, num rolê epistemológico⁶. Por isso, peço licença para adentrar nestas florestas de filosofias dos povos originários, ameríndios e africanos, vestindo, por vezes, as roupas das suas palavras, as quais carregam múltiplos sentidos. Licença para vestir estes “embriões-palavras” que abrem passagens para a fecundação de novos e velhos mundos. Praticando assim, no encontro de saberes, na encruzilhada dos povos, o que Rufino (2019) chama de uma “pedagogia das encruzilhadas”.

1.4 ____ CORPES RESSURGENTES – MOTIVAÇÕES, INSPIRAÇÕES E JUSTIFICATIVAS

1.4.1 Outras identidades e lugares de fala

Há um emaranhado de identidades que constroem os sujeitos. Penso que as heranças culturais, a ancestralidade, e identidade étnica, ou também as práticas culturais, as afinidades éticas e filosóficas, as “escolas outras”, sejam linhas importantes de serem demarcadas, para desenhar o meu lugar de fala, ou os lugares plurais da qual se fala, os pontos que tecem as perspectivas relativas ou relacionais. E, visto que em vários momentos dessa pesquisa trago referências dos povos originários e afro-brasileiros, penso que seja importante demarcar onde me encontro ou me percebo em termos de heranças culturais e identidade étnica e racial, e o que em minha história me aproxima de tais visões.

Em questionários sociais que tive que responder sobre raça ou etnia, algumas vezes eu nunca sabia qual opção escolher. Por um lado, porque uma pergunta com um campo que junte raça, cor e etnia pode ser conflituosa para famílias interracialis, ou mestiças, por outro lado pela falta de letramento racial e não entendimento do grupo racial branco (politicamente construído) que me transpassa. Tenho ancestrais brancos e pardos, uns vindos da Europa, e outros ancestrais indígenas, e recentemente descobri também que possivelmente ancestrais negros que, por conta do apagamento cultural, o registro de memórias familiares não alcança relatar e confirmar como acontece com as histórias dos ancestrais indígenas e europeus. No entanto, sou uma pessoa branca, com todas as vivências e não vivências que este lugar

6 O “rolê” é um termo utilizado para nomear um movimento corporal próprio da capoeira, ao qual se faz um giro de fuga. O “rolê epistemológico”, nas palavras de Rufino: “esta noção se configura como a fuga, o giro, a não apreensão de um modo de saber por outro que se reivindica único.” (Rufino, 2019, p. 100). Rufino reivindica o “rolê”, fuga, como enfrentamento. Quando a soma é mais que dois, uma ideia de um movimento que integra: fuga/enfrentamento.

localiza a mim e a parte de meus ancestrais brancos. E isso precisa ser pontuado neste trabalho.

Por outro lado, demorei algum tempo para entender e mapear traços da presença indígena na “minha criação”, na herança cultural da minha família. É ainda um território misterioso. Foi através da aproximação com as comunidades indígenas, M’bya Guaranis, que eu entendi que o silêncio que parte dos familiares praticamos juntos, o valor da palavra verdadeira, o valor das palavras, o aipim e a batata-doce assadas, sendo estas, às vezes, comidas em tempos esparsos durante o dia, algumas das sabedorias de usos de plantas medicinais que eu não encontrava nos livros e nas disciplinas da biologia, a ética de gênero nas relações e na relação de autonomia com ferramentas e instrumentos, o cultivo da humildade diante do mistério do universo, contar histórias de modo ritualístico, criar histórias como estratégia pedagógica e poética de comunicação, valorizar estas histórias orais (algumas nem sabemos de onde vieram), e outros aspectos, poderiam vir destas avós e avôs. Àqueles que lutaram para sobreviver sem aldeias e foram motivos de vergonha e orgulho ao passar do tempo nas diferentes gerações; que seguiram praticando suas heranças sem saber as origens das práticas e concepções das suas nuances e, às vezes, apagando memórias.

No entanto, ao contrário da minha perspectiva, quando perguntei ao meu pai se ele pensava que a “herança do valor da palavra” vinha dessas vós e avós, ele disse que não: “antigamente todo mundo era assim”. Não saber se minhas percepções estão coerentes com uma maior aproximação dessas heranças me faz inseguro diante da nomeação dessa parte de minhas identidades. Contudo, muitas características, que me constituem como pessoa, herdadas ou incorporadas, entram em choque com a cultura globalizada, urbanizada, eurocentrada etc. e percorrem as linhas deste trabalho, por isso estou fazendo estas pontuações.

No texto intitulado “Auto Decolonização – uma pesquisa no além coletivo”, o artista indígena Jaider Esbell nos conta que:

Negar a identidade nacional e reivindicar identidade anterior é uma atitude que desperta uma série de elementos que nos faz conscientes de nossa condição de primeiros e talvez configure uma das ações decoloniais mais potentes, pois são aberturas para “os veios das águas” da ressurgência. **São várias as tonalidades sob as quais se constrói ou reconstrói uma ou várias identidades e ter consciência de sua reconstrução é ter provocado a disruptura com o estado pleno da colonização.** (ESBELL, 2020, grifo nosso)

Neste tema, das identidades étnicas, ainda tenho muitos aspectos para amadurecer, tanto no que se refere a vivenciar e promover uma educação antirracista, quanto a esse “localizar-se” no tempo de agora, no lugar de fala, nas “**roupas identitárias**”, em encontro com a historicidade familiar e o contexto sociopolítico destas vivências. O que eu posso dizer, e “vestir-me”, por hora, é sobre esse “povo d’água”, de pescaria e pé no chão, que conta histórias, performatiza e assim troca seus saberes.

Outro percurso que tracei, foi vivenciar estudos com as medicinas da floresta, por cinco anos. Hoje me dou conta que é o tempo convencionado de uma faculdade e que, assim como tantas outras experiências, inevitavelmente constroem o meu eu pesquisador. Várias vivências em rituais de Ayawasca, Rapé, Wachuma, e outras medicinas me inspiraram a olhar para as relações entre o corpo em movimento no acesso às sabedorias ancestrais e construção de novos saberes. Pouco consigo lembrar-me de ensinamentos, da chuva de sabedorias e experiências possíveis em cada ritual, que não tenha passado por expressões corporificadas. Trago para esta pesquisa dois textos com algumas destas reflexões.

Em minhas práticas e “escolas outras” vivenciei alguns anos de estudo da capoeira, e da religiosidade afro-brasileira Umbanda. Que acabaram me aproximando das mitologias e matrizes de conhecimentos africanas, das quais também me nutro e incorporo no meu “entendimento do mundo”, em minhas bases éticas, filosóficas e relacionais.

Apesar de minha vivência estar atravessada de epistemicídios, nas heranças de “conhecimentos tradicionais” e nas “escolas outras” não está atravessada pelo lugar de quem sofre com o racismo estrutural. E fazendo parte da estrutura, como cidadã e como educadore, sinto a necessidade e a responsabilidade de me embrenhar nestes temas e buscar ativamente o letramento racial. Então, esse lugar de fala é também o do lugar de educadore, de responsabilidade com essa função e de desejo de bem realizá-la numa proposta ativamente antirracista e decolonial.

1.4.2 Meus Voos por Janelas da Distração

Do meu percurso escolar, minha lembrança mais presente são as janelas (em todas as escolas que estudei) e todos os seres que eu supunha viver integrado lá fora: árvores, pássaros, vento, movimento. Enquanto eu me sentia desintegrar ali dentro. Por maior o esforço que eu fizesse, eu não estava lá. Uma parte minha se separava e voava por outros mundos.

Do mesmo modo, hoje em meu percurso universitário, ainda me percebo voando, muitas vezes. Porém em voos mais conscientes. Sinto que, geralmente, nos momentos em que

isso acontece, estou em uma dinâmica pedagógica da “decoreba conteudista” de nomes e partes. Nesses voos, me dou conta de como estou me sentindo, onde andam meus pensamentos, como está o meu corpo no espaço e as relações com o mundo ao meu redor.

Venho de duas linhagens de educadores, os contadores de histórias e a bailarina, além de professores aposentados da rede pública de ensino. Minha educação em casa sempre esteve envolta em outras dinâmicas de aprendizagem. Por uma parte, dos contadores, sempre havia uma preocupação de bem-estar social e ambiental. Por outra parte, as histórias podiam ser vivenciadas com o corpo, com “expressão inteira”, com criatividade e arte.

Percebo-me com a “expressão inteira” e consciente quando tenho o corpo todo ativo e atento, e estou seduzida pela descoberta, quando faz sentido para o meu viver e o bem da minha comunidade. Tudo isso integrado no mesmo processo, no mesmo instante. Aterrisso. Estou presente.

Não tenho muita certeza o quanto estas características são condições de meu TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e Dislexia ou das heranças culturais que contêm “outras epistemologias” e pedagogias, ou ainda resultado das práticas de uma infância rodeada de educadores que me fizeram exercitar essas dimensões do “eu” (dentro do possível). Ou de tudo um pouco.

Hoje, quando me volto para as “janelas”, percebo que são muitas as qualidades de voos. Sinto que há momentos de distração nos quais me percebo em criação e aprofundamento de pensamentos filosóficos, que me trazem crescimento e entendimento sobre questões complexas. Outras vezes, essas “distrações” são como um descanso, um espaço de relaxamento mental. Há também ocasiões em que são apenas “afastamentos de si”, entre o pensar com a mente e o corpo parado, corpo não perceptivo talvez (estas, para mim, são distrações bastante desintegradoras). Nesses momentos, ao perceber-me, aterrisso em meu próprio corpo. Em outros instantes, quando tenho o corpo em movimento, observo também as qualidades dos voos de meus pensamentos.

Aterrisso também em meu corpe quando me sinto integrada ao grupo que estou participando, quando minhas identidades são percebidas e respeitadas. Identidade de gênero, de neurodivergência (TDAH e Dislexia), e outras identidades.

1.4.3 Corpes Neurodivergentes

Durante um processo investigativo de TDAH e outras neurodivergências, em que realizei nos meses de janeiro e fevereiro de 2022 descobri mais um elemento da neurodivergência que me constitui, sou dislético.

Foram anos pensando que maior parte das minhas dificuldades com as leituras, a escolarização, a universidade, eram do TDAH. No entanto, muitas destas características eram de uma soma de TDAH, Dislexia. Os caminhos que me levavam às janelas da distração eram ainda mais complexos do que eu imaginava.

Perceber todas as vulnerabilidades e habilidades ligadas à dislexia, as quais eu me identifico quase que inteiramente, fez com que eu parasse, novamente, parte do fluxo de pesquisa e escrita deste TCC e ressignificasse muitos aspectos da vida.

Depois de rever boa parte de meus processos escolares, acadêmicos e de sociabilização, encontrei explicações que fundamentavam a minha forma de pesquisar. A minha deriva de escrita e pesquisa do TCC sempre esteve envolto em habilidades e vulnerabilidades relativas TDAH e Dislexia. A minha dificuldade de ler não era algo ao caso. Tampouco a habilidade em transcrever e narrar histórias de forma criativa. Ou criar diversas perspectivas sob um assunto. Como faço agora nesta pesquisa em torno do corpo.

Alguns professores que passaram em minha trajetória sugeriam que alunes poderiam levantar-se e ficar de pé ao fundo da sala, se precisassem se mexer e levantar. Quando tive esta oportunidade, estes pequenos momentos qualificavam muito a minha atenção e disposição. Acordava meu “corpo morto”. Eu preciso muito me mexer para estar atenta. E recentemente estou aprendendo outras maneiras de ler e escrever. Isso me fez refletir sobre a forma com que as pessoas neurodivergentes aprendem e pesquisam.

Trago esses relatos aqui, pois minhas vivências nesse lugar enquanto pessoa com neurodivergências me instigou ainda mais a ter como tema de estudo no TCC outras formas de perceber o corpo e o modo como tais compreensões e modos viver e ser corpo também influenciam na construção de saberes. Por termos afinidades, de forma geral, com técnicas de leitura, maneiras de comunicar, de aprender específicas, perguntei-me se haveria algo que poderíamos chamar de “epistemologias neurodivergentes”. Será que nomear e dar visibilidade a um termo deste poderia contribuir com olhares mais atentos às necessidades específicas de grupos de pessoas neurodivergentes? Talvez esse olhar possa colaborar com as pedagogias que pensam na perspectiva de neurodiversidade.

Enquanto pesquisava as pedagogias do corpo, através da escuta das falas de Chistine Greiner, recentemente conheci o termo “cripistemologias”. Greiner (2021), traz suas pesquisas entrelaçadas às ideias de outras autoras e autores, para pensarmos outros modelos pedagógicos, outras epistemologias, a partir de reinvenções e reconstituições do corpo e a partir de algo “*creepy*”, esquisito, fora dos padrões. Pensar um conhecimento organizado a partir das singularidades corporais.

Segundo Greiner, a autora Mel Y. Chen traz o termo cripistemologia fazendo relação com o esquisito, o estranho. Chen passou por uma intoxicação de mercúrio e passou por estados corporais de saúde que a deixavam com dificuldade de andar, se locomover e pensar. Com isso, começou a ser tratada de modo esquisito, não se reconhecendo mais da mesma forma, não sabendo se era tratada como sujeito ou objeto. Com o tempo ela percebeu que a “dificuldade de pensar” abriu possibilidades de pensar de outras maneiras, de pensar a partir das percepções do corpo.

Nesse sentido, cripistemologia está ligada às experiências de tempos, espaços e lugares, que se constituem como práticas de sobrevivência e não pretendem nenhum tipo normalização ou recuperação, Greiner (2021). Desde vivências de momentos de crise contínua, doença, crise existencial, política, falhas, fracassos, é possível criar possibilidades de encontros com as singularidades.

Greiner também conta que o autor Jackie Halberstan, professor na Universidade de Columbia, “vagabundo” ou “livre flutuante” de gênero, nas próprias palavras para “definir” seu gênero, traz a ideia de falha ou fracasso, ligado ao corpo *Queer*, como potência de criação. Ressaltando que essa “falha”, ou “fracasso”, está ligada ao “não alinhamento” com os padrões e produtividade do sistema neoliberal. Entendo também como um fracasso relacionado à não adaptação aos processos civilizatórios da colonialidade. Essas falhas podem ser potências para encontrar outros caminhos. E nesse sentido de traçar outros caminhos, Halberstan fala em “infidelidades disciplinares” e “promiscuidades epistemológicas”, Greiner (2021).

A autora traz essas duas referências, citando também outras situações como, por exemplo, em relações de “sujeito coletivo”, quando a noção de sujeito não é ligada ao indivíduo, e sim ao coletivo, e situações de mudanças de ambiente, de migrações. Convidando-nos a estranhar a ideia de epistemologia, a acabar com modelos de conhecimento, a não pensar a partir do que está normalizado, ou daquilo que é dado a priori,

tentar imaginar outras possibilidades. E para isso, ela propõe lidar com o conhecimento de uma forma mais radicalizada, a partir da percepção do corpo, pensar o conhecimento se organizando a partir das singularidades corporais.

Há então a necessidade de mudar de perspectiva em relação às ideias de “corpos doentes” e “corpos saudáveis”. Em outra entrevista, Greiner comenta que a cripistemologia tem relação com “tudo aquilo que causa estranhamento na noção de campo de conhecimento” (GREINER, 2022, 53:20). É um estranhamento que nasce da singularidade corporal. Essa singularidade orienta outros modos de pensar, pois o pensamento é sempre do corpo. Penso então que os “corpos divergentes” e suas singularidades podem criar “epistemologias divergentes”.

Neurodivergência não é um tema foco dessa pesquisa, porém por me constituir também como sujeito a atravessa de algum modo. Por isso, adentrei nesse assunto aqui, que também transpassa os ensaios escritos. Realçar a presença e existência de tais corpos e singularidades em diálogo com a perspectiva de Greiner (2022) talvez possa minimamente nos estimular a multiplicar os corpos possíveis na Educação em Ciências.

1.4.4 Potência Performativa

O pátio de minha casa, quando criança, era compartilhado com a escola de dança da minha mãe. Penso que eu não tinha os limites entre moradia e escola de dança bem delimitados, que tudo ali era “minha casa”. As “contações” de histórias durante o balé eram momentos bem marcantes para mim. Elas envolviam o contar com o corpo e uma composição criativa, fora dos repertórios “treinados”.

A “Estrada Colorida” era uma prática que estimulava a contação de histórias de um percurso de alguém por uma estrada, em que sempre havia objetos encantados para escolher. Íamos criando e “performatizando” a história sobre o percurso, na medida em que caminhávamos e nos afetávamos com os elementos da estrada. Lembro-me de fazer muitas vezes essa aula, e escolher vários objetos diferentes cada vez que fazia esse percurso. Nessa estrada, me encantava a possibilidade de fazer escolhas aleatórias. Ou escolhas diversas em que eu poderia experimentar diferentes objetos e assim diferentes experiências cada vez que repetia a dinâmica. Diferentes corpos.

Até hoje, sinto que me movo buscando esses encontros aleatórios e experimentando variabilidade nas possibilidades. Nas disciplinas da biologia, busco sentar-me em cadeiras diferentes nas aulas ao longo do semestre. Vivencio os diferentes espaços e interações com a sala e os colegas. Uma “dança das cadeiras”. Não é como uma regra ou planejamento que eu

crio com antecedência. É algo que “acontece”, que “me passa”. Sinto-me amarrada com repetições.

Hoje percebo que a “estrada colorida” era um modo de pesquisa cartográfica, um percurso de deriva, de encontros entre objetos, gestos, relações, com o espaço, com a temporalidade, com as escolhas, dentre outros. Em meio a memórias com performances⁷, lembro-me também de momentos educativos em espaços não-escolares:

Um dia eu estava pescando com meu pai e mais três tios, num pequeno barco. Ninguém tirava nenhum peixe da água, até que em algum momento meu pai disse pra eu conferir minha linha de pesca. Então, eu puxei e lá tinha uma pequena traíra! Eles ficaram contando vantagem pra mim e eu, apesar de desconfiada, acreditei naquela simulação coletiva, em que eu, sendo mais nova e de gênero dissidente dos “homens pescadores”, pescava, entre os pescadores experientes que não haviam pegado nada.

Nesse pequeno fragmento performativo simulado por todos, nessa representação coletiva, me senti muito potente, tanto por me sentir capaz de prover alimento, quanto de romper com as estruturas preestabelecidas de “papéis de gênero”, de performatividade de gênero.

Mesmo depois de desmanchar essa estrutura interna, que fingiu acreditar que meu pai não pôs um peixe na minha linha (ele segue fazendo isso com as netas), essa força interna, essa crença interna na potência de realização e transcendência de padrões, que vivenciei neste momento que relatei, além de tantas outras experiências, segue e permanece viva dentro de mim. Acredito que essa “pedagogia performática” tem efeitos significativos dentro dos meus processos de aprendizagem e de meus processos com construção de identidade. Opto por aderir esse nome “pedagogia performática” pois, me parece que o processo pedagógico está envolto em uma criação cênica, com a criação de cenários fictícios momentâneos onde se criam estados corporais transitórios. Propiciando, assim, aprendizagens em um campo vivencial não somente de realidade material, que é percebida como concreta, determinista, fatídica, mas metafórica e mítica. Também em gesto.

O conceito metafórico representa um modo de estruturar parcialmente uma experiência em termos da outra. A pergunta é: o que faz parte do domínio básico de uma experiência? As experiências são fruto de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional etc.), de nossas interações com nosso ambiente através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outras pessoas dentro da nossa cultura (em termos sociais,

7 Leda Martins (2021), a partir dos estudos de Diana Taylor, conta que as performances funcionam como atos vitais de transferência, transmitindo saber social, memória e sentido de identidade através de ações reiteradas. Ela defende que as performances constituem uma lente metodológica, são e constroem epistemologias.

políticos, econômicos e religiosos) e fora dela. Nesta perspectiva, o ato de dançar, em termos gerais, é o de estabelecer relações testadas pelo corpo em uma situação, em termos de outra, produzindo, neste sentido, novas possibilidades de movimento e conceituação. (GREINER, 2005)

Penso que contar histórias, ou performar uma situação, pode ser falar de experiências e experienciar, é torná-las um ato vivo e criativo podendo apresentar-se em movimento, gesto, dança, performances, performatividades etc. Sinto que vivenciá-las e performá-las corporalmente pode abrir caminhos para a expressão criativa, e para a transfiguração de saberes. Além de estimular outros corpos possíveis. No entanto, a dança, o gesto, o corpo expressivo, podem ir muito além dos sentidos diretos ou objetivos, das significações, ou de histórias narradas com conteúdos objetivos.

A partir destas experiências percebo que existe uma potência performativa na expressão corporal que é capaz de criar realidades, recriar mundos, entendê-los e interpretá-los. Mas, para isso, se fazem necessárias condições sociais, ambientais e culturais que permitam **diferentes repertórios de expressões**. São necessárias condições pessoais e ambientais que proporcionem **disponibilidade ao movimento** e o **estado de presença**. Quando digo isso, me lembro de momentos em que trabalhei em uma escola em que havia alunas que vinham para a aula sem ter feito desjejum da manhã e sem roupas de frio, então ao invés de nos movimentarmos na rua, precisávamos subir para dentro do laboratório e, mesmo lá dentro, elas precisavam ficar no sol da janela e não tinham ânimo de participar da aula, não estavam presentes.

1.4.5 O lugar do mito, a criação de mundos e as possibilidades pedagógicas

Ailton Krenak conta que os viajantes do “trem da história” dizem que há uma história menor do lado dela, que são os mitos. “Essa história é o conduto principal dessa lógica, dessa racionalidade, dessa mentalidade, que estabelece a governança desse planeta, desse mundo que vivemos. Que é um mundo de subjetividades esgotadas” (KRENAK, 2019, 19:30). Dizem também que “o povo que habita o lugar do mito, é desorientado. Porque eles não conseguem planejar nada. E não conseguem, desse lugar do mito, fazer contato com a história”. Para Krenak, ao contrário da história, o mito é um lugar de imaginário, onde também **experimentamos o lugar da incerteza**.

A subjetividade seria o único canteiro de produção de mundos possíveis:

Essa sociedade, essa civilização ela reproduz de maneira cada vez mais acelerada um mundo em que as pessoas não precisam decidir mais nada. O inconsciente das

peças já está dominado por desejos, necessidades inventadas e outras pirações, não inspirações. Se a gente tem uma humanidade que está rodando numa esfera girando em torno dela mesma e que não consegue criar outras perspectivas do mundo, é porque a subjetividade das pessoas, que é o único canteiro de produção de mundos, está esgotada. (KRENAK, 2019, 26:00)

Ao passo que, ao mesmo tempo acreditar na possibilidade de habitar outro planeta e ou “ser sustentável”, dentro de um sistema insustentável, discursos que estão presentes cotidianamente, seria uma “ficção científica” (KRENAK, 2019). Não tendo nada contra as ficções científicas, Krenak nos fala que estamos rodeados de mitos e ficções que não são nomeados, concebidos ou valorizados da mesma forma como são os mitos dos povos originários (os quais são desvalorizados na perspectiva eurocentrada).

Nesse sentido, no âmbito dos estudos de gênero, o filósofo Paul Beatriz Preciado utiliza-se da ideia de “ficções políticas” associada à performatividade de gênero, e nos provoca a criar outras ficções políticas⁸. Penso que estas “ficções políticas” seriam possibilidades de criação de mundos, nas palavras de Krenak. A performatividade, a criação de imagens, de mitos, através de diferentes linguagens, escritas, orais e corporais, é, portanto, potência criadora de mundos, criadora de si, de saberes, de maneiras de educar.

Suely Rolnik (2019) nos conta que a subjetividade é uma experiência de mundo. E a experiência de mundo se dá através da percepção. Nesse sentido, a percepção está diretamente associada ao repertório sociocultural que dispomos para decifrar e projetar as representações. A partir de nossas percepções, lemos o que está a nossa volta e nos situamos no mundo.

De acordo com a mesma autora, existem duas palavras na língua guarani para designar garganta: “ahy’o” para “garganta fisiológica” e “ñe’e raity” que literalmente significa “ninho das palavras”. “Se a garganta é um ninho de palavras, um ninho de linguagem que está no nosso corpo, é porque o nosso corpo é fecundado e essa fecundação gera embriões de linguagem. E esses embriões de linguagem habitam nosso corpo, estão na garganta” (ROLNIK, 2019).

Ela conta que alguns embriões de mundos, embriões de futuro, produzem um estado de “esquisitice”. “O outro” é um campo de força que nos afeta, nos produz embriões de futuro e isso produz uma fricção com a nossa experiência formulada como sujeito, cria desestabilização. Nesta desestabilização a pulsação vital se põe em movimento e convoca o desejo para agir. E o desejo é aquilo que em nós pensa e age para recobrar o equilíbrio. Um

⁸ Trago um pouco mais das ideias de Paul Preciado e as “ficções políticas” no capítulo “Corpe identidade de gênero y linguagem”.

alarme vital. [...] O desejo busca conexões e fecundações e vai permitir que a fecundação se dê, criando um corpo para aquilo que está pedindo passagem, pode ser uma obra de arte, um conceito teórico, uma outra forma de sexualidade, outro modo de vida (ROLNIK, 2019). “E quando isso acontece, e isso é portador da pulsação e da qualidade de pulsação que está naquele embrião, isso tem um poder, uma potência de reverberação nos outros corpos, que estão atravessados pelas mesmas forças. E isso tem um poder de proliferação.” (ROLNIK, 2019).

É preciso germinar mundos, inventar palavras, trocar experiências, vestir-se de outras roupas, visitar mundos, intercambiar corpos, fermentar novas ficções políticas, nutrir o ninho das palavras, despertar embriões de sementes, dos sentidos, dos saberes, nutrir os corpos. Como abrir espaços para pensar processos educativos que permitam ampliar os territórios das relações entre corpos, ambientes e saberes? Que permitam a germinação e proliferação de novos mundos?

Talvez abrindo espaço para dialogar com as epistemologias decoloniais, provocando corporalidades diversas durante os processos educativos, provocando vivências em ambientes diversos. Através de pesquisas que experimentem variar estados corporais, ambientes e relações, também dentro de investigações de saberes específicos.

É possível que tanto a escola necessite sair da escola, quanto os outros espaços necessitem sair do lugar de “outros” para abrigarem novas corporalidades, darem condições necessárias para tornarem-se, também, escolas, espaços de saberes. Outros momentos, “lugares”, necessitam dar lugar a escola, tornarem-se momentos educativos.

E ainda, momentos em que haja outras possibilidades de relações, como a diluição das hierarquias entre educadores e educandos. De modo que os espaços escolares sejam também ambientes para as trocas de saberes entre alunos, e a consideração dos processos de aprendizagem como contínuos e como “construção coletiva de saberes”. Relações mais dedicadas a proporcionar um ambiente aberto a dialogicidade entre todos.

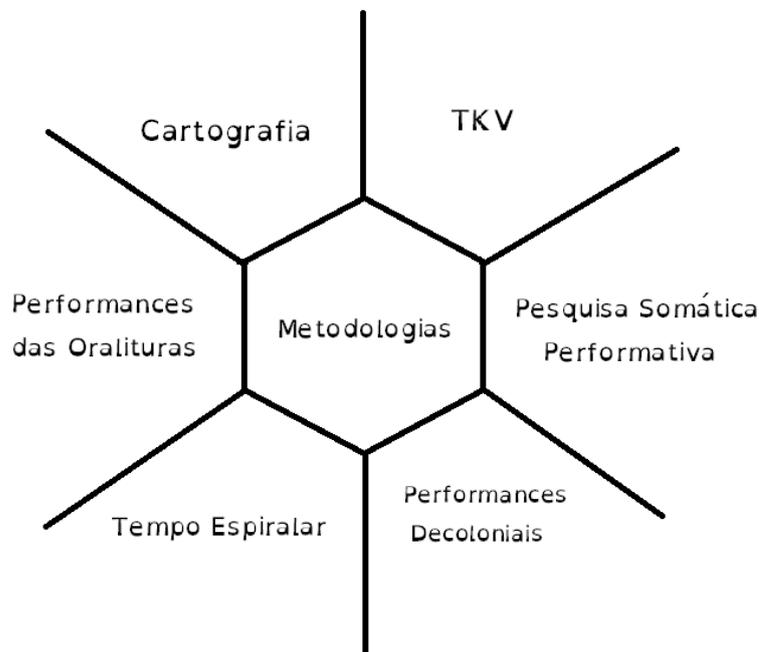
Trago essas reflexões aqui, pois durante meu período de estágio vinculado a licenciatura em Ciências Biológicas e em momentos em que atuei como professora pela Rede Municipal de Florianópolis, percebi que em momentos que experimentei trazer o corpo em movimento para “o centro” da aula de ciências, ou a linguagem corporal como meio, de alguma forma deslocamentos e desacomodações, sejam espaciais ou subjetivas, relativas às concepções dos espaços e da “sala de aulas de ciências” e nas relações aconteceram nesse espaço.

Esta pesquisa de TCC é uma tentativa de abrir possibilidades para pensar uma docência decolonial futura e praticar possibilidades de “discência decolonial” no agora. Quando digo “discência decolonial” me refiro às práticas de pesquisa, aos percursos de alune na produção e apropriação de saberes que integrem outras formas de caminhar que fujam das estratégias hegemônicas de dominação do ser e do saber.

Nesta pesquisa busco andar lado a lado das metodologias, epistemologias, ontologias, poéticas, éticas, políticas, relações, referências, perspectivas que venham possibilitar a abertura destes caminhos, destas possibilidades. Com metodologias que trabalhem de forma a tornar o corpo, e suas concepções, disponíveis ao movimento, à percepção, às metamorfoses, às relações e à presença.

2 CORPE DA METODOLOGIA EM PERSPECTIVA CALEIDOSCOPICA

Figura 3. Desenho digital. Perspectivas "das metodologias"



Fonte: Elaborada pelo autor.

2.1 ____ METODOLOGIA DE PESQUISA: UMA CARTOGRAFIA EM TERRITÓRIO DAS RELAÇÕES CORPES, ESPAÇOS E SABERES

Como delimitar um objeto de pesquisa em uma pesquisa em que o objeto é inseparável do sujeito pesquisador? Sinto-me como o objeto flutuante e o próprio fluxo do processo. Encontrei na cartografia um caminho possível, um rastro que me desperta a vontade de seguir. Sinto-me cartógrafa? O que é ser cartógrafa? Escóssia e Tedesco (2014, p.106) comentam em um texto que a ética do cartógrafo é:

É também a inseparabilidade entre sujeito e objeto que anima a cartografia no duplo desvio que esta propõe ao processo de investigação do mundo. Como tentamos argumentar, o método cartográfico comporta uma concepção ampliada de conhecimento. Não mais restrito à descrição e/ou à classificação dos contornos formais dos objetos do mundo, conhecer é também acessar o movimento próprio que os constituem, ou seja, conhecer a realidade é traçar seu processo constante de produção. (Escóssia e Tedesco, 2014, p. 106, grifo nosso).

Percebo-me no fluxo da pesquisa e do pesquisador. Neste caso, no fluxo relacional entre: corporalidade, espacialidade, saberes, subjetividade e o próprio processo de composição da escrita da pesquisa. Trago o meu entendimento sobre corporalidade junto às palavras das autoras Britto e Jaques (2008): “Corporalidade como a resultante dos processos relacionados ao corpo com outros corpos, ambientes e situações [...] síntese transitória desse processo contínuo e involuntário de relacionamento do corpo com seu espaço-tempo de existência” (BRITTO; JACQUES, 2008, p. 81).

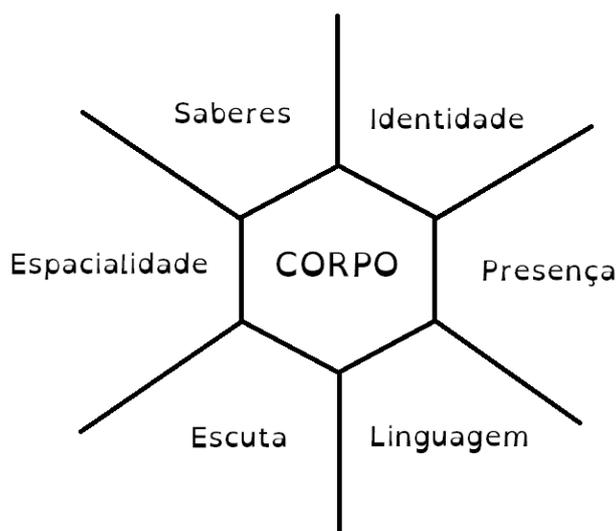
Defino, por hora, um objeto de pesquisa: eu corpe pesquisador em relações (figura 4). Como diferentes experiências corporais, movimentos, danças afetam minha percepção de corpo? Como pensar processos educativos que se dão em diálogo com esses corpes “outres”?

A ideia que compus com a palavra “Caleidoscorpe” vem de uma imagem de perspectivas diversas de corpo, sobre o corpo, e a diversidade de relações possíveis. Perspectivas diversas que podem ou não compor outras imagens quando em soma ou intersecção.

Há imagens de recortes “monoespelho”, há recortes de espelhamento duplo, há imagens de grupos de espelhos, há imagens do conjunto possível de espelhos, há muitos possíveis espelhos, perspectivas. Penso que tecer perspectivas é um exercício filosófico importante na construção da interculturalidade. E no exercício da empatia e da alteridade. Perspectivas diversas são importantes na tessitura de um sujeito, sujeito crítico, de identidades, sujeito autoperceptivo, pesquisador do mundo e de si.

Há ainda a possibilidade de giro. A mudança do *lugar* do centro, dos focos. Há uma flexibilidade, fluidez, intermitência, labilidade⁹, de ponto focal, de possibilidades de expressão, percepção e interpretação, de linguagem. Há giros nas possibilidades. Giro nas possibilidades de centro. Há centros temporários.

Figura 4. Desenho digital. Perspectivas de Relações



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para dar “centros de organização temporários” a esta pesquisa, atendo-me as seguintes questões, que atuam como “princípios rizomáticos”, sempre visíveis, mesmo de diferentes ângulos, nesse caminho em constante construção:

Que potências descubro quando me coloco a escuta do corpo? E que potências aparecem quando escrevo as histórias e memórias que o um “corpe-aprendiz-pesquisador” em movimento nos conta? Que potências surgem quando me disponho a cartografar movimentos e sensações de um corpe em pesquisa? Que possibilidades emergem das variações de tessitura da escrita deste processo em relação ao corpo movente que atua na pesquisa? Quais inspirações deste processo de pesquisa podem reverberar no meu processo de pensar a docência e os processos educativos?

9 Em termos gerais, "labilidade" é usada em vários campos para descrever a propensão de algo mudar rapidamente ou ser instável em determinado contexto. Eu uso porque é bem recorrente nas aulas de TKV. A professora Jussara Miller fala em “labilidade da coreografia”, sendo como a coreografia que pode mudar, que está aberta a recomposições do instante presente.

2.1.1 “Corpeágua” de “Pesquisadoraprendiz”

No ano de 2019, acompanhei o processo de montagem de uma encenação teatral, o trabalho, intitulado “Até Então Era um Risco”¹⁰, abordava temáticas envoltas nas “águas internas” e “águas externas” e a interlocução entre estas, em especial, a contaminação das águas com o rompimento de barragens de resíduos de mineração¹¹. Durante esse processo, realizamos vivências em espaços relacionados aos temas que abordamos como: danças fora das salas da UDESC na relação espaço-dança, danças aquáticas no encontro com as características desse meio e práticas corporais fora da universidade.

Trouxe nesta pesquisa alguns ensaios sobre as minhas sensações e percepções durante esse processo. Esses ensaios aparecem como um ponto de partida para discutir algumas questões deste trabalho. Neste capítulo, trago um encontro: uma dança e o entendimento do processo cartográfico, a abertura de espaços internos que possibilitou compor a escrita de intenções sobre meu processo de pesquisa de TCC.

2.1.2 Geografia do Rio

Num dado momento, eu e o grupo de dança-teatro estávamos estudando movimentos e maneiras de dançar e interpretar o percurso de um rio. Chamamos esta dança de “geografia do rio”. Para mim era confuso. Muitos dos meus pensamentos ficavam presos a uma representação fiel de toda uma geografia que eu não via naquela dança. Talvez um rigor científico (hidrológico), com objetividade da materialidade, sobrecarregando poética livre da arte? Eu querendo nadar fora da água?

Não sei, mas dançar o rio me fez filosofar muito sobre o percurso dos rios. E, enquanto isso, eu lia referências e precisava escrever sobre a minha metodologia de pesquisa. E foi nessa pororoca, este choque de rios de saberes, e mergulhada nesta dança geográfica que ela nasceu.

2.1.3 Ser Rio, ou Água, e ou “Rioágua”: Cartografando Caminhos Rizomáticos

Eu e água, hora barco dirigido, hora o próprio rio. Nesta pesquisa quero escrever sobre essas coisas todas que partem de pontos distintos ou do mesmo e se

¹⁰ Esta encenação foi proposta por Bárbara Vieira e Marcela Ribeiro, graduandas do curso de Licenciatura em Teatro, nas disciplinas de Direção Teatral I e II, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Tendo a dança-teatro como principal linguagem, a proposta emergiu a partir de processos colaborativos de pesquisa-criação em composição, iluminação, direção, dramaturgia, sonoplastia, figurinos, cenografia, etc., e experiência em atuação.

¹¹ Sua dramaturgia se baseia no livro de José Miguel Wisnik, “Maquinação do Mundo”, que investiga os impactos da mineração a partir da obra de Carlos Drummond de Andrade.

desencontram, que se separaram, mas que se tocam, inevitavelmente, para quem as atravessa. Quero escrever sobre isso de ser anfíbio, de fluir e ancorar. Quando eu nado na terra? Quando caminho na água? Podendo talvez almejar escalar as árvores ou voar. Ou ficar terra, anfíbio, tartaruga, desde os tempos dinossáuricos. Quem sabe sou a água? “Ser”, este mergulho, incorporação. “Água”, transitoriedade.

Há muitas formas de se percorrer caminhos. Nesta pesquisa, eu quero ser rio e água. Quero percorrer caminhos como um “rioágua”. O rio nasce múltiplo, e aos poucos se agrega em múltiplos pontos, forma um sentido de correnteza, ganha volume e velocidade em sintonia (sin-tônus, mesma forma, movimento) com o espaço que percorre, com os declives, os poros da terra, os seres habitantes, o ambiente. O rio se multiplica em braços ou não, nasce de um ponto ou de muitos pontos, e se dissolve no delta em uma massa de água inteira ou dividida em muitas. O rio é rizomático. Ora corre divertindo-se como criança sem direção, ora se atira incisivamente como cascata, com a certeza de que vai para baixo, assertivo como uma flecha. Outra coisa sobre o rio e a água é que eles não param. O rio deixa de ser nomeado como rio, mas a água segue. Outrora, a água seca, mas o rio segue sendo rio, ao menos enquanto houver memória ou geomorfologia apropriada. Em diversos aspectos, rio, água e “rioágua” são intermitentes.

Assim como a imagem que trago do rio, dentre outros motivos, para falar desse caminho rizomático¹² e “incessante-mutante”, trouxe também a imagem do caleidoscópio, que chamo de “CaleidosCorpe”. O caleidoscópio é também aquele que não para de mudar sua forma, somado ao corpo dito no gênero não-binário, no gênero fluido: “corpe”. Porém, contendo na sua estrutura imagética espelhos que refletem, penso que agrega, no sentido de representar perspectivas múltiplas.

Esse caleidoscorpe pesquisando aprendizados múltiplos ou não, aprendizados rizomáticos, que ora podem ser nomeados como vivências, ou afetos, ou experiência, ora outros nomes, ora podem habitar territórios das Ciências Biológicas, ora das Artes, ou dos Estudos de Gênero, da Antropologia, da Dança, entre outros.

[...]os saberes exclusivos de cada área são sempre insuficientes quando se procura cartografar territórios. Como o que se passa entre é o mais interessante, resta ao cartógrafo estar suficientemente poroso a estas microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças. Aliás, por tornar mais desguarnecidas as fronteiras que uma cartografia é efetivamente traçada. (COSTA, 2014, p.67)

Assim como na “estrada colorida” e na “dança das cadeiras”, encanto-me com possibilidades, variabilidade, eventualidade, encontros ao acaso. Toca-me mover e deixar fluir

12 É assim que Deleuze e Guattari designam sua Introdução: Rizoma. A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21, apud PASSOS et al, 2015, p.10)

minhas experiências ao acaso e afetações que o percurso oferece. Mas com um sentido de fluxo: (co)laborar com estudos na área da Educação. Parto de um lugar e de um corpo de uma pesquisadora/aprendiz atravessada por diferentes campos de conhecimento, sigo como um caminhante sem caminho, que se faz ao andar, ou ao nadar. Mas buscando carregar comigo referências, mapas, ancoras, lestes (figura 3).

2.2 METODOLOGIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS E A METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA ESCRITA

2.2.1 Escola Vianna é um leito de um rio: o corpo em relação e em fluxo de pesquisa

Uma das minhas inspirações como metodologia de pesquisa, tanto nas pesquisas com as práticas corporais, quanto na escrita de meu trabalho de conclusão de curso é a Técnica Klauss Vianna.

A TKV (Técnica Klauss Vianna) traz o estudo do movimento a partir da escuta do corpo, dos direcionamentos ósseos e dos vetores de força que potencializam o fluxo do movimento pelo espaço. Ela faz parte da Escola Vianna, uma escola de pensamento sobre o corpo, que tem como base o trabalho de pesquisa desenvolvido por Angel e Klauss Vianna e tem continuidade no trabalho de muitos pesquisadores. “A pesquisa dos Vianna ficou conhecida como um trabalho de consciência corporal, que o movimento é trabalhado com base no conceito de soma, que reconhece a unidade corpo-mente e se apoia nas relações em rede que estão presentes no funcionamento do corpo, entre seus diversos sistemas e do corpo com o ambiente” (MILLER, 2013).

Jussara Miller (2012) questiona a ideia de que o bailarino desligue a técnica de criação. E conta que: “A técnica Klaus Viana propõe a ação criativa imbricada na ação técnica. Ou melhor, o indivíduo em trabalho técnico está em ação investigativa de sua relação com o próprio corpo, com o corpo do outro e com o ambiente/espço, com a sua percepção aguçada no momento presente para a criação de outro momento/movimento” (MILLER, 2012). Por isso, é possível falar de um corpo em relação, ou seja, da atenção do corpo em relação ao outro, ao espaço, ao ambiente, uma rede de percepções. “[...] trata-sedo indivíduo investigador em toda a sua potencialidade: o corpo em relação e o corpo em criação” (MILLER, 2012).

Penso que a técnica Klauss Vianna dialoga muito com a pesquisa cartográfica de Deluze e Guatarri. “As referências têm uma característica rizomática, ou seja, no rizoma trabalha-se por composições que fazem expandir e diversificar as multiplicidades. Portanto,

podemos entender essas influências e confluências como braços de conexões de rede” (MILLER, 2012).

Em uma poética que contempla minhas metáforas aquáticas, Jussara Miller compara a naturalidade de um fluxo de pesquisa, dentro da proposta da escola Vianna, como um rio e seus afluentes: “A escola Viana é como um leito de um rio que cada um preenche com a própria água, com a própria metodologia; e o fluxo dessa pesquisa, a partir da ação de cada um, vai redesenhando seu leito” (MILLER, 2012).

Muitos relatos sobre a trajetória do bailarino/coreógrafo/professor/pesquisador Klauss Vianna contam que o trabalho dele foi como uma ponte entre a dança e o teatro no Brasil. Penso que por tratar-se de uma técnica que disponibiliza o corpo para muitos tipos de trabalhos corporais, a técnica Klauss Vianna pode vir a ser uma ponte para outras áreas de pesquisa que atualmente encontram-se mais afastadas das potencialidades de relações que os corpos em movimento consciente podem criar. Desse modo, trouxe essa referência aqui, pois me inspiro nessa proposta que a TKV oferece sobre perceber-se em ação investigativa, exercitar a percepção sobre as relações que se estabelecem a partir da escuta do corpo e da pesquisa do movimento. Assim como, o olhar para a importância de estímulos que possibilitem o estado de presença.

2.2.2 Pesquisa Somática Performativa como modo de experiência estética da escrita

Depois de escrever minhas “intenções metodológicas” de pesquisa em uma poética das águas e de escrever o texto “Saberes acadêmicos da biologia emergidos em uma corporalidade aquática”, sobre a experiência e percepções do corpo em meio aquático e terrestre, outra inspiração poética, metodológica, de construção de saberes através do corpo, de experiência em meio aquático e, principalmente de assumir uma escrita performática, foi assistir a palestra aquática de Ciane Fernandes no colóquio “Dança e Linguagem: escrita e prática artística”.

Na palestra e apresentação performática de pesquisa, dentro da água e com roupa de mergulho, Ciane Fernandes conta dos momentos em que ela experimenta o movimento do corpo no mar com seu filho. Ela incentiva uma pesquisa de modo imersivo, nestes espaços “não controlados”, além de uma escrita performática: "A escrita se faz como uma obra de arte, é um grande mergulho... escrevam com o corpo e falem dessa singularidade” (FERNANDEZ, 2020, 16:38).

Ciane propõe uma pesquisa somática performativa, onde os espaços seguros são espaços abertos, onde a espontaneidade acontece. Pois, segundo ela, há uma necessidade de sair do “círculo de giz”¹³, a educação sair da sala de aula, e, atualmente, do quadrado virtual (FERNANDEZ, 2020, 11:50). O corpo pode tomar formas diversas e pode sair da cadeira para realizarmos uma escrita que não paralisa o corpo. Ela justifica essa saída contextualizando a escrita de um corpo paralisado dentro de um sistema de propriedades privadas e cercas, sociedade de controle, que controla a natureza.

Do mesmo modo, eu penso que, de certa forma, eu pratico esses exercícios em que disponho meu corpo em uma escrita que surge de um corpo em movimento. Percebo que uma outra escrita é possível quando meu corpo está implicado inteiro, preenchido de sensações. Em muitos momentos, faço a leitura das referências deste trabalho, que geram também a escrita e o próprio TCC, através de leitor de áudio e com o corpo em movimento.

3 CORPE PRESENÇA

3.1 _____ HABITAR-SE CORPE E ESPAÇO: QUALIDADE DE PRESENÇA

Há algumas situações em que perco a organicidade, a espontaneidade ou a criatividade cumprindo com algum acordo (passivamente imposto) de comportamento. E outras em que perco algo ainda mais básico. Como, por exemplo, quando o segurança da universidade veio atrás de mim dentro banheiro feminino dizendo, de uma forma agressiva, que eu não poderia estar ali, depois, antes que eu abrisse a boca, disse que se enganou e saiu, sem pedir desculpas. Muitos de nós, pessoas trans, binárias ou não binárias, perdemos o direito básico de usar o banheiro “em paz”. De habitar e coabitar ambientes.

De que forma, com qual tranquilidade, eu volto àquele banheiro? Como me sinto neste espaço de aprendizagem em que não posso ir ao banheiro com tranquilidade? Para mim, incorporar rupturas, *corpes*, em todos os sentidos, é também uma necessidade emergente. Às vezes fisiológica.

Em outras situações ocorre o contrário. Eu lembro uma vez em uma colega do grupo de teatro disse que tínhamos pessoas não-binaries no grupo – depois de muitas vezes falar em algum exercício que “os homens estavam de um lado e as mulheres de outro”. Essa fala veio em um contexto de pensar a presença, e o campo de imagem simbólica, das pessoas não-binárias e pessoas negras do grupo, no encontro com outros elementos da linguagem que

13 Neste trecho, Ciane Fernandes faz referência ao título de um livro de Helena Barcelos: “Além do Círculo de Giz”.

estávamos encenando, e como isso poderia ser tendencioso ou não na reprodução de determinadas narrativas impostas, já muito presentes no nosso contexto de sociedade. Quando ela falou, eu “voltei para a terra”, eu voltei a estar presente ali. Dei outra qualidade de presença. Habitei-me, eu habitei aquele espaço. Eu **reintegrei, retomei o “corpespaço”, o corpomídia, as pontes, o corpar.**

Como ser habitante de si e não habitar espaço? Como habitar espaço e não habitar corpo presente? Como estar presente em corpo e não estar no espaço ou ao contrário? Sim, um “corpo-morto” está presente. A diferença é a qualidade de presença.

3.1.1 As pontes do Corpomídia

Talvez a palavra corpo ainda precise de outras invenções. E se nós inventássemos nomes para essa unidade de composição corpo e espaço?¹⁴ Sendo corpo e espaço interdependentes, poderíamos nos referir a “corpo” sem um sentido de matéria individual, que, por vezes, até pode estar “ausente de si”, em termos de qualidade de presença. Uma palavra que carregue outra noção de corpo, a qual abarque fronteiras mais diluídas.

Ou também inventarmos outro nome que se refira a isso que compõe a soma presença/corpo/espaço. Talvez a palavra “corpo” poderia, não somente estar desmarcada de gênero binário, ou marcada politicamente por gênero, mas também estar marcada pela qualidade de estado anímico, e/ou ainda marcada com as relações políticas, ambientais, e sociais que “o” constitui.

Na *Teoria Corpomídia* de Cristine Greiner e Helena Katz, as autoras trazem a noção de corpo intrinsecamente ligado às relações. *Corpomídia* é um conceito que abrange a constante resultante de um fluxo inestancável entre corpo e ambiente:

Muito resumidamente, trata-se do seguinte: todo corpo é corpomídia porque troca informação com o ambiente, modificando-se e modificando o ambiente e, nesse fluxo constante, vai contando (sendo mídia) o que está acontecendo com ele. O corpo não é um recipiente no qual as informações são depositadas e, depois, quando e como desejar, as expressa. O corpo é mídia do que está acontecendo nessas trocas com o ambiente, isto é, o corpo é mídia dele mesmo. E isso ocorre porque quando o corpo e a informação se encontram, ela se torna corpo e, nesse encontro, tanto a informação quanto o corpo se modificam. (KATZ, 2021, p. 21)

No livro “O corpo: pistas para estudos indisciplinados”, Christine Greiner (2005) comenta que organismo e ambiente não se determinam de maneira separada. O ambiente não

¹⁴ Escrevi esse trecho do trabalho na metade do ano de 2020, como uma carta para Ceila Portilho Maciel, que foi consultora do meu projeto de TCC. Escrevi antes de entrar em contato com um artigo de Helena Katz que traz um conceito/palavra, “corpar”, para esta relação. Comentarei sobre ele/ela em outro trecho do texto.

é uma estrutura imposta do exterior aos seres vivos, mas uma criação co-evolutiva com eles, uma reflexão da biologia das espécies. Christine Greiner, em seus escritos, dialoga bastante com biólogos como Richard Dawkins, Humberto Maturana e Francisco Varela.

A primeira coisa que me passou quando li essas passagens foi sobre o “bum” de diversidade que ocorreu na terra depois do oxigênio que se originou do “bum” de bactérias que sintetizam oxigênio. O ambiente planeta Terra altamente tramado nas expressões de seres vivos. Para nós, o que é algo importantíssimo e que permite a existência da maior parte da diversidade biológica no planeta Terra, para as bactérias é um movimento interno e de expressão de si.

Assim como não há organismo sem ambiente, dificilmente há ambiente sem nenhum organismo. O ponto chave é que os seres vivos e seus ambientes se situam em relação, uns com os outros, através de suas especificações mútuas ou de uma relação de co-determinação. As regularidades ambientais são o resultado de uma história conjunta, de uma harmonia que nasce desta história co-evolutiva. Assim, o organismo é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da evolução. (Greiner, 2005, p.)

Nesta concepção¹⁵ o corpo se constitui como relação, que modifica o ambiente e é modificado pelo ambiente. Assim, as pontes de relações, a comunicação, a linguagem, são importantíssimas para o pensamento em torno da Teoria Corpomídia.

Estando o corpo em troca com o ambiente, modificando-se e modificando o ambiente, há aí uma relação de transformação. Transformação em um fluxo permanente que não para nunca, inestancável. Desse modo há também uma responsabilização inclusa nesta atuação de transformação (KATZ, 2020). Trazendo assim, também a dimensão política intrincada na noção de corpo. Enquanto os aspectos “fluxo” e “inestancáveis”, presentes nesta concepção, estão muito presentes também na ideia do conceito de “corpar”.

3.2 MORRI MUITAS VEZES NAQUELES ENCONTROS

15 Mais adiante no texto trago outras concepções de “corpo”. Enquanto a linguagem transita intermitentemente por todo corpo do texto.



Fonte: acervo pessoal do grupo da peça Até Então Era um Risco

Acho que morri muitas vezes naqueles encontros e experimentos na UDESC, nos ensaios da peça “Até Então era um Risco”. Ficava treinando rolar rápido sem me machucar, pegar um ritmo. Mas, nos ensaios, por vezes, o meu rolamento era um entregar-se. Algumas vezes eu me jogava no chão e saía rolando, no final do encontro. Talvez fosse uma maneira de misturar meu cansaço com o peso no coração, por conta da temática, mais o alívio de terminar “a tarefa do dia”.

Fazer a disciplina de Anatomia Humana, conviver com cadáveres, e investigar o corpo e expressão dentro de uma temática que falava da morte de trezentas pessoas foi algo muito intenso. Por acaso ou não, na encenação final, acabei interpretando uma canção enquanto era velado.

Em outro momento, estávamos dançando improvisando e eu, depois de agitar muito, me joguei no chão e fiquei um tempo parado, descansando e dando espaço/tempo para “criar outro corpo”. Depois de um tempo imóvel com a cara no chão, me lembrei dos cadáveres das difíceis aulas de anatomia.

Eu estava com a cara no chão e lembrei-me de um corpo morto. As aulas de anatomia são, para mim, muito mais que anatomia. A morte, algo que passa a todos, mexe com camadas profundas. A cada aula, além de eu ter que lutar com o meu corpo e a pressão baixa, para não desmaiar, eu saio pensando muito sobre morte, rituais, vida... Quantas vezes a gente fica meio “morto-vivo” na vida? Estar sem querer? Não senti, não viu, nem lembra. Às vezes meio em fuga ou defesa. Voltei a dar atenção para o corpo, e me vi fora dali. Será que estava em pequena “morte de estar”? Será que eu estava interpretando um morto para dar vazão às minhas visões chocantes da aula no dia anterior? Sim, estava dançando um pouco da morte. Então, uma pergunta consegue calar todos os meus resíduos mentais: E qual é a diferença de dançar a morte ou “morrer” aqui parada? Em resposta, me

tomou o pensamento uma epifania: A PRESENÇA. Levantei um pouco a cabeça, respirei mais rápido e deixei todo o corpo em estado de alerta, ainda que relaxado. Continuei em dança de morte, mas pronta para a vida.

Diante de tamanho choque, de ver cadáveres abertos e repicados, mais que conteúdos, nem a extrema decoreba de nomes e partes de corpos da disciplina de anatomia, conseguiria vencer a enxurrada de “outras coisas aprendidas”. Geralmente eu saía da aula sem nenhum nome na cabeça, eu aprendia a dar atenção a minha respiração, a controlar minha pressão arterial e meu pânico. E saía da aula com mil conceitos sobre a morte.

Nesse mesmo dia do relato anterior, logo após dançar a morte, virei à cabeça com intensidade num impulso e me machuquei. Pus a mão no pescoço, em cima da dor, e saltaram duas palavras em meu pensamento: músculo esternocleidomastoideo. Depois fiquei pensando que não iria me lembrar, tão logo, de elementos da aula na noite anterior, se não tivesse dançado no outro dia de manhã.

Essas, dentre outras vivências, me provocaram a querer traçar um caminho buscando nas minhas memórias e experiências, momentos que sinto as Ciências Biológicas corporificada, colocada em corpo. Momentos em que a arte me transborda aos entendimentos “científicos biológicos” e ultrapassa supostos limites entre campos de conhecimento. Quando o corpo mobiliza saberes. Quando as Ciências Biológicas se preenchem de significados com sentidos vivos em mim. Porém, antes de navegar nas relações entre corpo e saberes, há outras correntezas.

3.3 ESTÍMULOS À PRESENÇA POR VIAS DE LINGUAGEM, PROFESSORAS COMO PROVOCADORAS DE PONTES POSSÍVEIS

Entendo que o exercício docente pode colaborar com possíveis pontes de comunicação e percepção entre o educando e as relações que perpassam suas qualidades de presença. Tal prática pode ser importante na estruturação e desestruturação de conceitos, de concepções, de padrões de linguagem, de movimentos, de hábitos etc. Reflito que pensar nesta ação, professor provocador “de presenças” através da palavra implique muitas dimensões, como: o acolhimento e fortalecimento das identidades, o cuidado com a inclusão da diversidade e das diferenças, entre outras. Mas, vou tecer algumas reflexões neste trecho sobre os aspectos que tangem a palavra como estímulo ao corpo atento, em relações conscientes.

As pesquisadoras Danieli Marques e Jussara Miller, no artigo “Entre palavra e movimento: possíveis interlocuções na Técnica Klauss Vianna” (TKV), trazem reflexões a respeito de diversas relações entre palavra e movimento no contexto da TKV e o ensino da dança. Fazendo distinções, traçando paralelos entre o ensino nas aulas tradicionais e o ensino da TKV, as autoras contam que, nas salas de aula tradicionais, as instruções são normalmente pontuais, não havendo espaço para provocações, interrogações e experiência do movimento, “alunos movem-se e cumprem a tarefa, sem atentar-se para as sensações ocorridas durante o percurso” (MARQUES; MILLER, 2023, p.7).

Segundo as autoras, na TKV a palavra alimenta permanentemente o processo de investigação do movimento e não é apenas o professor que tem autoridade para dar a instrução. A dialogicidade é estimulada durante todo o processo, atuando, o professor, como um provocador de pesquisa e criação, priorizando o processo de experiência. Elas ressaltam a importância da intenção e atenção a pesquisa, para não seguir uma tendência de repetir e automatizar movimentos, a importância de perceber o que acontece enquanto se faz, percepção do movimento, da articulação com o outro e com o ambiente.

Há muitas diferenças entre o ensino da Dança e o ensino de Ciências Biológicas e da Natureza nas salas de aulas tradicionais. Enquanto as autoras destacam a falta de palavras faladas e excesso de movimento nas aulas tradicionais de dança, eu me vejo do ponto de vista do espelho, imagem invertida. Nas salas de aula de ciências existe o excesso de palavras faladas e a falta de movimento corporal.

Porém, há também muitas semelhanças em relação aos processos pedagógicos que geram automatização e cumprimento de tarefas que não estimulam a atenção para o percurso e as sensações e afetações com/no processo. Mesmo quando se trata de um processo de pesquisa, interpretação e expressão.

Ao ler este artigo, fiquei pensando como os princípios pedagógicos da TKV e a relação com a palavra, como estímulo a pesquisa e a percepção, podem **inspirar a formulação de estratégias pedagógicas** para trabalhar com outros tópicos e em outras áreas de ensino. Como o corpo pode estar sendo desautomatizado processualmente durante os processos pedagógicos no ensino de Ciências Biológicas e da Natureza?

Partindo do ponto de vista do ensino de ciências, imaginei-me como professora, e como eu poderia estimular a percepção do corpo na sala de aula, mesmo que alunas, alunos e alunes estejam sentados e em filas. Estimular a **percepção dos processos** de troca

interpessoal, do tipo de relação que se estabelece, em trabalhos em grupo. E a percepção do espaço sala de aula, dos corpos nas cadeiras e classes. Estimular o movimento, sentar-se de formas diferentes, modificar o espaço, mesmo que em trabalhos sentados, mudanças de configurações de classes, por exemplo, e dos elementos que constroem o “ambiente sala de aula”.

Considerando também que as condições, às vezes, apresentadas, como por exemplo, uma sala cheia de trinta e cinco alunos adolescentes que não param um segundo, que tendem a um caos sonoro, necessitam de outros estímulos. Talvez a uma percepção interna, a concentração, estímulos de outros movimentos de escuta coletiva.

E ainda em vôos mais altos, através das práticas de pesquisa com a TKV me inspiro a imaginar e formular estratégias pedagógicas para estimular a pesquisa em ciências biológicas e da natureza com os corpos em movimento consciente. Não sabendo ainda os limites e possibilidades dessas costuras. De qualquer forma, de corpo movente ou parado, **é necessário presença**¹⁶! E presença também se constitui através de processos de afirmação e reconhecimento de identidades dos sujeitos.

4 CORPE IDENTIDADES E LINGUAGEM

4.1 BARRAGENS NOS CAMINHOS: EXTERNAS, INSCRITAS E INCORPORADAS

Como sujeito pesquisador/aprendiz, de identidade de gênero dissidente, trans não-binário, eu encontro com sistemas de barragens e contenções de corpos.

Num dia comum, quando eu trabalhava em um espaço de educação ambiental na universidade, aconteceu algo que me chamou atenção: Eu estava conversando com meus colegas e com a coordenadora dos projetos de extensão. Enquanto isso, um colega deu um chute no ar, foi até a porta, se pendurou, fez um pouco de “barras” malhando na porta, depois foi para a rua a deu algumas estrelinhas e mais chutes no ar. Ele estava mexendo o corpo e treinando capoeira no meio do horário de trabalho e no espaço de trabalho (que não era um trabalho com capoeira). Isso seria ótimo e eu me animaria muito em transcender as barreiras normativas comportamentais nos espaços, com todos. Além disso, é muito saudável e é esse o conteúdo das minhas reclamações sobre muitos dos espaços que passei. Mas não. Eu fiquei meio atônita, com uma mistura de inveja e

16 Refiro-me aqui primeiramente a presença no sentido de “estado de presença”: o corpo atento e perceptivo em relação ao espaço e as relações, com disponibilidade ao movimento e a pesquisa, “desautomatizado”, referenciado nas teorias da TKV. Mas também reflito sobre a necessidade de estados de presença que incluam, além de corpos perceptivos, corpos percebidos, reconhecidos, incluídos, envolvidos nas relações interpessoais, ambientais e processuais coletivas. Estando atravessados por diversas questões como: corpos “súgnicos”, históricos, culturais e políticos. Que podem compor ou não outros modos de presença, a depender das relações tecidas, a depender de como se dão as relações étnicas/raciais, de sexo/gênero, de neurodiversidade, etc., ou do “modo de ser/fazer” em relação ao contexto inserido.

raiva dele. Porque jamais eu poderia chutar o ar e mexer meu corpo daquela maneira no ambiente de trabalho. Ele pode, “é guri”.

Se com o corpo “comportado”, eu já estou no lugar de “ser estranho” e por isso já sofro com tratamentos desiguais, como não me chamarem para reuniões do grupo de trabalho, não me enviar e-mails que vão para todos, não me olhar durante a reunião, não considerarem e cortarem minha fala, como foi em outra experiência de trabalho na universidade, imagina chutando o ar. Eu não posso chutar o ar, mesmo que fosse só para materializar minha vontade de chutar estruturas culturais transfóbicas, binariamente (cis)centradas (nesse caso, penso que seria, além de tudo, muito terapêutico também). Eu, corpo não homem cis, não “guri”, nem de expressões ditas “femininas”, um corpo marcado por dissidências cis e binárias, em regras implícitas, “não posso”.

Percebo-me como um “corpe” sob pressão de fatores que agem como forças colonizadoras ao padronizar espaços e possibilidades comportamentais, expressivas, corporais, de movimentos e afetos. Paul Beatriz Preciado, em seu livro “Manifesto Contrassexual”, diz:

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. (PRECIADO, 2014, p.26)

Sinto que o condicionamento da linguagem corporal é como uma higienização da expressão que delimita lugares, espaciais e de “estado de estar”. Muitas vezes, estas marcações se apresentam como regras implícitas, “invisíveis”, que determinam as possibilidades de movimento dos corpos, outras vezes muito visíveis. São como fronteiras que cortam nossas carnes, nossos mapas e cercam nossos corpos. Fronteiras que a partir de seus cortes e amarrações tornam invisíveis os corpos desviantes, ou “corpas, corpes e corpos transmasculinos”.

Nesses sistemas há uma forma de pensar que separa mundos, e a partir daí se instauram regras implícitas que determinam tanto o que é válido, visível, possível de ser lido, quanto o que pode ser produzido, expressado, corporificado, gestualizado. De modo que estas formas de pensamento colonial moldam mundos a partir de nossas células. Por vezes as *sinapses coloniais* comandam a “não-corporalidade” do mundo invisibilizado. Outras vezes, as corporalidades dos mundos diversos, por mais corporificadas que estejam, são invisibilizadas, ou eliminadas. Como se esse sistema de regras ditasse o que pode ser lido, traduzido, o que fica no modo de “blablumpapala”, de estranho, confuso, indeciso, “outro”,

periférico, não possível de ser lido. E talvez seja isso que Paul Preciado queira dizer sobre corpos que ficam “elípticos”, não eliminados, mas elípticos.

Na gramática, o “sujeito oculto” ou “sujeito elíptico” não está explícito nas orações, é aquele que se deduz a presença através dos sinais de uma frase antecedente, ou da flexão verbal. O sujeito elíptico não estaria então presente no presente do que está sendo dito, não estaria “acontecendo”, “fazendo-se”. É um tipo de presença dedutível, mas não visível.

E por sua vez, este tipo de “presença não-presença” também alimenta o modo de pensar que o produz. Como nos fala Luiz Rufino sobre os mecanismos da colonialidade: “é na perspectiva da **produção da não presença da diversidade** que se institui uma compreensão universalista sobre as existências.” (RUFINO, 2019, p. 10)

4.2 ____ CRIAR POROS ATRAVÉS DA ESCRITA

Seguindo um condicionamento de suposta obrigatoriedade em me expressar com palavras no feminino, muitas vezes eu perco o tempo de fala e não me expresso. Eu paro o pensamento para “corrigir” a minha designação de gênero na frase. Imagino que isso afete minha expressão como um todo, afete minha corporalidade inteira.

Já preciso colocar energia para organizar meu pensamento e frases de modo linear, pois, por uma tendência de minhas neurodivergências, eu já inverte palavras e sílabas em uma frase e ainda parágrafos inteiros de um texto, ou começo uma história sem introdução contando pelo meio, e expresso a introdução depois que conto o final. Auto regular-me para me adequar a concepções de gêneros que não correspondem as minhas concepções de mundo/gênero e não correspondem a minha identidade é ainda mais dispendioso.

Pensando que minha expressão corporal e minha expressão por meio da escrita passam por processos similares, durante a escrita destes textos, sinto a necessidade de remarcar esses lugares, criar nomes que integrem outra forma de relação ou explicitem a relação já dada, mas não vista. Assim, essas possibilidades de alterações na linguagem falada e escrita talvez permitam também outras performances corporais.

Por esses motivos, trago a palavra “corpo” marcada pela terminação de gênero não binário, com “e” no final “corpe”, dando visibilidade às marcações de gênero. Marcações estas presentes tanto na etimologia ou no uso da palavra, quanto no próprio objeto nomeado. Mesmo tendo “origens neutras”, a palavra “corpo”, por exemplo, nomeia um objeto-sujeito que é arbitrariamente atribuído como o próprio marcador de gênero. Por esse motivo tem sido renomeado politicamente como “corpa” ou “corpe”, por pessoas afetadas e identificadas com

a reivindicação política neste âmbito e por movimentos sociais CUIERs¹⁷, LGBTQI+¹⁸ e Transfeministas. Nesse sentido, Preciado (2014) comenta:

O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições. Não se trata de substituir certos termos para outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação. [...] Judith Butler utilizara essa noção de performatividade para entender os atos de fala nos quais as sapas, as bichas e os transexuais viram do avesso a linguagem hegemônica, apropriando-se de sua força performativa. (PRECIADO, 2014, p. 27)

Não desejei tornar as questões de gênero o foco temático da pesquisa, mas sim, um instrumento de emancipação do próprio pesquisador-aprendiz que a constrói e é, inevitavelmente, atravessado por estas. Já que, corpo e ambiente se constituem dos diferentes fatores culturais, por vezes limitantes, por vezes ampliadores de possibilidades expressivas, dentre eles o gênero. Assim, utilizo a potência performativa de um *corpe não binarie*, trazendo em minha narrativa, escrita e dança o exercício de romper com contenções das expressões; tornando, por vezes, a temática de gênero como um “tema transversal” dessa pesquisa, pois faz parte da minha práxis como pesquisador.

O filósofo Paul Preciado, na palestra “Las subjetividades como ficções políticas”, trata das subjetividades como ficções políticas. Trabalha com a hipótese de que as noções de masculinidade, feminilidade, homem, mulher, heterossexualidade, homossexualidade, normalidade, patologia, transexualidade, intersexualidade, são ficções políticas. Preciado menciona as ficções políticas não somente no âmbito discursivo e imaginário, mas faz referência a ficções políticas vivas, encarnadas, que tem a qualidade de seu próprio corpo. Diz que nós todos somos essas *ficções políticas vivas*. (PRECIADO, 2014, 6:55, tradução nossa).

Penso que é da construção subjetiva sobre os corpos que nasce a justificativa para fragmentar binariamente a divisão política e social de sexo/gênero. Ignorando parte da população mundial que nasce com uma diversidade de formas genitais ambíguas, sendo

17 “CUIERs” é uma forma de “latinizar” a palavra inglesa QUEER, atualmente nomeando muitos grupos de pessoas com identidades de gêneros dissidentes do binarismo cis, homem e mulher, são: as bixas, sapatões, transviados, travestis, sapatrans, e etc, e ou também nomeados no termo guarda-chuva “não-binário”. Segundo Preciado (2014), termo QUEER, antes tido como uma ofensa a tudo que era marginal ao sistema de sexo/gênero cis e binário, foi reapropriado como forma de manifestação e passou a denominar também alguns movimentos sociais organizados.

18 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Interssexuais, Assexuais, Pansexuais, Agêneros, Transexuais, Não-Binaries, etc. (LGBTQI+)

nomeados atualmente como intersexo¹⁹; além de muitas identidades de gênero conhecidas ou reivindicadas que independem das suas genitálias.

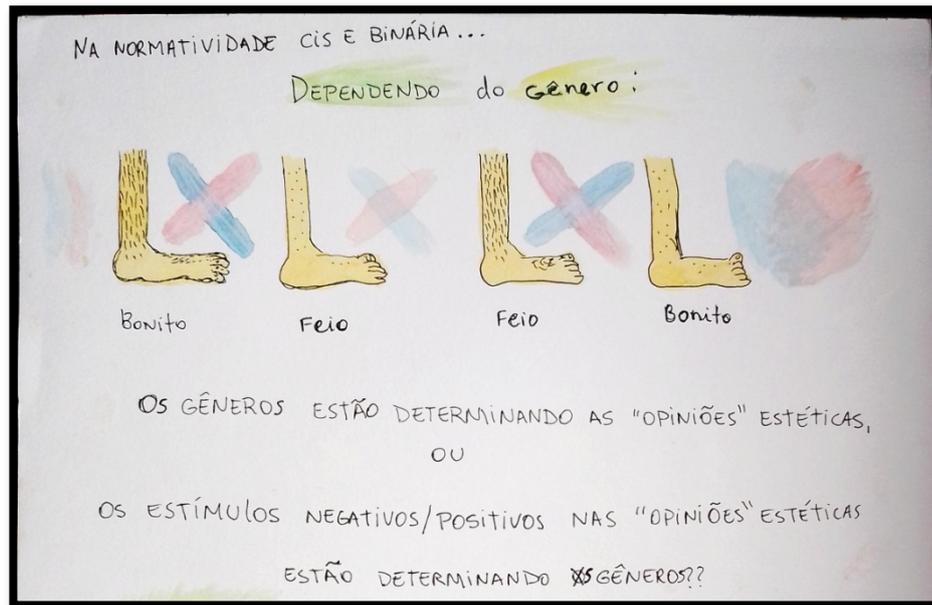
Paul Preciado comenta também que: se fizermos uma genealogia política que explique como estas ficções apareceram historicamente e a que conjunto de técnicas políticas de normalização de corpo e subjetividade estão associadas, é possível que estejamos em uma situação a qual devemos coletivamente nos rebelar contra estas ficções políticas que nos constituem. É possível que a partir dessa consciência histórica e política, devemos nos desidentificar criticamente destas ficções e imaginar coletivamente outras ficções políticas que não produzam sistematicamente formas de opressão e formas de exclusão. (PRECIADO, 2014, 8:45, tradução nossa).

Por esse motivo - (des)invisibilizar identidades e recriar ficções políticas - “o corpo” tem sido renomeado politicamente como “corpa” ou “corpe”, por pessoas afetadas e identificadas com estas questões, e movimentos sociais LGBTQI+ e Transfeministas. Reivindicando-o como um território autônomo, o qual foi historicamente apropriado e nomeado, e assim imbuído de significância e sentido, por “outros” que não o próprio “incorporado”, o próprio corpo-pessoa. O território corpo, antes (alter)nominado, como corpe ganha “(auto)nomia”.

É possível que alterar desta maneira esta palavra soe como algo que “suja” as regras gramaticais, ou algo que pode ser dispensado. Penso que esse tipo de argumentação é o que acontece nos processos de marginalização de algo. Assim como atribuir adjetivos como “bagunçado”, quando se quer dar centralidade a um tipo de “organização” e descaracterizar outros. Assim como, “feio” VS. “bonito”, “avançado” VS. “atrasado”, “primitivo” VS. “desenvolvido”, “sujo” VS. “limpo”. Criar dualidades que propõe um referencial central e, conseqüentemente, o “outro”, a margem, é especialidade da colonialidade. Acontece com corpes invisibilizados, marginalizados, de expressões engolidas, e acontece com a linguagem, que compõe estratégias de fuga dessas dualidades e de (re)territorialização do pensamento no campo discursivo.

19 Intersexo é um termo guarda-chuva usado para descrever uma ampla gama de variações naturais do corpo. Em alguns casos, características intersexuais são visíveis no nascimento, enquanto outras não são aparentes até a puberdade. Algumas variações cromossômicas intersexuais podem não ser fisicamente aparentes. De acordo com especialistas, entre 0,05% e 1,7% da população nasce com características intersexuais. Fonte: <https://nacoesunidas.org/onu-e-ativistas-brasileiras-lembram-importancia-da-visibilidade-intersexo/>

Figura 6. Desenho e aquarela. Dicotomias da colonialidade



Fonte: Elaborada pelo autor.

Desse modo, “corpe” e “corpa” seriam maneiras de recriar linguagens, metodologicamente “sujar” as palavras em contraponto a cultura higienista dos modos e das etiquetas que marcam todas as fraturas do “corpo social” - classe, gênero, etnia, etc.

Trazer em minha narrativa escrita e dançada a reapropriação da nomeação “corpe”, como potência performativa, e desse modo a amplitude da significação da auto-demarcação deste território, corpe, evoca o exercício de romper com as contenções das expressões, e a buscar outras possibilidades de “criação de mundos”.

Não vejo outra maneira de brilhar meu impulso genuíno e criativo sem antes perpassar os cerceamentos por meio de **redemarcações, criações de poros**, que por vezes criam **fissuras ruptivas estruturais**.

As constantes reinvenções de linguagens fazem parte dos processos de reterritorialização do pensamento. Para que possamos, desse modo, recriar espaços, também no território das subjetividades.

4.3 ____ UM GESTO-ECO, UM TESOURO NAUFRAGADO

4.3.1 Ambientes escritocêntricos?

Na UFSC, em uma oficina de escrita do Coletivo Tecendo²⁰, eu estava lendo, compartilhando com o grupo, algumas coisas que escrevi, falando de um processo que se assemelhava com um movimento de Tai Chi Chuan. Era como defender-se sem fazer força. Aproveitar o movimento do oponente e usando a força que veio contrária, desviar e deixar que ele caia. Eu precisava expressar o movimento com gestos, o meu texto exigia uma gestualidade para ser lido, mas meu corpo não se mexeu. Meu corpo calou-se e o movimento era muito simples. Aquele gesto ecoou dentro de mim, por dias.

O movimento que eu desejava fazer não desafiava nenhuma regra social “drástica”, aparentemente. Ou sim? Porque eu não corporifiquei meu texto naquele momento, estando num lugar afetivo e acolhedor? Quais eram as regras implícitas ali?

Penso que neste outro momento que relatei, essas regras não têm relação com identidade de gênero, mas com o tipo de atividade, ou de metodologia e epistemologia propostas, seja de forma intencional e dita, ou implícita pelo grupo focalizador ou ainda pelo ambiente. E no ambiente se lê: coisas materiais e suas disposições, cadeiras, daí corpos sentados, e estrutura sociocultural, costumes dos habitantes do território, por exemplo, que no caso deste relato era a biblioteca.

Em convivência com o grupo do processo de direção teatral, fui percebendo que quando estava na UDESC, nos espaços externos do Centro de Artes, nos intervalos, meu corpo se mexia, mudava de lugar, se espreguiçava, via outras pessoas dançando e fazendo movimentos ali. E na UFSC, nos intervalos de aula do curso de Ciências Biológicas ou mesmo no gramado, na “feirinha de quarta”, eu não sentia a mesma disponibilidade ao movimento, o simples espreguiçar e esticar-se não acontecia. E o mesmo ocorre com uma²¹ colega que convive nos dois espaços. Por quê? Quais são as regras subjetivamente inscritas nestes ambientes? Ou quais são os costumes dos habitantes destes territórios? (Figura 7).

20 Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação, coordenado pelo Prof. Leandro Belinaso Guimarães.

21 Terminação “e” para gênero não binário.

Figura 7. Questionamentos de Mafalda



Fonte: Acervo do artista – Instagram:
@mafalda_tirascompletas

Ao trazer pergunta que abre esta sessão como: “Ambientes escritocêntricos?”, inspiro-me no termo “sociedade escritocêntrica”, transcrito pelas autoras Simone S. Ribeiro, Patrícia M. Garibaldi e Suzani Cassiani (2020), ao contextualizarem a importância da escrevivência na produção textual, oral e escrita, de mulheres negras, em um meio cultural que “hierarquiza manifestações culturais que possuem o binômio oralidade/memória como meio de difusão de saberes” (RIBEIRO, GIRALDI, CASSIANI, 2020). As autoras explicam que a sociedade de uma maneira geral tem o costume pautado na oralidade, porém os conhecimentos realmente validados são pautados pela escrita, perspectiva advinda de uma racionalidade eurocêntrica.

Em outro artigo²², Simone Ribeiro e Alberto Maltovão Neto dizem que a importância deste termo está na negação da escrita como meio de subalternização de povos dominados, destacando que a comunicação por registros gráficos não é única e exclusiva de populações ocidentais.

Leda Martins conta que as culturas africanas sempre tiveram textualidade escrita e textualidade oral, mas sem hierarquia dos modos de inscrição, mesmo nas mais antigas escritas de palavras. Enquanto, no sistema colonial imposto pela Europa, a ênfase na escritura prolonga essa **ilusória dicotomia entre o oral e o escrito**, que se torna, então, instrumento das práticas de dominação e das desiguais relações de poder e das estratégias de exclusão dos

22 “Escrevivência no ensino de Ciências: relatos de uma experiência com Pressupostos anticoloniais na educação popular”, em “Resistir, (re)Existir, (re)Inventar II: Pedagogias decoloniais em diálogo com o Sul Global”, 2022.

povos que privilegiavam as performances corporais como formas de criação, fixação e expansão de conhecimento (MARTINS, 2021, p.23).

Trouxe a ideia de “ambientes escritocêntricos” como questionamento e, compondo com as ideias das autoras, proponho reflexões: em quais instituições, ambientes, espaços a sociedade escritocêntrica se instaura, se regula e se perpetua? De quê maneira? E onde se inscrevem as regras da “academia brasileira de gestos”?

4.3.2 Dislexia, potências e limites dados com o texto ou dados pelo contexto?

O mesmo processo, “gesto-eco”, percebo que acontece com as palavras faladas. No entanto, percebo ainda outras nuances com relação às palavras faladas. Muitas vezes me perco em uma narrativa por pensar vários sentidos ao mesmo tempo.

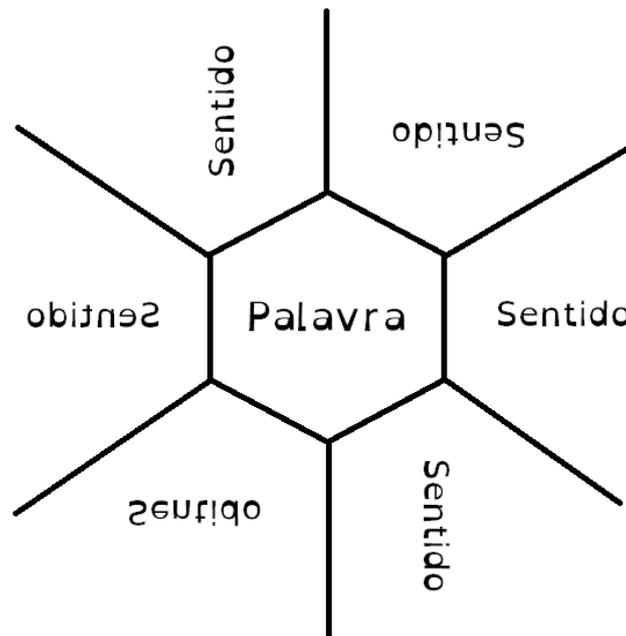
Se fala bastante sobre as pessoas disléxicas “não terem vocabulário” e então usarem muitas vezes palavras “coringas” (polissemânticas). Eu percebo que muitas vezes uso as palavras “coringas”, pois penso em múltiplos sentidos do que estou falando e só uma palavra com maior polissemia pode ampliar os sentidos.

E acontece de pensar múltiplos sentidos quando escuto a narrativa de outras pessoas. Às vezes, me perco de uma única via de sentido de uma palavra e vou até o final do parágrafo com um pensamento de mais de uma via, em duplo sentido. Ou ainda paro em um trecho da narrativa e fico pensando nos múltiplos sentidos de uma palavra até escolher qual caminho interpretativo pegar, então me perco na narrativa, atrapalhando a minha interpretação do todo da fala.

Outras vezes, talvez eu esteja “sem vocabulário” mesmo, não encontro sentido para a palavra que escutei, ou li, ou não encontro palavras faladas para os sentidos que desejo expressar.

Fiz essa imagem (Figura 8) de um caleidoscópio com reflexos de diferentes sentidos de uma palavra para pensar-expressar como entendo meus processos cognitivos em relação à linguagem e a dislexia.

Figura 8. Desenho digital. Caleidoscópio Polisssemântico.



Fonte: Elaborada pelo autor. 1

Muitas vezes não consigo focar em um sentido apenas, e muitos sentidos giram no meu pensamento. Então faço um exercício de perspectivas sobre um assunto, sem me apegar a um sentido só. Perder focos dos sentidos das palavras às vezes gera alguns prejuízos, dependendo da atividade, mas penso que essa é uma prática importante.

Há também costumes típicos, padrões de movimentos, dos habitantes dos territórios das palavras. Por isso se fala também em típico e atípico: neurotípico, neuroatípico. Ao fazerem diagnósticos de dislexia com crianças, algumas psicólogas perguntam: “as letrinhas dançam na sua frente?”. Eu não lembro. Mas eu, adulto, troco mais a ordem das palavras do que a ordem das letras, e respondendo à pergunta, digo que as palavras dançam, sim! Os sentidos também. Assim como os corpos e os sentidos que os transbordam no movimento.

E há também costumes típicos e padrões de uso das palavras ligados a formalidades, a regras implícitas, as maneiras de se relacionar, ao contexto. E por haver padrões, dados pelo “uso comum” ou por regras impostas, em constante jogo com a neurodivergência, muitas vezes tenho uma dificuldade aumentada, ao me expressar pela oralidade.

As autoras Miller e Marques (2023) contam que nos processos de ensino há resquícios de uma compreensão sobre a linguagem que tende a acreditar na arbitrariedade dos significados das palavras e na capacidade de uma razão desencarnada conhecer, independente

a experiência da realidade. Entretanto, em diálogo com os estudos de Hans-Georg Gadamer (2012), as autoras contam que a linguagem é fruto da ação e da experiência:

Não há pensamentos sem palavras, não há palavras sem ação, sem a interação corpo-mundo. A linguagem como manifestação da experiência, é acontecimento, nesse acontecimento, não encontramos lugar somente para aquilo que persiste, mas, sobretudo a mudança das coisas. Assim como a vida, a linguagem é incerta, aberta ao acaso da própria experiência. (MARQUES; MILLER, 2023, p. 6, grifo nosso).

A linguagem é acontecimento, é “fazer-se”, é “corpar”, presença, construir-se, fazer-se sujeito, identificar-se e desidentificar-se. É também um processo identitário, de construção de identidades, que acontece no encontro, sempre em interação corpo-mundo. Em fluxo, aberta ao acaso da experiência, aos encontros e desencontros.

Sendo assim, talvez eu possa dizer que a depender de “qual mundo” estamos vivenciando, a linguagem se reconfigura, dizendo também quais palavras são ditas, ou não ditas, pelos “corpes-mundo”, ou como são ditas, acontecem de outras formas. E daí também os pensares, os saberes.

Pensando que através relação corpo-mundo se processam os saberes, acredito ser importante proporcionarmos um equilíbrio entre **formalidade ou informalidade** nas relações nos ambientes educacionais. A **flexibilidade das regras postas à gramática produzida, na grafia dos gestos, da fala e da escrita**, pode colaborar com a acessibilidade, com a **democratização dos “espaços do saber”**.

5 CORPE ESPAÇO E AMBIENTE

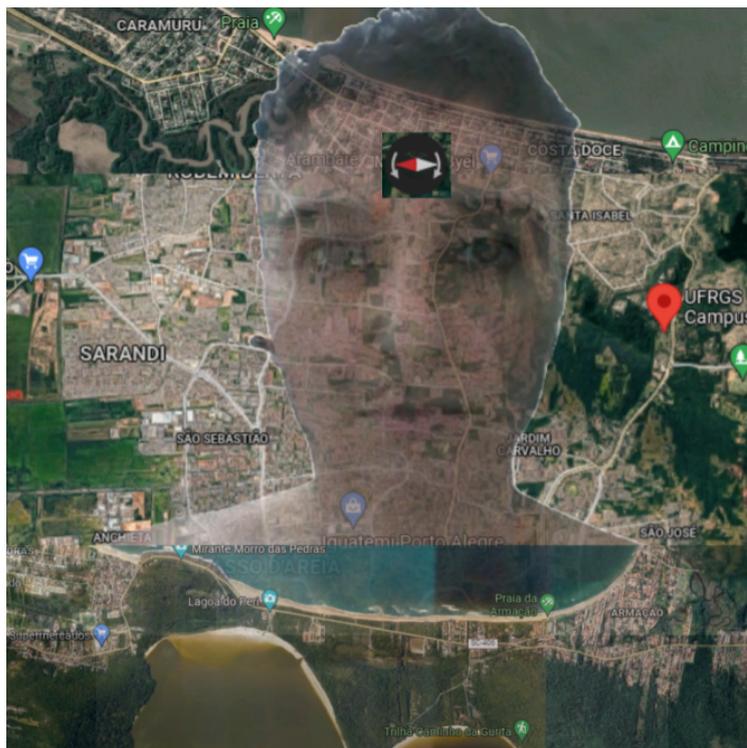
5.1 _____ DE FRENTE PARA O LESTE

Eu queria saber como o bairro Sarandi em Porto Alegre podia ser perto do bairro Agronomia. Olhando no mapa era muito pertinho, mas lembrando de quando eu frequentava a UFRGS, nesse bairro, não parecia nada perto, nem naquela direção. Então me propus a um exercício de me imaginar lá, sentir o espaço como se estivesse lá. Dentro desse holograma mental eu me virei pra um lado específico, de frente para o morro, no meu braço direito ficava Viamão, no esquerdo o sul, e na frente eu conseguia ver que a avenida que subia para os lados do Sarandi seguia na minha frente. Consegui imaginar/sentir o Sarandi ali pertinho, passando o morro.

No entanto, como não me convenço fácil, fui ver no mapa do GoogleMaps. Eu aumentava e diminuía o mapa e não conseguia imaginar/entender o Sarandi ali. Quando aumentava a ponto de vê-lo, não me achava mais nas direções na Agronomia. Então experimentei virar o mapa dessa vez virei de costas pra entrada da UFRGS e para o morro, pus meu braço esquerdo para Viamão, e consegui me localizar de novo.

Depois de um pause de distração filosófica, a imagem da agulha do norte virando para o lado e eu me localizando sem ela ficou quicando em meu pensamento. Voltei no mapa pra ver para qual era a direção em que eu estava pondo a agulha do mapa como minha referência, em minha frente. Era o leste. Passei uns dias pensando em como eu me localizava no espaço com o meu corpe, e percebi que minha referência não era o norte, que muitas vezes eu viro de frente para o leste.

Figura 9. Colagem digital. Meus Lestes – em Arambaré, POA e Floripa



Fonte: Elaborada pelo autor.

Segui minhas reflexões pensando sobre o que havia no leste para que eu me virasse para esta direção e conseguisse me localizar no espaço. Uma das cidades em que morei (e é a raiz de meus ancestrais) tem uma grande lagoa de águas doces no leste. Lá em Arambaré é tudo plano. Têm as coisas que ficam para o lado da lagoa e as coisas que ficam para o lado da estrada. Em norte e sul tem o Caramuru (um bairro) e o Terminal (um parque municipal). Mas nada lá é tão grande e presente no cotidiano da cidade como é a Laguna dos Patos. Além disso, no leste também tem o sol nascente, que pode ser uma referência pra quase todos os lugares do planeta, exceto para aqueles nos quais o sol fica sem nascer. Sol nascente, oriente, **orientação.**

Lembrei-me que o método para se localizar no espaço, que geralmente nos é ensinado, é virar o corpo de frente para o norte. Virar meu corpo de frente para algo que possa ser uma referência espacial me parece muito razoável. Mas o que tem de grande e importante no norte para ser uma referência? Pode ser que em alguma cidade tenha algum morro no norte, ou uma estátua, uma construção, um parque, etc. Mas então a pessoa muda de cidade e perde sua referência espacial de direções na Terra? Se as direções são da dimensão terrestre, são características planetárias, a gente deveria aprender a localizar direções em qualquer parte do globo, não é?

Já tinha escutado várias críticas ao uso do norte como direção de referência, como sinônimo de “direção”, orientação, na linguagem. Mas nunca havia pensado como isso poderia reverberar no corpo, no senso de direção espacial, algo que é tão importante, e assim na corporalidade das pessoas.

Uma vez estava escutando uma palestra de um mestrando, indígena, da Faculdade de Educação da UFRGS e ele contava como conseguia se localizar em qualquer mata e como era difícil se localizar na cidade, porque, segundo ele, “tudo era igual na cidade”. Pensar na colonização sobre a subjetividade de uma pessoa indígena, na relação com a espacialidades, me parece muito visível. Pensar que todos estamos sob constante colonização de nossas subjetividades não me é tão visível.

De qualquer forma, penso que seja necessário olharmos para as nuances dessas reverberações nos processos pedagógicos que agem de forma colonizatórias sob a subjetividade na construção das relações entre corpo, espaço e saberes.

Como as metodologias de ensino podem condicionar o corpo a se referenciar geograficamente pela direção norte? E ao agregar a camada orientacional ao corpo, desta maneira, isso poderia afetar a nossa subjetividade de modo sutil a orientar nossos modos de pensar por lógicas eurocentradas, ou corroborar a impregnar-nos dessas lógicas? Como esse aspecto perpassa as nossas singularidades corporais e epistêmicas? Quais são os efeitos da colonização compulsória de nossas subjetividades nestas relações entre corpos, espaços e saberes?

5.2 _____ TERRITÓRIO ENTRELACADO

Com o mesmo grupo de teatro que citei em outro ensaio, fomos dançar também na Ponta do Coral, um local da ilha de Florianópolis que, como muitos outros, atualmente é um espaço em disputa: especulação imobiliária, com grileiros de privatização, moradores locais

pescadores, pessoas em situação de rua, coletivos promovendo atividades culturais e talvez turistas. Está situado na Avenida Beira Mar Norte e é um local de resistência popular. Devido à insistente especulação imobiliária de construtoras, já foram 49 anos do Movimento Ponta do Coral 100% Pública. Intermitentemente, os movimentos populares e estudantis continuam ocupando e retomando o espaço da Ponta do Coral com atividades culturais e manifestos. Mesmo assim, as pressões continuam, porém não houve movimentos da prefeitura em prol de qualquer restauração ou aproveitamento desse espaço como público, tal como conciliar em seus projetos o amplo acesso da população com sua pluralidade e a biodiversidade local.

Cheguei num lugar estranho, não sabia por onde entrar. Em uma entrada tinha um grupo de pessoas em situação de rua cozinhando que me olharam meio atravessado, noutra uma corrente baixa com cadeado, a outra passava do lado de casas. Fui seguindo, passei casas, entrei em trilhas com capim alto, vi muito lixo e restos de acampamentos. Havia um vazio de abandono no ar. Insegura com o que estava vendo, voltei uma parte do caminho e um senhor pescador, assistindo a minha deriva desorientada, me apontou de longe, dizendo para seguirem frente, na direção oeste. Mesmo achando muito estranho e um pouco perigoso, segui. Encontrei o grupo. Logo de chegada fomos abordados por um cara que se dizia dono do lugar (público). Ele levava um cachorro, que fez xixi em nossas coisas. Dançamos.

Nos dias anteriores, havíamos feito uma prática de “dançar o espaço”, deixando-se afetar pelo espaço. E outro dia escolhemos um padrão de movimento para cada pessoa e seguimos estudando esse padrão, variando intensidade, tempo, formas de expressar etc. O meu padrão era o “bambu”, tinha uma base fixa e balançava com o vento em quatro direções, com flexibilidade e firmeza. Até o ponto de se descolar do ponto fixo e continuar “corpebambu”, mas sem raiz. Mas neste dia, a proposta era estudar o movimento padrão deixando afetar-se pelo novo espaço.

Logo no início meu bambu já perdeu as raízes. O barulho do mar batendo nas pedras me levantava do chão. Alguma coisa fazia com que eu perdesse as direções. Eu me movia para qualquer lado e o ponto máximo era um desequilíbrio, um declive no terreno ou choque em alguma pedra. Aquele espaço me trazia uma sensação de abandono, de passagem sem cuidados, de algo que se degrada. Fui de bambu – com raiz, de movimento flexível, firme e direcionado pelo vento, ao barco naufragado. Sem direção, sem escolha, à vontade das ondas em disputa com as pedras, desmanchando-se aos poucos, um barco abandonado, ao final de deriva, no cais, sem cais, entre pedras. Em algum momento já não conseguia parar ou ser outra coisa ali. Terminei exausta. Um barco naufragado em um lugar abandonado.

Figura 10. Fotografia. Um barco naufragado. Fronteiras diluídas. Território entrelaçado.



Fonte: acervo pessoal do grupo da peça Até Então Era um Risco.

Em meio ao espaço e o corpo que surgiram a partir desse *corpoespaço* em naufrágio, me questionei sobre as relações e afetações entre cidade e corporalidade, ambiente e corpo. Assim como esta vivência na Ponta do Coral, algumas outras das propostas que trabalhamos no grupo de teatro, me moveram a lançar diversos olhares sobre a relação entre espaço e corporalidade. Como eu me movo em um espaço ou em outro? Onde eu não me movo? E um tempo depois que escrevi o relato desta experiência na Ponta do Coral, tive outras experiências com a dança em “espaços abertos”, na disciplina de “Espacialidade dos Corpos”, que também me proporcionaram mais referenciais teóricos. Um dos textos do programa da aula foi bastante marcante nas minhas reflexões, pois ampliou meu repertório, proporcionou outros olhares e estruturas para estas reflexões:

Pensar a cidade como extensão fenotípica do corpo permite reconhecê-la como fator de diferenciação das danças formuladas pelos corpos de seus habitantes, a partir de suas corpografias, mas também, e justamente por isso, como fator limitador das condições de variação de seus padrões de composição. (BRITTO, 2008, p.82)

Fabiana Britto e Paola Jacques (2008) no artigo “Cenografias e Corpografias Urbanas” discutem as relações entre cidade e corporalidade de seus habitantes: “Partimos da premissa de que corpo e cidade se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da

experiência urbana” (BRITTO; JACQUES, 2008, p. 79). Elas entendem a corporalidade como resultante de processos relacionais do corpo com outros corpos, ambientes e situações, ao mesmo tempo em que, reciprocamente, é o que circunscreve as condições disponíveis no corpo para a formulação de uma dança. Dizem: “Entre corpo e ambiente em que este corpo vive, instaura-se, uma relação coadaptativa, cujo caráter criativo não permite pensar em mero ajuste adequatório” (BRITTO; JACQUES, 2008, p. 81).

Reconhecer a cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos geradores de sentido implica reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade de seus habitantes. A dança seria então, um dos modos que dispõe o corpo de instaurar coerências entre a sua corporalidade e seu ambiente de existência, produzindo outras diferentes condições de interação desafiadoras de novas sínteses – novas corpografias.

A cidade, pensada como continuidade das corpografias que formula, pode ser entendida como um “fenótipo estendido” do corpo, nos termos sugeridos pelo biólogo britânico Richard Dawkins, para entender a cultura: como resultante da relação coevolutiva que se estabelece entre corpo e ambiente – entre natureza e cultura. (BRITTO; JACQUES, 2008, p. 82)

Entendo a coerência entre corporalidade e seu ambiente de existência, de que as autoras se referem, correlacionando as corporalidades dos habitantes e passantes da Ponta do Coral e seu ambiente.

Naquele dia na Ponta do Coral, as corporalidades de alguns humanos e até a corporalidade do cachorro “mijão”, já denunciavam um território em estado de disputa. Penso que há lugares e coisas que as pessoas costumam acusar umas as outras de descuido e, no entanto, poucos exercem cuidado de fato. Os resíduos humanos pelo chão e a falta de manejo na paisagem, uma área muito pequena de mata, um antigo pasto invasor crescido, além de algumas pessoas não cuidadoras e outras não cuidadas, eram parte desse fenótipo estendido para mim.

No entanto, enquanto isso, o gesto simples de alguém que se estabelece e cuida do espaço me mostrou, não só a observação atenta, disposta e cuidadora, mas também alguém que compartilha o espaço em que vive. O pescador, já acostumado com barcos desorientados daquelas águas turbulentas, de cima de seu farol (sua casa), acenou e assim soprou minhas velas. Já acostumado com os territórios fluidos (aquáticos), sem cerca, divide seu peixe livre. Compartilha seu território. Diferente de pecuaristas, o seu cultivo é em território do qual exerce cuidado, mas esse território aquático não é a sua propriedade, e nem o peixe. Os seus gestos foram encorajadores e “compartilhadores”.

E eu, no caminho, já corporificava passos inseguros, caminhos derivantes e direção incerta, o meu barco já estava rumando as possibilidades de naufrágio antes de iniciarmos “a dança”. A dança tinha planos de outras rotas, eu era bambu, antes de barco. Antes deste novo território que se entrelaçou em meus tecidos, como o sangue que me escorre. Tanto a dança no sentido da prática de pesquisa somática que estávamos pesquisando, quanto a dança no sentido amplo, que as autoras trazem no trecho citado, eram coerentes com minhas sensações e o que percebi naquele espaço. Eu era bambu dentro do território da universidade, com regras estabelecidas e transgressões direcionadas. Flexível, mas fixo em raízes. Na Ponta do Coral não.

5.2.1 Desacomodar

Se, espaço, ambiente, cultura, relações, sociedade, afetam os corpos criando outras corporalidades e as corporalidades são também as subjetividades e seus processos de construção de saberes, eu me pergunto: Como os corpos, produtores de subjetividade podem criar ficções políticas transformadoras de espaços, de “outros mundos possíveis”?

No meu estágio em ciências propus duas atividades que buscavam trabalhar as noções de química e anatomia, com turmas diferentes, através de jogo cênico e da escuta e percepção do corpo. Uma destas demandava deslocamento pelo espaço, e outra o toque nas estruturas ósseas, dos pés e das mãos, no seu próprio corpo e observação dos esqueletos do laboratório, então colchonetes para sentar no chão. A parte mais difícil foi pensar onde fazer estas atividades, já que, em sala de aula, no laboratório de ciências, na horta, no pátio da escola ou na cancha de futebol, **todos os espaços demandariam serem movidos**, seja na sua organização material ou na sua concepção como algo outro para "sala de aula de ciências". Onde quer que fosse realizada essa atividade, ela **moveria o ambiente e imprimiria a ele outra concepção de fazer pesquisa/saberes em ciências da natureza**.

Com muito medo de ser um incômodo no fluxo da escola, fiz estas propostas. E ao final entendi que a questão não é incomodar, mas **desacomodar**: pessoas, espaços, matéria, subjetividades, concepções, metodologias.

6 CORPE SABERES

6.1 _____ SABERES ACADÊMICOS DA BIOLOGIA EMERGIDOS EM UMA CORPORALIDADE AQUÁTICA

Um dia fui com o grupo de teatro que fiz parte, em 2019, experimentar dançar na água, no espaço Mãe D'água, localizado no Rio Vermelho, com as professoras Ana Alonso e Iris Fiorelli que trabalham com dança Contato Improvisação.

Depois de duas horas na piscina de águas quentes e salobras, meu corpo agregou um estado de leveza e relaxamento. Ao final, saí por uma rampa rastejando, brincando, imitando, performatizando um anfíbio. É pesado demais, senti uma dificuldade enorme de deslocamento, parecia que meu corpo pesava mil quilos a mais. Percebi na mesma hora a necessidade de ter braços e pernas fortes, para andar na atmosfera, mais que isso, o corpo precisa de apoios firmes em eixos da coluna, de ossos que sustentem e equilibrem o centro da estrutura, a coluna vertebral, em pontos de apoio estratégicos, e uma musculatura em estado de alerta. Nesse momento, pensei muito nos peixes de nadadeiras lobadas, recém os tinha visto nas aulas de zoologia de vertebrados. Realmente, esses seres de nadadeiras lobadas, “ai que difícil seria nadar (ou andar) fora d'água”. Sim, é necessário mesmo ser assim: anfíbio. No resto da semana ressoou em meus pensamentos o peso em atmosfera fora d'água, o estado de leveza e potência de velocidade na água e as nadadeiras lobadas.

Sentir. Sentir-se. Sentir-se anfíbio. Entender a necessidade de um salto evolutivo dos caracteres ósseos, dos apêndices torácicos e pélvicos, através da experiência do corpo com a gravidade e com a mudança de densidade na mudança de meio. Dei-me conta de todas essas mudanças pesquisando outras formas, expressões e estados corporais. “In-corporando” um anfíbio. Submergindo no “mundo água” e saindo dele. Relacionando-me com este outro ambiente. Deixando-me germinar por ele. E percebendo as diferenças minuciosas no “eucorposentidos”. Com atenção plena e memórias de saberes da biologia, envolvidos numa dança.

A partir deste dia, este momento da história evolutiva dos cordados ficou registrado ou me afetou, de maneira que, além de entender, agora tenho um profundo respeito e admiração pelos peixes de nadadeiras lobadas e os anfíbios. Sinto, a partir dessas experiências, um corpo que aprende informações incorporadas, corporificadas, informações ressignificadas através do movimento. Palavras contidas nas gestualidades que afetam a estruturação dos saberes.

Trago esse relato aqui, não porque eu pense que todos deveriam ter o mesmo tipo de vivência para entender a história evolutiva dos cordados. Mas, porque me dou conta da potência de um corpo que não apenas gestualiza para representar ou mimetizar algo como forma, **mas que se afeta, cria, transmuda e constrói conhecimentos a partir de suas experiências expressivas, saberes imersos na experiência do movimento.**

Quando visito meus delírios sobre dar aula de biologia em um processo pedagógico que envolve os corpos em movimento, apesar de não saber bem como traçar percursos para este caminho, digo que minha intenção não seria fazer uma coreografia reprodutiva representativa dos “processos do Complexo de Goldi”. Seria “outro tipo de dança”.

Muitas vezes eu já estudei zoologia durante as aulas de artes do corpo²³ (porque a metodologia de ensino permitia a experimentação, em meio a outros processos, diferentes pesquisas emaranhadas). Movendo o corpo no chão por segmentos, como fazem os anelídeos, lembrando seu tipo de musculatura. Experimentando o giro angular dos braços, com as mãos apoiadas no chão, entendendo o ângulo das escápulas dos felinos. Dentre outras pesquisas de movimento enredadas nos meus saberes da zoologia. Estudar as Artes do Corpo nas aulas da Biologia é mais restrito, pois os processos pedagógicos, em geral, não abrem espaço para diferentes formas de pesquisar. No entanto, o corpo e “suas artes”, estão sempre em permanente jogo, pois somos corpo, soma. Somos soma.

Nessa soma há pessoas que meditam caminhando, há pessoas que compõe música dançando, há pessoas que encontram respostas dançando, há pessoas que entendem o sentido de palavras com o corpo em movimento, há pessoas que movem conhecimentos ancestrais através dos fazeres manuais, do artesanato, há muitas formas de conhecer, reconhecer, memorizar, ativar memórias, criar, compor saberes com o corpo em movimento.

Há ciência na arte de mover saberes com o corpo em movimento, com as linguagens corporais. Porque há na linguagem um trânsito de memória e informação, um enraizamento de sentidos. As linguagens do corpo, e as técnicas corporais que as disponibilizam, são tecnologias ancestrais.

6.2 O QUE PODE UM DEDO EM DANÇA?

Em um dado momento da minha vida, eu resolvi mergulhar nos estudos das medicinas da floresta. Iniciei uma sequência de trabalhos com Ayawasca²⁴, uma planta conhecida como “planta mestra”²⁵. Esses trabalhos nada tinham a ver com minha vida

23 Especificamente as aulas com princípios da Técnica Klauss Vianna, que estimula a escuta do corpo e o corpo pesquisador.

24 Ayawasca é uma bebida feita a partir de duas plantas. Faz parte de diferentes rituais de medicina indígena e é utilizada por diversos povos e grupos não indígenas. Por isso, chamada com uma variedade de nomes. Seus efeitos são variados, no entanto, alguns destes efeitos são chamados de “sonhos lúcidos”. Tais plantas combinadas contêm princípios psicoativos.

25 Segundo Krenak, as “Plantas mestras” são veículos fecundos para outras realidades. Elas permitem o acesso a outro estado de existência. Elas abrem a percepção para o microcosmos interior. O mundo microbiológico do qual os corpos são feitos. As plantas mestras transmitem conhecimentos aos seres que a absorvem”. (DANTES; KRENAK, et al., 2021. 3:42)

acadêmica, muito menos estavam direcionados a minha pesquisa de TCC. Porém, por fazerem parte da minha história também influenciaram em minhas percepções de corpo. Por esse motivo, as trago aqui no intuito de dialogar com reflexões que surgiram a partir destas experiências.

Além disso, antes de iniciar os relatos de experiências pessoais com as medicinas da floresta, preciso destacar que de modo algum as minhas experiências pessoais referenciam culturas ameríndias ou querem dizer sobre os modos de fazer pesquisas, ou sobre os modos de vida das culturas ameríndias, em específico a cultura dos povos Dessana e Guarani aqui citadas. Ao contrário, as referências que trouxe para este trabalho apontam possibilidades de olhares sob minhas experiências. Estas referências como: João Paulo Barreto, Viveiros de Castro, Dallanhol e relatos do povo guarani possuem matrizes de conhecimentos dos povos originários. Apontam olhares a partir de “outras” bases de conhecimentos e conceitos sobre a corporalidade que me permitem traçar outras perspectivas para o estudo do corpo a partir das minhas experiências.

Em um dos trabalhos com Ayawasca, eu estava em um sítio, em um pedacinho de Mata Atlântica, na cidade de Viamão - RS, e senti a mata como uma unidade, como uma entidade de “força arquetípica”, que conversava comigo. Nesta conversa, ela me convidou a conhecer a grandeza, a intensidade de outra mata, da mata amazônica. Coloquei na minha cabeça que eu iria para Amazônia conhecer a “floresta grande”. Larguei a faculdade, fui trabalhar em diferentes lugares para juntar dinheiro. E fui. Foram seis meses de viagem. Dois meses e meio de imersão em “sonhos lúcidos” da medicina da floresta.

Em Alter do Chão vivenciei o primeiro “trabalho de ayawasca” na “mata grande”. Depois de consagrar a bebida, em meus sonhos lúcidos, logo apareceu uma avó indígena. Ela falava através dos meus gestos. Como se ela conduzisse meu corpo e os gestos resultantes fossem meus tradutores da mensagem que ela trazia. Ela fez um círculo de proteção em torno de mim, ajudou a concentrar-me e deu algumas lições sobre técnicas de manejar a “conexão com o mundo espiritual” através da respiração. A respiração dos pássaros e das serpentes. A respiração dos pássaros era profunda e longa. A respiração das serpentes também era profunda, porém curta. Uma conectava a matéria, ao concreto, ao presente e a outra ao sutil, aos sonhos, a diluição do tempo.

Depois disso, uma fila de pessoas de um povo passou através de mim, dançando em coletivo, como uma serpente. Todos juntos, movendo-se, eram um corpo só, um corpo de uma serpente. Eles passaram e levaram algumas cargas e resíduos que carregava dentro de mim, que me bloqueavam. Eu tive vontade de entrar na mata e segui-los naquela dança.

Depois de algum tempo, teve um momento em que me joguei no chão. Já estava bem cansada. Comecei numa viagem em pensamento sobre “a Ayawasca”, admirando aquela força/entidade/substância tão poderosa. Quem era ela? Onde ela estava? Eram duas plantas que viviam separadas. Mas estavam juntas. E juntas eram outra coisa. O que era ela??? Ela tinha cara de quê? Será que eu podia antropomorfizar a Ayawasca? Será que ela podia ser uma entidade? Será que eu podia chamá-la e ela viria, como faço com “mamãe Oxum”, a orixá das águas? Tentei, chamei, chamei e ela não vinha, porque ela já estava lá, mas eu não a via. Comecei a perguntar onde ela estava... onde está a ayawasca? Onde está? De repente meu braço começou a levantar eu o mexia, mas sem controlar o movimento. Meu dedo se ergueu, como se fosse apontar para o céu. “Será que ela estava nas estrelas?”, eu me perguntava. Mas me surpreendi, meu dedo fez uma volta e desceu, apontando para o meu peito. Ayawuasca estava em mim. E não era por ter tomado a bebida, eu também “sou ayawuasca”, entendi. Foi o que o meu dedo disse. Ou foi o que eu disse com o dedo.

Figura 11. Colagem digital. Ayawasca em Mim e pinheiros exóticos também.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Por coincidência ou não, as duas substâncias que são ativadas pelo Jagube (*Banisteriopsiscaapi*) e a Chacrona (*Psychotriaviridis*), as duas plantas do chá de ayawasca, estão presentes ativamente no nosso organismo. Assim como essas plantas, nós também produzimos componentes bioativos idênticos ao delas, em todas as noites de sono²⁶. Eu não sabia ou não lembrava, mas “o meu dedo sabia”.

26 Por isso se diz “sonhos lúcidos”. É o estado de produção de sonhos, como se faz dormindo, porém, estando acordado.

Revisitando esses momentos, lembrei de outro. Uma vez eu e meu pai discutíamos o tema: “de onde vêm os humanos?”. Comentávamos que somos muito diferentes de outros animais, não por racionalidade, mas por egoísmo, ganância, necessidades insatisfeitas, e tantas outras coisas não tão pejorativas. Compartilhávamos a sala com a minha sobrinha, que na época tinha seus quatro ou cinco anos. Ela brincava distraidamente. Eu e o pai estávamos envolvidos numa discussão meio sem sentido biológico, mas buscando dentro de uma racionalidade científica e cética. Talvez mais tendenciosa para o lado das ciências humanas e uma crítica política, ética, ao “ser humano” (enredado no sistema da colonialidade capitalista). Então lançamos mais uma vez a pergunta no ar: de onde vêm os humanos? Ana Clara parou de brincar e nos interrompeu de repente dizendo “olha para o meu dedo que ele vai te dizer”. Nos dois olhamos para ela. Ela apontou para cima, num movimento de sobe e desce com o dedo indicador, e voltou a brincar distraidamente.

Independente do conteúdo, teosófico ou ufológico, da mensagem que Ana Clarinha nos passou, essa coisa de “dedos que sabem e falam” é muito interessante. Seja mímica, ou dança, movimento corporal, gesto ou outro nome para aquela expressão. Nunca mais esqueci a frase que antecedeu “olha pro meu dedo que ele vai te dizer”.

Em meu bolo de memórias de muitos trabalhos espirituais com as medicinas da floresta eu consigo lembrar-me de muitos e muitos momentos em que os saberes passaram por meus dedos, braços, pernas, pescoço, caretas, movimentos, performances corporais, sem exatamente um pensamento antecedente e controlado direcionando “algo que precisava ser dito”. Muitas vezes era o processo inverso, era como algo sendo dito, que precisava ser percebido para aí ser interpretado.

Esses fenômenos de corporalidades dançantes que falam, ou não, são alguns dos fenômenos que me interessam. Corporalidades que produzem saberes ou saberes que produzem outros corpos não necessariamente decodificando algo que já existe. Gestos não literais, não representativos. Mas que carregam informações e afetações capazes de modificar, de mover, de alterar o ambiente, as relações e os saberes.

Diferente da palavra falada, o gesto parece ter mais liberdade para estar submerso em muitas palavras, nas águas das ambiguidades, podendo fluir em muitos sentidos, a depender das intenções momentâneas dos sujeitos que propõe o gesto (podendo manter a forma e variar em diferentes intenções de movimento ou outras variações), e, ou, também depender da interpretação de quem contempla. No entanto, assim como o gesto, a palavra falada também é

rodeada de sentidos e pode girar e se assentar momentaneamente, intermitentemente, para ser interpretada.

Marques e Kunz (2020) a partir das ideias de Merleau-Ponty, contam que as palavras são resultados do encontro entre o ser o mundo, antes de pertencerem ao dicionário, as palavras pertencem ao gesto encarnado. Tendo assim, o gesto, não o espaço de representação de linguagem, mas uma potência de expressão criadora. E então, “a linguagem não reproduz pensamentos, eles já estão totalmente envolvidos nela. Logo, a linguagem não os traduz, mas antes os apresenta, pois se trata de uma tomada de posição do sujeito no mundo. A palavra tem sentido [sentidos]” (MARQUES; KUNZ, 2020, p.3, grifo nosso). Destaco aqui “sentidos”, enfatizando o pluralismo de sentidos que a palavra pode ter. Segundo Marques e Kunz, Merleau-Ponty aponta que a palavra habita as coisas e veicula as significações, e não é somente simples signo dos objetos, do pensamento e das significações, “o sentido [sentidos] está enraizado na fala” (MERLEAU-PONTY, apud MARQUES; KUNZ, 2020, p.3, grifo nosso).

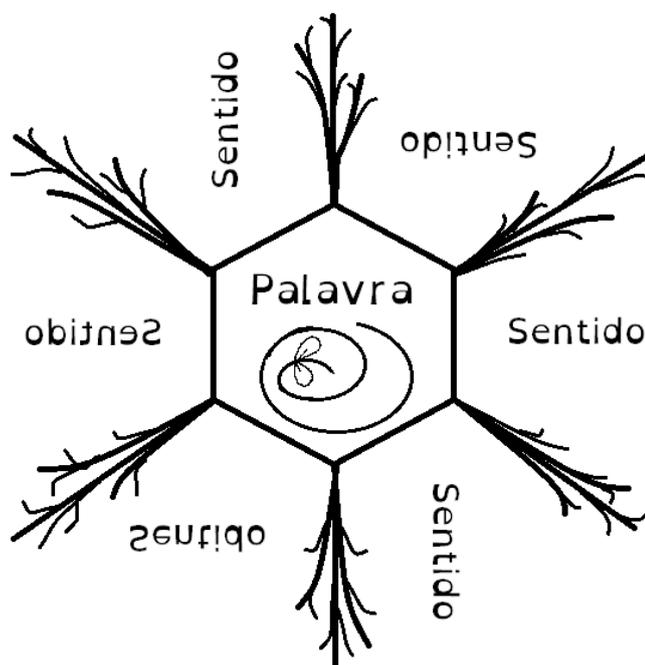
Nesta última citação, farei uma alteração que “não cabe nos colchetes”, devido os desafios das relações interculturais: trocaria “habita e veicula” por outras palavras, pois, “habitar” (nas culturas não nômades) e “veicular” (nas culturas tecnourbanizadas) se relacionam com uma cosmologia que gera tensões de incoerência quando dito que “o sentido está enraizado”. Assim, para buscar maior coerência, poderia ser considerada uma habitação nômade (porque são sentidos plurais), e um veículo integrado ao passageiro, aquele não é um simples transportador de algo alheio de si, já que “estar enraizado” tem uma profundidade de entrelaçamento. Na (re)composição da ideia nas palavras próprias de Marques e Kunz:

Se os sentidos dos gestos, sejam eles quais forem, os habitam no movimento da expressão, podemos anunciar que a dança, transbordando em nós, é semelhante à chuva que cai; os sentidos nos invadem, como a água que escoar na terra, nela penetra, e faz ali germinar vida própria, vida que não se fecha em si mesma, lança-separa além dela, dá vida a outras vidas. Gestos calorosos, em estado vivo, brotam sentidos em nossa carne que, no entanto, não se aprisionam; somos solo fértil, fazendo da dança um eterno nascer em nós e no outro. (MARQUES; KUNZ, 2020, p. 4)

Na poética filosófica de Marques e Kunz (2020) a dança, já acompanhada dos sentidos, germina a vida. Que por sua vez, dá vida a outras vidas. Pois, gestos calorosos, em estado vivo, fazem brotar sentidos em nós. Na poética filosófica da língua Guarani, “se surgir

em grão”, ou “fazer-se broto flexível”, é a tradução literal, aproximada, da palavra “Jeroky” (PAPÁ, 2021). Em outras traduções, “Jeroky” é “dança”²⁷.

Carlos Papá (2022) conta que Jeroky seria como: se envolver, encontrar a luz para ser forte, se curvar do vão, encontrar uma luz que se possa dar saúde e entendimento, se tornar o broto, o broto humano. “Jeroky é o broto humano, você vai se envolvendo até que você possa encontrar a resposta” (PAPÁ, 2022).



Fonte: Elaborada pelo autor.

A expressão da semente ao germinar, está em todo seu “corpo-semente”, desde sua força propulsora, suas direções, a forma que assume ao crescer, entrelaçada ao ambiente e sua dança: a chuva que cai, a terra e seus nutrientes, a luz calorosa do sol. E, além disso, a semente é germinada e germina a terra, nutre a terra, o ar, a chuva. As sementes germinam as chuvas, pois, as florestas, sementes já brotadas, germinam os rios voadores, as chuvas.

Nós, pessoas humanas, corpos humanos, assim como as sementes, os “corpossementes”, nos apresentamos ao mundo com palavras, palavras gestos e palavras faladas, e então germinamos o mundo, germinamos mundos. Os sentidos escorregam entre as expressões. E somos germinados por toda a informação, ambiente, que nos rodeia e perpassa. Os sentidos nos penetram como e com a luz do sol, os alimentos da terra, a terra, a água,

²⁷ Escrevi sobre o Jeroky no texto: Jeroky: “outra dança”.

outros gestos, palavras. Pegando emprestada a expressão em mim germinada: Palavra é corpo²⁸. Corpomídia.

6.3 O LABIRINTO DA LINGUAGEM: CRUZANDO CAMINHOS MOSAICOFLUIDOS

[...] imaginamos, ou temos a ilusão de que as palavras aprisionam significados e tudo dizem. A dicotomia corpo e mente, de certa forma, é também responsável pela dicotomia pensamento e linguagem, já que a busca pelo domínio da razão sobre o corpo resultou na compreensão equivocada da existência de pensamentos sem linguagem. Como podemos pensar sem palavras? (MARQUES; MILLER, 2023p. 4).

Outro dia, entrei num prédio da UFSC que parece um labirinto. Tem partes fechadas e corredores muito parecidos. Mesmo estudando lá alguns anos, tenho dificuldade de me encontrar. Muitas pessoas chamam o prédio de “labirinto”. Sem me dar conta pensava quantas vezes entrei em caminhos das linhas da biologia e me deparei com paredes e portas fechadas na minha cara. Pensei que minhas trilhas acadêmicas eram como labirintos. Pensando também em oposições às metáforas do labirinto nos mitos gregos sobre a figura do Minotauro²⁹. Depois que me sentei para escrever, me dei conta que a metáfora que me conduzia nos pensamentos filosóficos era também, relativamente, substância material ao qual meu ser corpe vivenciava no mesmo instante.

No livro “O corpo: pistas para estudos indisciplinados”, Christine Greiner (2005) comenta sobre uma pesquisa³⁰ em que a ideia de significação está ligada a esquemas de experiência corporal e às estruturas preconcebidas da nossa sensibilidade, ao nosso modo de percepção, nossa maneira de orientar e interagir com outros objetos, eventos ou pessoas. Estes esquemas, sempre corporalmente inscritos, não pertencem unicamente àqueles que têm a experiência. A compreensão depende também de nossa comunidade, que ajuda a determinar o modo como compreendemos em coerência com o mundo ao nosso redor. Assim, os organismos e o ambiente não são determinados separados, mas uma criação co-evolutiva (GREINER, 2005, p. 37).

28 Dito dessa forma nas palavras faladas da professora Danieli Marques, também autora do trecho citado, durante uma das aulas da disciplina de Dança, no curso de Artes Cênicas, UFSC, no primeiro semestre de 2023.

29 Na mitologia grega o Minotauro era um ser quimérico, habitante de um labirinto. Ele foi aprisionado por seu pai, o rei Minos, e sua história, a meu ver, faz paralelos com processos de emancipação do ser e tem a imagem do labirinto como um lugar de aprisionamento. Um lugar ao qual o Minotauro tenta ao mesmo tempo habitar e livrar-se, desabitar. Passando sua vida em enfrentamentos e sonhos de fugas. No entanto, não foi essa conotação que dei a imagem de um labirinto.

30 Publicada no livro “*The body in the mind, the bodily basis of meaning, imagination and reason*”, de 1987, do filósofo Mark Johnson.

O entendimento da relação entre corpo e ambiente está ligado, na pesquisa de Greiner com as pesquisas acerca de metáforas, linguagem e sistema conceitual. Ela traz a metáfora, além de uma figura de linguagem, enquanto pensamento e ação como um modo de estruturar uma experiência em termos de outra. “O sistema conceitual é metafórico”, diz Greiner, quando conceituamos há um transporte de informações e este é sempre, e inevitavelmente, de natureza metafórica.

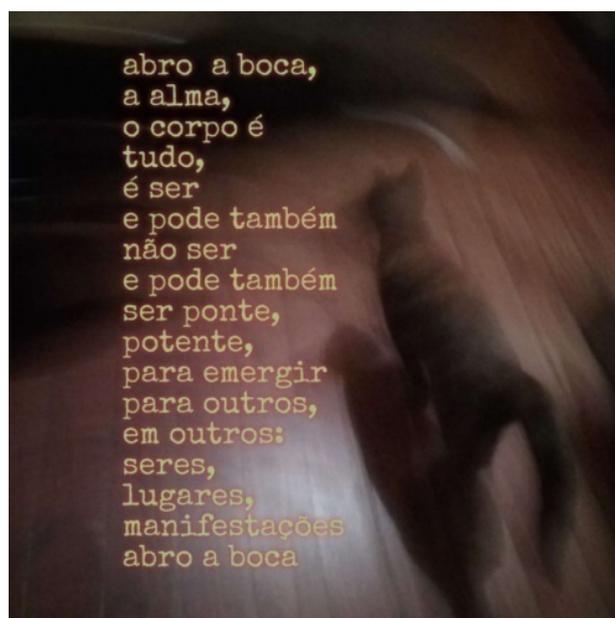
Segundo Greiner (2005), na teoria das metáforas corporificadas (*embodied metaphors*) há diferentes modalidades. As metáforas estruturais são aquelas em que um conceito é metaforicamente estruturado em termos de outros, fazendo, um transporte de pensamentos. Mas há outro tipo de metáfora responsável pela organização de todo um sistema de conceitos. Estas são chamadas metáforas orientacionais. Muitas dizem respeito a uma orientação espacial, ou seja, à relação espacial com o ambiente. Muitas delas se conectam também com a experiência cultural. São fundamentais porque os nossos conceitos mais básicos são organizados em termos de uma ou mais metáforas de espacialização. Assim, ela conclui que há uma sistematicidade interna para cada metáfora que só serve como veículo para o entendimento de um conceito se for amparada por uma experiência prática. (GREINER, 2005, p. 39).

Os dedos em dança ou o corpo cotidiano, a caminhar por caminhos habituais, as percepções das espacialidades, constroem metáforas, conceitos, mundos, saberes. E vice-versa. Voltando a citação que inicia este texto labiríntico, “...a dicotomia corpo e mente, de certa forma, é também responsável pela dicotomia pensamento e linguagem” (MARQUES; MILLER, 2023), acrescento a ideia de que estas duas dicotomias também estão relacionadas às dicotomias entre cultura e natureza, corpo e ambiente, herança genética e herança cultural.

Percorrendo os rios dessa pesquisa caí várias vezes no largo e profundo oceano da construção da linguagem. E me perdi um pouco por aí. Talvez por me perder, chamei esse “lugar” de labirinto. Porém, diferente do labirinto na perspectiva do lugar de aprisionamento, o vi como um lugar de caminhos. Vejo o labirinto de caminhos como potência, mesmo nos “fracassos”, nas portas fechadas. Os limites alcançados em algumas entradas, às vezes fechadas, às vezes interseccionadas, proporcionam saídas e reentradas por outros caminhos. Ao lado dos limites habitam as possibilidades, habitação nômade, fluidas. São vizinhos de rua e se encontram nas encruzilhadas. Nas suas incríveis múltiplas entradas e saídas a linguagem banha e permeia tudo. E é potência criadora.

Nas epistemes exusíacas, segundo Rufino (2019) Exú é a boca do mundo. É ponte de comunicação. Abre e fecha portas. Intersecciona mundos. Samba no fio da navalha, está nas fronteiras. Produz a esculhambação das lógicas dicotômicas para a reinvenção das cruzadas. É potência criadora. “O princípio da boca como Enugbarijó, campo de transformações por intermédio das ações de ingerir e regurgitar, como também da transformação do pensamento [*palavras-pensamentos*] em palavras [*palavras-faladas*] e os seus cursos no alinhave da comunicação” (RUFINO, p.1, grifo nosso).

Figura 13. Fotografia e colagem. Poesia Exusíaca.



Fonte: Elaborada pelo autor.

A ontologia de Exú está na membrana plasmática das células, na fronteira. Ela é o que limita ou não o mundo, os mundos, ela cria mundos – pois, sem membrana plasmática, não há o que é dentro e o que é fora, o que é celular ou extracelular, e os dois lados estão regidos e caracterizados a depender de sua permeabilidade. A membrana das células é permeável, têm canais, faz a comunicação, está de um lado e de outro, no interno e no externo. A membrana plasmática também samba no fio da navalha, o que corta, separa os mundos. É “fluxo-fluida”³¹, **constantemente se recria** através de vesículas que se separam e se fundem. O mosaico fluido, samba, dança, compõe e decompõem. O limite flexível entre “os mundos”, intra e extracelulares, e a comunicação, permeabilidade, entre eles, é também o que os cria, os caracteriza. **O limite flexível é também potência criadora.**

31 Fluida no sentido de movimento de deslocamento dos fosfolipídios, e fluxo no sentido de comunicação, de movimento de entradas e saídas, e ainda está continuamente em movimento ao longo do tempo.

Um dos aspectos das noções de corpo, e sujeito, que trazem Greiner e Katz para este trabalho, é a noção de fluxo, de algo não acabado, o corpo como “fazedor de cada um de nós e do coletivo”, (GREINER, 2020, min. 32:30). Penso que pode ser também, em parte, uma noção parecida que traz Paul Preciado, Judith Butler, Michel Foucault: o corpo matéria cultural, performático, criador de ficções políticas.

As autoras trazem também a noção de corpo que se constitui, se “autofaz”, através das “pontes que cruza”. Helena Katz, no artigo intitulado “Corpar. Porque Corpo Também é Verbo”, busca nomear esta noção:

Foram várias tentativas com verbos: encarnar, corporificar, encorpar, corporalizar, carnificar, virar corpo, e até mesmo a tentativa de deixar ‘*embodiment*’ em inglês, sem traduzir. Nenhuma delas conseguia indicar com justeza que a ação que ocorre nesse encontro não é algo que acontece ao corpo, mas sim um tipo de ação que faz o corpo estar sempre se fazendo corpo (sem nunca ficar pronto), justamente porque é a troca de informação entre o corpo e o ambiente que vai fazendo o corpo existir. (KATZ, 2021, p.20)

E foi um tanto dentro desta noção que usei a palavra “Caleidoscorpe” para nomear meu trabalho de pesquisa, muito antes de entrar em contato com esta leitura. Mas também fui construindo e dando corpo a essa ideia ao longo do percurso de pesquisa. Caleidoscorpe, na ideia do corpo em perspectivas, nas diferentes expressões. Em espelhos d’água, com a ideia de fluxo, movimento capaz de diluir fronteiras, próprio da água. E “incorporações” no sentido destes fluxos serem também estruturantes, ainda que “*cambiantes*”.

Caleidoscorpe em espelhos d’água: das informações às incorporações. Fazer-se corpo em giro constante, corpar. Nas palavras de Katz (2021) Corpar:

Sendo o corpo um ‘estar sendo’, a sua natureza passa a ser a de um verbo – no caso, um verbo sempre ‘se gerundiando’, pois nunca sai desse estado contínuo de precisar ficar se fazendo corpo a todo instante, uma vez que a cada instante encontra com informações. Foi esta compreensão e o desejo de não pertencer a lugares já ocupados que levou ao ‘corpar’ para nomear o que se passa. O corpo está sempre se corpando porque as informações viram corpo. Em sendo assim, corpo também passa a ser verbo. (KATZ, 2021, p. 30)

Estes processos de corpar-se me remetem ao modo como pesquisam os especialistas indígenas do povo Dessana, no estudo feito por João Paulo Lima Barreto (2021). Entendo que corpar tem relação com “virar algo”, virar fumaça, virar onça, virar algo ao qual se entrou em contato. O modo como se dá os estudos, através das quais os pajés se tornam especialistas, virar algo, ao qual o contato se deu, ocorre através das visitas a “outros mundos”, as metamorfoses. Pessoas especialistas, na cultura Dessana, visitam e voltam “outros mundos”

“vestindo outras roupas”. E assim, formulam os conhecimentos que lhes permitem cuidar do corpo, da comunidade, dos seres etc.

Estas “outras” noções de corpo desmancham dualidades, me ajudam a costurar e construir reflexões nos ensaios que escrevi sobre minhas memórias de corpo e suas relações. E construir outras noções de corpo é uma investida no caminho para criar possibilidades de pesquisar com o corpo, no corpo, sobre o corpo. E a partir daí também se desdobraram outras noções sobre dança.

Quando fiz reflexões com o texto “Território Entrelaçado”, em meio às ideias das “Corporgrafias Urbanas” de Fabiana e Paola Jaques, pude perceber a complexidade que pode ser querer separar ou definir o que é dança. As vivências dentro e fora da “dança”, propostas pelo grupo, eram tão entrelaçadas que o corpo que dançava na proposta de movimentos e o corpo que vivenciava “o mundo”, antes e depois da dança proposta, estavam encharcados do mesmo fluxo. Voltando a ideia de corpo como fluxo inestancável que se constitui a partir das relações.

Dessa forma, além das referências “ocidentais” sobre a noção outra de corpo, que não partes e submetidas a “parte cabeça”, “corpo lugar fixo e receptáculo de algo que existe dentro”, corpo separado do ambiente, corpo pronto e não “corpo sujeito em construção”, encontrei também com referências de outras noções de corpo nas cosmologias ameríndias. Noções de corpos que são coletivos, corpos transitórios, que fazem metamorfoses. Encontrei com outras concepções do que é a dança e o que significa dançar. E com outras noções do “fazer pesquisa”.

7 CORPES AFLUENTES

7.1 “OUTRAS” PERSPECTIVAS DE DANÇA, CORPO E INVESTIGAÇÃO

As “linguagens do corpo” são tecnologias ancestrais, através de técnicas corporais, muitas civilizações e sociedades antigas forjaram seus conhecimentos, teceram filosofias e ciências, registraram suas memórias. E no presente muitas culturas, herdeiras destes modos de vida, “retrospectam”³² e prospectam saberes, pesquisam em várias áreas de conhecimento, através de técnicas corporais que põe o corpo em movimento, em performance. Em um tempo curvo, entre memórias e criações de mundos.

32 Utilizo aqui os termos e as idéias da pesquisadora Leda Maria Martins, apresentadas em seu livro “Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela”.

No último momento de escrita desta pesquisa, encontrei inspiração, e outras formas de nomear os conceitos e metodologias que trabalhei neste texto, com o trabalho da professora Leda Maria Martins (2021), que traz os termos “tempo espiralar” e as “oralituras”. Ela fala de um tempo dobrável, curvo e flexível, que dobra para trás reavivando memórias de povos antigos, e atuais de saberes antigos. O tempo, como experiências ontológica e cosmológica, tem como princípio básico o movimento.

Segundo a autora, conceitual e metodologicamente, *oralitura* designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam (MARTINS, 2021).

7.1.1 Jeroky: “outra dança”

JEROKY. O que é Jeroky? Alguns traduzem como dançar. Dançar, Jeroky, não. Na tradução correta, Jeroky ao pé da letra é “se surgir grão”, “se surgir em grão novo”. Quer dizer: pra se surgir você vai ter que fazer como uma planta fazendo uma dança que vai procurando lugar pra poder surgir, sair a primeira folha, a primeira pontinha. Então ele vai ter que dançar e procurar uma parte de uma raiz e sair num burquinho de uma raiz até sair no solo pra ver a luz. Então seria isso, Jeroky, se surgir em broto flexível. Pra gente não tem uma tradução para dança. Seria: vamos se virar broto flexível? (Carlos Papá, 2021)

É a partir das relações dos seres com seu ambiente e o movimento que se produz nestas relações que na língua guarani se nomeia o que chamamos de dança (ou algo parecido com o que chamamos de dança). É com movimentos da planta e como ela se relaciona com o espaço e seres, é o próprio desenvolvimento, é este processo/movimento que se nomeia, na língua guarani, o movimento que foi traduzido para o português como “dança”.

“Andar na Nhé’ery é uma dança” (Carlos Papá, 2021). Andar a mata é uma dança. Então aí se tem uma relação ampla com a dança. Andar na mata como mover-se para buscar a luz e enraizar-se, “se surgir como broto”. Esta analogia com a planta parece-me: mover-se como algo vital, minucioso, delicado e com vigor, talvez. Um conceito amplo. Ou nas palavras de Kuaray O’ea: uma palavra em guarani é toda uma filosofia.

Alguns relatos de indígenas Guaranis, no documentário “Xondaro ha’egui Xondaria Jeroky” (XONDARO, 2015), filmado na tekoa Tenonde Porã, no estado de São Paulo, contam como a “dança do xondaro” fortalece o corpo e o espírito. “Jeroky Xondaro” aparece de muitas formas. Como preparação para entrar na Opy’i (casa de reza) e como luta. Jeroky

Xondaro para alegrar, para fortalecer, para ter saúde, para **serem generosos**, e estarem atentos. Para ter agilidade, leveza do corpo, serem mais ágeis para entrar na mata. Para proteção espiritual na hora dos rituais. “Xondaro era para ajudar em tudo” (fala de Para’i).

Fiz uma oficina de Txondaro com Kuaray O’ea³³, Renato dos Santos, e em uma de suas falas, ele expressou o movimento do Jeroky como o movimento do broto que enraíza. Disse que “tem plantas que você não tira porque está enraizada, devido a esse movimento do jeroky”. Jeroky então é um movimento que fortalece.

Dallanol (2002) descreve através dos relatos de seus informantes, Mbya Guarani do Morro dos Cavalos – SC, as diferenças entre Jeroky e Jerojy. Jerojy é a dança-reza, feita somente dentro da Opy. Jeroky a dança de fora da Opy, dança do pátio. A Jeroky aparece como iniciação pedagógica para o aprendizado da Jerojy. Para as crianças aprenderem futuramente a Jerojy, primeiro aprendem o Jeroky³⁴.

Diferente das tendências eurocentradas de separações, Jeroky não é somente dança, é música, é canto, melodia e movimentos. Jerojy também é tudo isso, e é rezo. Quando mbyá falam “jeroky”, eles denominam tanto uma canção (melodia) quanto os movimentos que a acompanham, acrescidos de alguns instrumentos específicos para acompanhá-la (DALLANHOL, 2002, P. 63).

Antes de conhecer o termo *oralituras*, em meio às reflexões durante a oficina com Kuaray O’ea, vieram à mente a ideia de “culturas orais”, quando se trata de culturas tradicionais e povos originários. Seriam também “culturas corpo-orais”? Perguntei-me, pois percebo que essas culturas dançam, e dançam muito. Dançam em muitos rituais, desde pequenos até velinhos antes da morte. Dançam no ensino-aprendizagem, num rito de passagem, no rezo, no exercício físico que também é espiritual. Dançam por diversos motivos e reconhecem que o movimento, a “dança”, “se surgir em broto flexível”, Jeroky, é “bom pra tudo”.

No corpo há a grafia de seus saberes. Através do movimento se inscreve e se escreve. Penso que se Jeroky agencia tantas instâncias da vida, Jeroky é uma biblioteca de saberes. Como uma semente que contém a vasta informação sobre o que, a depender da terra e da chuva, ainda há de brotar.

33 Kuaray O’ea é dançarino tradicional Tupi Guarani, morador da Terra Indígena Piraçaguera, aldeia Tabaço Reko Ypy Peruibe, e pesquisa a dança de seu povo e também expressões de danças urbanas contemporânea.

34 Estou usando tanto “o” jeroky, quanto “a” jeroky, quanto somente “jeroky”. Pois na língua guarani não há uma divisão binária de gênero para “tudo”, como há no português. Por exemplo, os pronomes ela/ele são a mesma palavra na língua guarani.

7.1.2 O corpo água, onça, fumaça: “outros corpos”

A noção própria de “corpo” já é diferente para a pluralidade de culturas e de povos. Em muitas culturas indígenas, os fundamentos científicos se ancoram nas ciências políticas, diferentes da ciência ocidental centrada na física clássica, (CASTRO, 2009, 35:20). No *perspectivismo ameríndio*, uma abordagem filosófico-antropológica proposta por Viveiros de Castro, **para conhecer é preciso assumir o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido**. A noção de corpo é algo mutável: “...a noção dos indígenas sobre o corpo é algo não acabado, é algo manipulável, transformável, sujeito a infinitas possibilidades.” (BARRETO, 2021, p. 150).

O episódio “Flecha 3 – Metamorfose” do Ciclo de estudos sobre a vida selvagem (DANTES; KRENAK, 2021) conta que a metamorfose faz da vida uma transmissão, e permite que uma mesma vida conecte vários mundos. E que a transformação é como trocar de pele e trocamos ao longo da vida e trocamos entre espécies: “Nesse lugar de fabricação de um novo ser com partes de células que um dia participaram de outros corpos, nesse lugar, talvez sejamos quimeras”(KRENAK, DANTES, ET AL. 2021).

Inspirado nos textos da tese de João Paulo Lima Barreto o episódio narra poeticamente sobre os especialistas indígenas do grupo Dessana. Descreve que estes estudiosos sabem se transformar em onça, sendo capazes de pegar uma qualidade do bicho como roupa. E vão embora, como onça para caça de inimigos. Os pajés, vestem roupas de outros seres para caminhar entre reinos:

[...] vestem a roupa da onça, a roupa do pássaro. Lobos vestem roupas de humanos, gente veste roupa de peixe. Fungos despem seres de outras roupas e os convertem em outros seres. Nós somos um mesmo mundo e uma mesma substância. Tudo é permeável e não há medo que o evite. (KRENAK, DANTES, ET AL. 2021)

João Paulo Lima Barreto em sua tese de doutorado sobre o corpo e o conhecimento - prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro, conta que para eles, a concepção de corpo **parte de um princípio de transformação**:

Em conclusão, posso dizer que o corpo, tal como concebido por nós indígenas, tem um agenciamento, a capacidade de se transformar, virar fumaça, virar onça, virar cutia, virar cobra, virar vegetal. Ou seja, uma concepção de corpo como algo dinâmico que está em constante transformação, seja pela qualificação, seja pelo uso de sutiro³⁵, seja pela transformação de animal em outro animal. Os corpos e as coisas

35 Sutiro é um tipo de "capa", ou "roupa" que reveste o corpo com qualidades de determinado elemento ou ser. Por exemplo, um sutiro de peixe permite a entrada no campo das habilidades dos peixes como a rapidez, o deslocamento, capacidade respiratória embaixo da água. "É importante dizer que, quando uma pessoa usa o sutiro de animal, ela adquire todas as capacidades do dono da “roupa”. Assim, o sutiro é como uma “corporificação” temporária, em que seu usuário adquire a perspectiva do dono da roupa. No entanto, aquele, por

do mundo não são, mas estão em constante transformação. (BARRETO, 2021, p. 149)

Barreto (2021) nos conta que o corpo, então, é a arena de expressão de uma filosofia ameríndia, um corpo é uma agência dinâmica e não algo acabado, encerrado em si, individualizado e biológico³⁶. O corpo “não é qualquer corpo”. Estamos falando do corpo humano agentivo e especial, que pode de transformar em água, onça, fumaça.

A possibilidade de vestir outras roupas na produção de subjetividades, como Incorporações Transitórias, performances, compõe metodologias de investigação, de construção de epistemologias, pois segundo conta Barreto, é dessa forma, dentre outras, que os especialistas indígenas do Alto do Rio Negro adquirem saberes e se tornam especialistas. Faz parte de suas pesquisas habitarem outros corpos, se transformar, virar outros corpos.

Os especialistas indígenas consideram o mundo terrestre como organismo, onde os seus elementos constitutivos se cruzam e se afetam mutuamente, formando novos corpos que se encontram. Os especialistas falam da transformação criadora e definem o mundo como organismo vivo, um sistema que tem como atributo essencial a autoprodução. **Os seres se fazem e refazem-se por meio das conexões que cada corpo estabelece com outros corpos.** (BARRETO, 2021, p. 150, grifo nosso)

Segundo BARRETO (2021) estes processos de metamorfose, “autofazer-se” e “autodesfazer-se” se dão através das **relações que cada corpo estabelece com outros corpos** – não esquecendo das noções do perspectivismo ameríndio, de Viveiros de Castros: “corpo” e “ser” é ai também “pessoa rio”, “pessoa pedra”.

Para Barreto, pensar e teorizar sobre o corpo como objeto de trabalho, a partir de seu sentido para os povos indígenas do Alto Rio Negro, traz à tona a necessidade de identificar como se dá a construção do saber sobre o corpo e como este saber implica diretamente na prática de produção de cuidado do corpo para ter boa qualidade de vida e cuidado nas relações com as coisas do seu entorno (BARRETO, 2021).

Trago, na próxima sessão, um relato de vivência com a arte da escrita não ficcional, mas com elementos alegóricos. Conto sobre outra experiência com outra medicina ancestral em que a performance, os saberes e as possibilidades de outros corpos, se encontram.

Neste relato há duas imagens, os “caçadores” e as “lobas”, em que utilizei “nomes fantasias” para representar uma organização social e uma instituição específica. Utilizo esse

sua vez, continua humano, isto é, não perde sua perspectiva humana, embora num outro corpo, o que traz outra visão sobre o mundo.” (BARRETO, 2021, p. 135)

³⁶ Entendo aqui o uso da palavra “biológico”, dito por Barreto, no sentido da centralidade na fisicalidade, como traz Viveiros de Castro.

recurso de linguagem para apresentar uma vivência, que contém episódios de violência e questões judiciais, sem gerar “insegurança” para uma das partes.

No entanto, a figura da onça se trata de um campo da metafísica, não material. Como “uma entidade”, de um “ser encantado”, uma figura do campo subjetivo, do sonho, porém através da medicina do “rapé”, é como um sonho no estado de esperto, uma “miração”. Um ser que “se aproxima” e ensina através da proposição de outros estados corporais.

Por haver uma coincidência da figura arquetípica da onça, em minha experiência com a teoria sobre o corpo nos estudos de João Paulo, destaco mais uma vez que meus relatos não ilustram os conhecimentos, as ciências, vivências, cosmologias, filosofias, dos povos indígenas que trouxe no texto.

Os estudos de João Paulo Lima Barreto, de Viveiros de Castro, de Dallanhol, os relatos de Carlos Papá, e demais pessoas indígenas do povo Guarani, estão presentes neste trabalho como referências teóricas e científicas, para que eu trace reflexões sobre minhas vivências, a partir de outras perspectivas, decoloniais.

A importância de ressaltar essa perspectiva é de que segundo João Paulo Barreto e Luiz Gonçalves, no artigo “**Teatro e povos indígenas: o perigo da folclorização**”, do livro “Teatro e os povos indígenas: Janelas abertas para a possibilidade”, organizado por Naine Terena e Andreia Duarte, muitas imagens equivocadas sobre a atuação dos pajés atrapalham os processos de ações conjuntas e interlocuções entre a medicina tradicional e os postos de saúde, bem como as atuações do o Centro de Medicina Indígena no início do seu funcionamento. Ele conta que essas imagens se criam através da representação folclorizada dos pajés e encenações artísticas e festivais folclóricos amazonenses.

Desse modo, não sendo referência às culturas indígenas, mas, ao contrário, busco nas matrizes de conhecimentos dos povos originários orientações que propunham outras maneiras de pensar o corpo em meio as minhas vivências. Percebendo também, ao longo do processo de escrita e pesquisa, a insuficiência dos conhecimentos de matriz europeia para “dar conta” de algumas das camadas contidas nas experiências aqui narradas.

7.1.3 Aprendendo a Andar com as Onças: “outras maneiras de pesquisar”

Antes eu corria com as lobas. A gente uivava forte, olhava no olho do furacão. Mas um dia, depois de corrermos muito e reunirmos os grandes bandos, vieram os caçadores. Quando eles chegaram, apontaram suas miras, profetizaram

queimas, igual as da idade média. Nós corremos para todo lado. Algumas ficaram feridas.

Os dias que seguiram foram os piores. Eu olhava para a porta com medo que eles entrassem. Não dormia. Eu fiquei com medo da noite, com medo da morte, com medo dos uivos, das reuniões, dos uniformes, das armas, das ruas, e de correr.

Um dia, entrei num trilho na pequena mata atrás de casa. Caminhei até o final e sentei. Fiz uma oração com uma medicina da floresta, o rapé. Logo vi uma onça se aproximar. Ela veio caminhando cuidadosamente, tranquilamente e em alerta. Ela se aproximou e se juntou a mim. O cachorro viu, foi até a minha frente. Ele me olhava como nunca havia olhado antes. Eu olhei direto para os olhos dele. Ele começou a latir pra mim. Então uma força interna me fez levantar e me pendurar no ferro da parreira de uvas. Ele abocanhou meu pé, e rosnava. Era como se ele quisesse manter o controle da área, e me testar. Mas ele parecia se sentir inseguro também. Balançava a cabeça com o meu pé na boca dele e me puxava. Ele era forte, mas eu não tive medo dele. Porque ela estava comigo.

Enquanto isso, ela ia me ensinando como interagir com ele, como não ter medo, como ter prudência, como andar sem rastro, sem uivos, como despistar os caçadores, e não temê-los; a desaparecer de nomes, de sons; a desprender-me da imagem; a preservar energia, caminhar, e correr só quando fosse preciso; ensinava a não encarar com vaidade, mas com respeito, potência e sabedoria do limite, sem (pré)potência.

Empurrei a boca dele num ângulo que os dentes não me machucariam, contra o pescoço, ao invés de puxar o pé, como seria um modo mais reativo, não calculado. Isso forçava ele abrir a boca. Solto. Pulei da parreira para a árvore. Ele já não me alcançava. Continuei escutando ela.

Depois de alguns anos, eu ganhei crises de pânico. Não perdi o medo, só estou aprendendo a lidar com ele aos poucos. Desde então, a onça me acompanha.

Antes eu corria com as lobas.

Aprendi a andar com as onças.

Sobre a noção de “conhecer”, construir conhecimento, SILVA (2021), conta que no perspectivismo ameríndio, a noção de “conhecer” é ancorada em “outros” fundamentos distintos das noções ocidentais:

[...] nesta coreografia estranha, o que está em jogo é uma educação dos corpos para os corpos, do corpo ameríndio para o corpo ocidental em uma dança que permite troca de suores, desejos, medos, vida e morte. Assim como a possibilidade de aprender com as pedras e as florestas, respeitando os ancestrais e seus ensinamentos. A filosofia ameríndia é uma filosofia da alteridade. A filosofia ameríndia tem,

Figura 14. Colagem digital.
Corpe Onça.



Fonte: Elaborada pelo autor.

portanto, um ponto de vista singular acerca da formação do humano. A formação do humano é uma questão de devir-outro. (SILVA, 2021, p. 273)

Na busca de pensar a formação humana, SILVA (2021) problematiza as implicações do *perspectivismo ameríndio* no campo da filosofia da educação. Ele nos conta que: “nas práticas culturais e pedagógicas ameríndias, os corpos dançam outra coreografia onto-epistêmica, uma vez que o corpo ameríndio entra em múltiplos agenciamentos. Assim, o corpo torna-se o plano central de produção dos saberes, pois em suas possibilidades de afetos e afecções, toma para si o movimento de uma dança entre mundos (SILVA, 2021, p. 269).

“Uma dança que não busca encontrar um único som, uma referência comum, mas o de encontrar os desencontros, os equívocos dos sinônimos, reencontrando os homônimos equívocos, as músicas diferentes que conectam-e-separam em uma mesma dança.” (SILVA, 2021, p. 269)

A experiência inundada de perspectivismo permite que as experiências se deem no campo das relações, da política. Permite ir e voltar de mundos, submergir em outras experiências de relações de outros seres, com outros seres. Permite submergir em outras experiências de outros corpos, corporalidades, corpografias, subjetividades. No entanto, Silva (2021) pontua a importância da aproximação do pensamento filosófico indígena e sua importância para o campo de estudo da filosofia da educação como:

Não cabe pensar pelo pensamento indígena, mas criar uma imagem do pensamento filosófico indígena que nos traga a possibilidade de pensar a própria Filosofia da educação, instaurando um agenciamento antropofágico do pensamento para que, como em um ritual, seja possível canibalizar as formas e estruturas do pensamento ocidental abrindo outros regimes de verdade mais sensíveis à diferença do outro, de todos os outros. (SILVA, 2021, p. 274)

7.2 UM “CORPO MORTO” NA ESCOLA: EPISTEMICÍDIOS.

Para além dos epistemicídios históricos e datados, Luiz Rufino, no minicurso “Pedagogia das Encruzilhadas”, comenta que o colonialismo NÃO É UM EVENTO DATADO, “é uma guerra em permanente disputa, jogo, performance.” (RUFINO, 2019).

Inundado das palavras e poética de Rufino, eu penso que há um apagamento epistemológico de pedagogias ancestrais e ou divergentes das normas coloniais; e repito as palavras desse “capoeira-pesquisador” (capoeirista e pesquisador) “é na perspectiva da produção da não presença da diversidade que se institui uma compreensão universalista sobre as existências.” (RUFINO, 2019, p. 10). Repito para insistir na perspectiva que me pareceu ser importante e se destacar nesta pesquisa, para reafirmar o ponto que, como uma onda na

orla, vem e vai em todo corpo do texto, em minhas reflexões. E por isso se faz destacar. A presença e a identidade, a diferença na identidade, são veios nevrálgicos nas relações de ensino e aprendizagem. E a regulação dos corpos é central neste agenciamento. E dessa maneira, penso que a contenção dos corpos é a crise epistemológica da qual se nutre o sistema monocultural.

O apagamento dos saberes se dá por muitas vias de “cortes”: étnicos, de raça, de sexo/gênero, de sexualidade, de neurotipicidade, etc. Intercruzados no tempo e espaço, com intersecções. Nessa pesquisa centrada no corpo encontrei com gênero, espaço, culturas, epistemologias, etc. Imbricados e inseparáveis, se não pelos olhares, perspectivas. Entendi que não há como falar sobre corpo sem tocar nas questões identitárias, suas interseccionalidades, e nas fragmentações identitárias produzidas nos processos de colonialidade.

No entanto, como a ginga³⁷ da capoeira, há também a *habilidade de inçar*³⁸. E restabelecer a vida no território é uma projeção de movimento que ultrapassa a regulação dos sistemas políticos humanos centrados na produtividade e suas monoculturas e extinções. Fazer-se broto flexível para abrir espaços no solo compactado, abrir espaços articulares, abrir espaços de encontros, poros de escuta, permitem a ocupação da espacialidade, o habitar-se de si, a retomada de territórios.

O desafio nos demanda outros movimentos, mirando uma virada linguística/epistemológica que seja implicada na luta por justiça cognitiva e pela pluriversalização do mundo. Devemos credibilizar gramáticas produzidas por outras presenças e enunciadas por outros movimentos para, então, praticarmos o que, inspirado em Exu e nas suas encruzilhadas, eu chamo de cruzo. (RUFINO, 2019, p.11)

O Cruzos: encontros, confrontos, atravessamentos e diálogos. Rufino, nos traz a noção de cruzo sob as artimanhas e potências de Exu, que, para além de entidade arquetípica, é evocado como fundamento ético, estético, político e ontológico, em sua obra “Pedagogia das Encruzilhadas”, 2019. O cruzo é uma noção que esculhamba com a dicotomia, mas, para além de negar e triturar pela boca as epistemologias coloniais, o cruzo recria, cospe renovado. Proporciona a reinvenção a partir do encontro. Proporciona as possibilidades, a abertura de caminhos. Rufino defende o cruzo das múltiplas formas de saberes.

37 “Gingar”, nas minhas palavras, a partir de leituras e vivências na capoeira, significa: compor métodos de fuga e enfrentamento, de desconstrução e construção contínua, de práticas culturais reconstitutivas. Na origem etimológica da palavra significa “giro”.

38 Fazendo referência as plantas popularmente chamadas de “inço”. São plantas que tem por característica um comportamento de crescerem de forma “espontânea”, fora do espaço regulatório humano, geralmente multiplicando-se de forma rápida, muitas destas plantas tem a capacidade de resistir a ambientes degradados, as construções urbanas, e são utilizadas em manejos agroecológicos para a regeneração do solo.

O que defendo é o intercruzamento de conhecimentos que coexistem no mundo. Podemos dizer, de maneira sacana, que saio em defesa do cruzo. Saberes que em seus encontros, confrontos, atravessamentos e diálogos gerem possibilidades de pensarmos o mundo percorrendo suas esquinas. (RUFINO, 2019, p. 41)

8 CORPE DELTABETIZADO: FAZER PESQUISA, LER A PESQUISA, TECER REFLEXÕES

“Um rizoma não começa nem conclui. Ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo”. (Deleuze e Guattari apud Miller)

O delta do rio, onde os meandros se desencontram e se cruzam, e deságuam. O final relativo, lugar em que o processo pode ser lido de outra maneira. Onde as partes podem tomar sentido em unidades maiores, no seu cruzamento, como as sílabas que deixam de ser partes para compor palavras e frases, em um processo de alfabetização. E mais adiante ler as palavras e ressignificá-las, tecendo redes de sentidos nos encontros, às vezes confrontos: palavra-mundo, perspectivas-coerências, sentir-sentidos-contextos. O rio deixa de ser rio, mas a água continua.

8.1 O QUE SE FEZ E O QUE SE ESPERA?

A proposição de compartilhar experiências corporais e dialogar com percepções, epistemologias e autoras que podem nos convidar a ampliar e questionar os modos como aprendemos nos relacionamos ou estudamos o corpo nas ciências, me aproximou de noções e reflexões importantes. Entendi que é importante o olhar para o corpo, a escuta, o olhar para outras formas de construir conhecimento, como também outras concepções sobre o corpo, além da prontidão e disposição para mover os espaços (materialmente ou subjetivamente).

Além disso, através da proposta de reflexão em torno de diferentes olhares sob o corpo, o corpo em movimento, da visibilização dos efeitos e processos colonizatórios ou emancipatórios envolvidos na complexa rede de relações que o acompanham e o “fazem corpe”, também no espaço escolar e nos processos de aprendizagem, através destes cruzamentos, sugeri um olhar para as potencialidades das linguagens corporais no ensino de ciências e biologia.

Busquei dar visibilidade a essas questões e, ao aproximar linhas de estudo das artes do corpo, de conhecimentos de matrizes não-européias, no meu contexto de estudante de licenciatura em Ciências Biológicas propor um diálogo de saberes. E espero com isso, trazer contribuições para os estudos de ensino de ciências e biologia.

8.2 REFLEXÕES DO PROCESSO: QUAL IMAGEM TEMPORÁRIA HÁ NO CALEIDOSCORPE DESTES TEXTOS?

Praticar o exercício de perceber as teias de relações em que o “eu corpe” está envolvido e os encontros, desencontros e confrontos destas relações tem sido importantíssimo para a minha construção de sujeito pesquisador, professor de ciências da natureza, artista, dançarino, “indivíduo coletivo” no mundo, pessoa.

Penso que foi com o tempo curvo das memórias, com minhas vivências e percepções, e tecendo cruzamentos no presente e com perspectivas de pesquisas atuais e matrizes antigas, com conhecimentos de culturas de oralitura, que prospectam saberes e fazeres futuros de “criações de mundos”, dançando entre encruzilhadas, no fio da navalha das epistemes, que se fez corpo este trabalho.

O *tempo espiralar* e as *oralituras* foram conceitos importantes que me ajudaram a fundamentar e construir as diferentes etapas metodológicas desta pesquisa. Olhar para isso, me permitiu somar perspectivas sob o aspecto processual e metodológico do fazer pesquisa neste trabalho. Assim como, nos conteúdos, nas estruturas, nas experiências estéticas da pesquisa, percebo, agora, ao final do trabalho, que a metodologia foi ganhando olhares inspirados em diferentes perspectivas, conforme as necessidades iam surgindo no caminho: “as metodologias”.

Vi na **cartografia** uma maneira de partir de diferentes pontos, dar atenção para o processo, operar nas zonas fronteiriças e traçar o caminho ao passar, mas uma insuficiência para orientar outras maneiras de estar nesta pesquisa. A pesquisa cartográfica permite que o pesquisador busque inspirações em diferentes referenciais para compor, aos poucos, seus movimentos de pesquisa e escrita. Percebi que havia, na forma de trabalhar nas práticas corporais com **TKV**, elementos importantes que traziam, além de conteúdo, contornos metodológicos para essa pesquisa, principalmente no que diz respeito a escuta do corpo e o estado de presença. No entanto, como essa pesquisa não é, por exemplo, sobre composição coreográfica ou estudos anatômicos, e sim tem um foco importante nas linguagens do corpo na relação com os saberes, as **performances da oralitura**, para pensar como as corporalidades se processam, também agregam camadas importantes. E como esse **rizoma de escuta das oralituras** vem através de memórias, que modificam as relações com o presente para sonhar com futuros, o conceito de **tempo espiralar** também expressa parte do processo. Enquanto a **pesquisa somática performativa** apresenta parte da camada da experiência

estética da escrita, e as **performances decoloniais** trazem outras dimensões políticas, das relações com identidades frente a colonialidade, que tomam corpo também na forma da escrita e estrutura, além das ideias. Das informações às incorporações.

No entanto, essa é apenas uma das possibilidades de cruzo a composição desta leitura de tempos e modos, de diferentes epistemologias de corpos em movimento e indisciplinados³⁹. Outras possibilidades existem, mas para isso, antes é necessário abrir espaços para outros movimentos.

8.2.1 Desafios de tessitura de conceitos e diálogos de diferentes matrizes

Percebi, durante a escrita da proposição compositiva que trago e a escuta de outros trabalhos, que nos encontramos em uma encruzilhada temporal cultural em que o letramento racial e os diálogos interculturais e decoloniais nos colocam frente ao desafio da ética do cuidado, do respeito e atenção com as apropriações culturais, a descontextualização de elementos das culturas ou não referência a suas matrizes. Desafio, pois, nem sempre há uma linha visivelmente separada, nem sempre conhecemos as matrizes e, às vezes, nos misturamos de tal modo às ideias dos autores ou os fazeres estão tão misturados em nosso cotidiano, que é difícil saber o que é referência, gatilho criativo, inspiração, ou se estamos fazendo uma tradução em outras palavras. E ainda há a possibilidade de acontecer choque de conceitos, das diferentes matrizes, que dão maior complexidade para traçar o encontro de pontos de convergência, que permitam a tessitura de um corpo de pesquisa nos moldes acadêmicos.

Desse modo, propor uma tessitura de uma rede de conceitos sobre o corpo, de diferentes matrizes de conhecimento pode também cair nestes lugares de descaracterização e tornar os temas rasos, enfraquecendo qualquer um dos fios da tessitura que aqui propus. Por isso o desafio das interlocuções é grande. E eu espero não estar traçando este caminho homogenizador, mas sim, reunir forças através da diferença e estabelecer contato por pequenos pontos de convergência, tecer redes móveis.

Entendendo que possivelmente eu posso ter nomeado de forma equivocada, ou não dado atenção suficiente para algum aspecto que tange as relações étnicas raciais, dado o andamento do meu processo com letramento racial. Tentei não perder de vista o meu lugar de fala, sem cair no medo das interlocuções. Pois entendi que não poderia deixar de falar destas

³⁹ que não se contêm parados em disciplinas e que possuem, tradicionalmente, metodologias de corpos parados, ou sequências prontas, repetitivas, em que educandos não sejam sujeitos ativos em seus processos compositivos de aprendizagem.

questões de algum modo, já que, na base de todo o processo colonizatório, encontramos os epistemicídios, daí o racismo epistêmico. Portanto, o racismo epistêmico precisa ser dissecado, compreendido, trabalhado, por todos que se pretendem educadores com propostas de educação que supere a hegemonia dos saberes.

8.3 _____ POR ÚLTIMO, UMA RETOMADA E/OU OUTRA COMPOSIÇÃO

Entendi que há uma estreita relação entre **saberes, identidade e presença**. Sendo necessária a presença para mover saberes, pesquisa. E para ativar o estado de presença e estar presente se faz necessário um trabalho cuidadoso que atravessa diferentes aspectos e camadas, sendo a identidade, ou “as identidades”, pontos sensíveis desta rede de relações que sustenta a presença do “corpo-conciente”, corpo presente.

E não há identidade sem memória, sem historicidade e encontro. A produção do apagamento da historicidade ou da sua não-produção impõe a não-presença. E daí a não-produção de saberes, a não-autoria.

A partir do estado de presença e do aspecto “presença”, olhei para a rede de relações que nos envolve e entrelaça. Perceber, olhar, escutar, cheirar, abrir “captos de sentidos”, e relacionar, compreender, saber, isso preenche “as coisas” de sentidos. E aprender sem sentido, e sem sentidos (captos), “não faz sentido”. **Produzir saberes é mergulhar-se de sentidos**⁴⁰.

Entendi que há uma relação intensa e talvez indissociável entre saberes e espaços/ambientes. Os movimentos movedores de saberes indissociavelmente ocupam e movem o espaço/ambiente. Os saberes movidos e os movimentos geradores de saberes imprimem no ambiente a memória que há de compor corpografias, corpos, saberes e concepções do espaço.

E dessa forma entendi que o corpo-terra é também o corpo-corpo (humano e não-humano). Os corpos são compositores do ambiente, do corpo-terra. Por isso a territorialidade imprime, localiza, afirma saberes ou desloca, desorienta, pela sua falta. Penso que talvez, também por esse motivo, as culturas de oralituras reivindicam território (povos originários), e reterritorialização (povos diaspóricos), identidade, seus saberes, como permanência de suas próprias vidas e comunidades, e ainda a vida de outras vidas não-humanas. Território é corpo. Saberes-cultura são corpo-território-terra.

40 Inspiro minhas palavras deste trecho nas ideias e poética de Isabel Marques, no primeiro capítulo do livro “Linguagem da Dança, Arte e Ensino”.

Entendi, partindo da escuta do corpo, que o território, ambiente geopolítico, é parte da tríade da colonialidade do ser, saber e poder, não só como “lugar recipiente de pessoas”, e das relações de poder entre sul global e norte global, “recipiente sul” e “recipiente norte”, mas como agente compositor de corpes. Então com nortes, “sules”, oestes e lestes incorporados e corporificados, e assim também de potencialidades contra-hegemonicas. O que pode ser um pouco óbvio por um lado, partindo do campo sociopolítico e teórico, mas partindo da percepção do corpo se fazem outros caminhos e se agregam outras camadas e sentidos.

Entendi que não é possível desatar os nós dessa teia corpo-ambiente-saberes-presença-identidades-territorialidade. A não ser que o projeto seja de dominação colonial dos sujeitos-corpos, de decomposição da teia, um empreendimento contínuo e forçoso que recai sobre as culturas-pessoas-ambientes. E por isso há a desvalorização das matrizes de conhecimentos de povos negros, indígenas e outros, e por isso há a criação de hierarquias de linguagens. Faz parte do projeto de “composteira cultural” da colonialidade, da globalização. Uma sopa hegemônica, um churume, que de maneira paradoxal, ao mesmo tempo dilui e homogeniza enquanto separa e hierarquiza.

Passar através desse entrelaçamento de referências, teorias e minhas experiências corporais me fez perceber e firmar a ideia de que o entendimento da expressão corporal como linguagem e dos saberes como construção mútua num fluxo inestancável entre *informações* e *incorporações*, assim como a compreensão do corpo enquanto biblioteca viva das escrituras performadas e laboratório alquímico criativo de textos e processos é fundamental para entender as culturas de oralitura como produtoras de conhecimento que atravessam tempos e espaços.

E esse entendimento é importante tanto para pesquisa de “antigos novos” modos de pesquisar com, na, entre, a, linguagem corporal, como também para a abertura de caminhos epistemológicos e processos educativos que se dão em diálogo com esses “corpesoutres”. Sejam em espaços escolares no campo das Ciências da Natureza ou em espaços não-escolares.

Ao mesmo tempo, insistir na potencialidade do corpo como pesquisador e ativador de conhecimentos inscritos é (re)existir contra as correntezas da colonialidade. E antes de alcançar um oceano intercultural, com relações de trocas justas e equânimes entre as diferentes linguagens, escritas, orais e corporais, ainda temos muitos cruzos pela frente. É ainda necessário antes e durante cruzar conhecimentos, chutar portas fechadas para ultrapassar fronteiras ou minimamente criar as fissuras ruptivas nas hierarquias desiguais

entre as bases científicas de diferentes matrizes culturais e étnicas, suas diferentes linguagens e seus modos próprios de atuar.

Parece indispensável **criarmos coletivamente outras ficções políticas**, ancorando-nos em **saberes ancestrais e contemporâneos**, em que haja a **diluição das hierarquias** de linguagem, a não reprodução das opressões, **valorização das diferenças e das presenças**, trazendo o corpo para o centro, **reformulando bases de conceitos**, acordando mundos adormecidos e sem sentidos para semear outros mundos. Mundos tecidos por uma **rede de sentidos**, de **afetos**, de **pontos de contato**, intercâmbios, cruzos, ancorados em parâmetros éticos de cuidado, reciprocidade, alteridade, empatia, inclusão, partilha. Mundos **dialógicos e pluriversais**, de **consenso**, de acordos, mundos que se **movimentam** de forma consciente, **presentes**, acordados.

REFERÊNCIAS

BARRETO, João Paulo Lima. **“Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro”**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. Manaus – AM. 2021.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Cadernos PPG-AU/UFBA, v. 7, n. 2, 2008

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O pensamento indígena amazônico**. Palestra. Departamento de Antropologia do Museu Nacional. Rio de Janeiro. 2009. *YouTube*, Ciencia19h IFSC/USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E7lOjgpq19>> Acessado em: 29/05/2022

CÉSAIRE, Aimé. **Discursos sobre o colonialismo**. 2ª Ed. Livros e Livros, 2020.

COSTA, Luciano B. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria: vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai/ago. 2014.

DALLANHOL, Kátia Maria B. **Jeroky e Jerojy: por uma antropologia da música entre os Mbyá-Guarani de Morro dos Cavalos**. Dissertação de mestrado em antropologia social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002.

DANTES, Anna, KRENAK, Ailton, et al. **FLECHA 3 - METAMORFOSE**. Youtube, SELVAGEM, ciclo de estudos sobre a vida. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q2IS8YhphHw>>. Acessado em 27/11/21.

DANTES, Anna, KRENAK, Ailton, ET AL. **FLECHA 4 - A SELVA E A SEIVA**. Youtube, SELVAGEM, ciclo de estudos sobre a vida. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BPVv1qs9ZGw>>

DANTES, Anna, PAPÁ, Carlos, TAKUÁ, Cristine, MENDES, Elisa. – **JEROKY, Carlos Papá fala sobre Jeroky e como dançar na Nheery**. 2021. *Youtube*, SELVAGEM, ciclo de estudos sobre a vida. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mlipzvcQ9wM>>. Acessado em 29/11/21.

DANTES, Anna, PAPÁ, Carlos, TAKUÁ, Cristine, MENDES, Elisa. - **Nhé'ery, Carlos Papá**, 2021. *YouTube*, SELVAGEM, ciclo de estudos sobre a vida. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog>>. Acessado em 29/11/21.

FERNANDES, Ciane. **CoreoGrafia Aquática: Danças e as escritas ecocêntricasdecoloniais**. Palestra ministrada no 16º Seminário CCODA da EEEFTO/UFMG. Colóquio: Dança e Linguagem: escrita e prática artística. 2020. 1 vídeo (32 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=57ISXmqDDRU&t=886s>>. Acessado em 18/11/2021.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005

GREINER, Christine. **Com Versa Transpensar com Christine Greiner - pedras 21 o pequeno caos**. Palestra. *YouTube*, Sofia Neuparth. (54:20). 26 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NIb2If5Fba8>>Acessado em: 07/09/23

GREINER, Christine. **A importância dos estudos do corpo para as epistemologias da comunicação**. Palestra. [S. l.]: Entenda como funciona o jornalismo televisivo//PIC - parte 01. *Podcast*. (1h 18min). out. de 2020. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0mlnXXytaovQmDdkXPzpdH?si=MbUbTuw6TW2sd4uLVYt3Hw>> Acesso em: 28/10/23.

KATZ, Helena, GREINER, Christine, MIGNAC, Márcia. “**Dança e Política: novas reflexões a partir da teoria corpomídia**”. Festival Internacional de Dança de Araraquara. 2020. Palestra. Canal *YouTube* Prefeitura de Araraquara. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NQ5soaxkJOs>>

KATZ, Helena, GREINER, Christine. **Katz conversa imaginária com Boaventura S. Santos e Greiner ecologia de saberes: alteridades e corpos**. Canal *YouTube* Escola de Dança – UFBA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i8i8nkv1hhu&t=2440s>>

KATZ, Helena. “**Corpar. Porque corpo também é verbo**”. In: BASTOS, Helena. *Coisas vivas: fluxos que informam*. São Paulo: ECA-USP, 2021. p.19-30.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p-207.

KRENAK, Ailton, ROLNIK, Suely. “**Constelações insurgentes: fim do mundo e outros possíveis. Conversa com Ailton Krenak e Suely Rolnik**”- *YouTube*, Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. 2019. Palestra. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?>

v=k5SP0GHjWfw&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2Bu8X88RlmPWXvDXyH8IUPrw3LNnldByUQx1xnbLzPZnFcE0GpJ5D4kbE> Acessado em: 25/08/2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

MAKUXI, Jaider Esbell. **Auto decolonização – uma pesquisa pessoal no além coletivo**. Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Florianópolis, SC. Rocha Gráfica e Editora, Coleção AYA, v. 1, p. 33 - 47. 2020.

MARQUES, Danieli Alves Pereira; KUNZ, Elenor. **Entre percepção, historicidade e expressão: a dança como linguagem**. Movimento, Porto Alegre, v. 26, p. 01-17, 2020.

MARQUES, Danieli Alves Pereira; MILLER, Jussara. **Entre palavra e movimento possíveis interlocuções na Técnica Klauss Vianna**. MORINGA - Artes do Espetáculo, [S. l.], v. 14, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/67251>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MILLER, Jussara; NEVES, Neide. **Técnica Klauss Vianna: Consciência em Movimento**. In: Ilinx: Revista do LUME (Núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais da Unicamp), n. 3, set. 2013.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

PAPÁ, Carlos. **Plantas Mestras - Ler os Códigos por Carlos Papá**. Casa França Brasil, Rio de Janeiro, 23/10/22. *YouTube*, Selvagem Ciclo de Estudos e Dantes Editora. 11/11/2022. Palestra. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Fi-T7hAKxLE> >. Acessado em: 14/05/2022

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual: Políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Las Subjetividades como Ficciones Políticas**. Hay Festival, Cartagena, 2014. *YouTube*, Kbeza Rodante. 14/02/2014. Palestra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4GnRZ7_-w4>. Acessado em: 27/09/2019>

RIBEIRO, Simone S.; GIRALDI, Patrícia M.; CASSIANI, Suzani. **Escrevivência Como Mediadora Para Um “Outro” Horizonte Epistemológico**. Diálogos sensíveis: produção e circulação de saberes diversos. Florianópolis, SC. Rocha Gráfica e Editora, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogias das encruzilhadas**. Rio de Janeiro, Brasil. Mórula, 2019.

SILVA, Rairan de Almeida. **Uma coreografia estranha: educar pela imagem do mito, um olhar através do perspectivismo ameríndio**. In. DasQuestões, Vol.8, n.2, abril de 2021. p. 268-276.

VON LINSINGEN, Irlan; CASSIANI, Suzani. **Educação CTS em perspectiva discursiva: contribuições dos estudos sociais da ciência e da tecnologia**. 2010.

XONDARO ha'egui Xondaria Jeroky - A dança dos xondaros e xondarias. *YouTube*, Programa Aldeias SP. 20 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7mh6FxA2yk>> Acessado em 25/05/22.

YEPAMAHSÃ, João Paulo Barreto; GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. **Teatro e povos indígenas: o perigo da folclorização**. Artigo de livro. Teatro e os povos indígenas: Janelas abertas para a possibilidade. Org. TERENA, Naine; DUARTE, Andreia. n-1 edições, 2022.